



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS  
PROFESSOR MILTON SANTOS**

**PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
CULTURA E SOCIEDADE**

CAROLINA FARIAS MORAES

**AS TORCEDORAS QUEREM (PODER) TORCER**

SALVADOR  
2018

**CAROLINA FARIAS MORAES**

**AS TORCEDORAS QUEREM (PODER) TORCER**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Linda Rubim

SALVADOR  
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial desse trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Farias Moraes, Carolina  
As torcedoras querem (poder) torcer / Carolina  
Farias Moraes. -- Salvador, 2018.  
157 f.

Orientador: Linda Rubim.  
Dissertação (Mestrado - Instituto de Humanidades,  
Artes e Ciências Professor Milton Santos) --  
Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal  
da Bahia, 2018.

1. futebol. 2. torcedoras . 3. torcidas  
organizadas. 4. torcedoras organizadas . 5.  
negociação. I. Rubim, Linda. II. Título.



Ata da Reunião da Apresentação Oral da Dissertação de **CAROLINA FARIAS MORAES**

Intitulada: “**As Torcedoras Querem Torcer**”.

Aos 04 (quatro) dias do mês de setembro de dois mil e dezoito, no IHAC - *Instituto de Humanidades, Artes e Ciências* da Universidade Federal da Bahia, foi instalada a Banca Examinadora da Apresentação da dissertação intitulada: “**As Torcedoras Querem Torcer**”. Após a abertura da sessão, foi composta a Banca Examinadora formada pelos professores: **Prof.(a) Dr.(a) Lindinalva Silva Oliveira Rubim**– Orientador(a) - e pelo(a) examinador(a) externo(a): **Prof.(a) Dr.(a) Heloisa Helena Baldy dos Reis** e interno(a) do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade: **Prof.(a) Dr.(a) José Roberto Severino**. Conforme o Regimento Interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade foi dado o prazo de trinta minutos para que o/a mestrando/a fizesse a exposição do seu trabalho e trinta minutos para que os membros da Banca realizassem a arguição. Primeiro falou o/a avaliador (a) externo/a **Prof.(a) Dr.(a) Heloisa Helena Baldy dos Reis**. Após o/a examinador(a) externo(a), fez suas arguições o/a **Prof.(a) Dr.(a) José Roberto Severino**, avaliador(a) interna/o. Depois que os membros da Banca falaram, foi dado um prazo de trinta minutos para que o/a mestrando/a fizesse a sua réplica. Concluída a exposição, arguição e réplica, a Banca Examinadora se reuniu e considerou a dissertação de **CAROLINA FARIAS MORAES** como APROVADA. Nada mais havendo a tratar, eu, Prof.(a) Dr.(a) **Lindinalva Silva Oliveira Rubim** lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pelo/a mestrando/a. Salvador, 04 de setembro de 2018.

Prof.(a) Dr.(a) **Lindinalva Silva Oliveira Rubim** \_\_\_\_\_  
Prof.(a) Dr.(a) **Heloisa Helena Baldy dos Reis** \_\_\_\_\_  
Prof.(a) Dr.(a) **José Roberto Severino** \_\_\_\_\_  
Mestrando(a) **CAROLINA FARIAS MORAES** \_\_\_\_\_

MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Aprovada em: 04 de setembro de 2018.

#### Banca Examinadora

Profa. Dra. Linda Silva Oliveira Rubim – Orientadora \_\_\_\_\_

Universidade Federal da Bahia  
Doutora em Comunicação (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis \_\_\_\_\_

Universidade Estadual de Campinas  
Doutora em Educação Física (Universidade Estadual de Campinas)

Prof. Dr. José Roberto Severino \_\_\_\_\_

Universidade Federal da Bahia  
Doutor em História Social (Universidade de São Paulo)

*Em memória à minha avó Maria José e ao meu  
avô Francisco Antônio*

## AGRADECIMENTOS

Ouvimos muito sobre a solidão no processo de escrita acadêmico, e é fato que ela ocorra, porém se esse sentimento tivesse tomado por completo meu processo de estudo, digo sem receio, essa dissertação jamais teria chegado ao fim. Por isso farei uma lista longa de agradecimentos. Exatamente por acreditar que esse é o espaço para manifestar experiências que me fizeram chegar até aqui, e especialmente aquelas que envolveram pessoas que encontrei ao longo de minha trajetória. Em tempos sombrios, em que os interesses pessoais se sobressaem aos coletivos, a individualidade destaca-se enquanto fator preponderante às conquistas, as amizades virtuais cada vez mais são escolhidas em detrimento do convívio, esses agradecimentos correm contra a maré. Aqui, vocês encontrarão o que há de mais verdadeiro e real na experiência de construção desse trabalho. Por isso, agradeço:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa para realização desse trabalho. Sem este apoio, a realização desse trabalho dificilmente seria possível. Enfatizo o meu desejo de que as instituições de financiamento à pesquisa permaneçam exercendo esse papel em suas políticas de apoio às diversas áreas de pesquisa.

Sou grata à Universidade Federal da Bahia, em especial ao programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, por compreenderem a importância da temática da pesquisa mesmo tendo como tema algo pouco comum no histórico de pesquisas do Programa. Amplio meus agradecimentos à minha orientadora Linda Rubim, que encarou o desafio de estar comigo nessa pesquisa, por sua leitura atenciosa e cuidadosa e pela compreensão diante do meu processo de escrita. Deixo também meu agradecimento ao professor José Roberto Severino, membro das Bancas de Qualificação e Defesa, pela leitura dedicada ao meu trabalho e pelos seus preciosos apontamentos.

Agradeço também às professoras e aos professores que fizeram parte da minha trajetória. Mesmo diante das adversidades do ensino público em nosso país, tive a oportunidade, no ensino básico e médio, de ter professoras e professores que conseguiram transmitir valores e princípios que corroboram para a minha longa jornada de vida. Estendo aos professores do curso de Ciências Sociais do Centro Universitário Fundação Santo André – onde me graduei com apoio do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) – e da especialização em Sócio Psicologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde tive a primeira oportunidade de colocar no papel minhas ideias sobre a pesquisa. Ideias essas que já faziam

parte das minhas experiências pessoais e profissionais há alguns anos. Dentre todos esses, considero importante mencionar aquelas e aqueles que me acolheram e acreditaram nessa temática de pesquisa, ainda quando essa dissertação era um sonho. São elas: Caroline Freitas, Maria do Mar Pereira, Priscila Dornelles, Rosana da Câmara, Silvana Goellner, e em especial, a professora Heloisa Helena Baldy dos Reis que compôs as Bancas de Qualificação e Defesa dessa dissertação. Heloisa, cuja generosidade na forma de compartilhar seus conhecimentos foi enorme, inspirou não apenas meu processo de criação, mas o meu desejo por “ser mais”, como diria o saudoso Paulo Freire. Dentre os professores quero agradecer: Bernardo Buarque de Hollanda, Luís Felipe Hirano, Osmar Souza Júnior, Paulo Roberto Leandro e Vitor Gruvald.

Não poderia deixar de agradecer aos governos de Luís Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff, que foram essenciais para que eu pudesse experimentar uma nova perspectiva de país, alimentaram minha crença na possibilidade de ingressar na vida acadêmica.

Estendo minhas considerações para a organização não governamental Ação Educativa, em nome de Antonio Eleilson Leite, que acreditou na minha competência e contribuiu para que minha experiência profissional sobre a temática do futebol e cultura se tornasse realidade. Ainda no campo institucional, não poderia deixar de citar o Museu do Futebol, em especial Aira Bonfim e Daniela Alfonsi. Agradeço a parceria e o apoio sempre presente nas temáticas das mulheres torcedoras. À Aira Bonfim, deixo meu carinho e admiração por todos os trabalhos que desenvolvemos juntas, os quais se desdobraram no fortalecimento de nossa amizade.

Meu especial agradecimento aos jovens que compõem a Rede Paulista de Futebol de Rua, projeto que tive a oportunidade de coordenar e que me proporcionou valoroso crescimento profissional e pessoal. Desse espaço surgiram também parcerias que se tornaram amizades, com Mariana Andrade, Melissa Gonçalves e Vandrigo Lugarezi.

Meu muito obrigada, mas muito obrigada MESMO(!) à todas as torcedoras que participaram dessa pesquisa. Sem vocês nenhuma das linhas aqui escritas existiria. Por isso, expresso minha gratidão a todas as torcedoras de ambas as torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis* que dedicaram seu tempo para responder a pesquisa nos intervalos de jogos, na chuva, em meio ao seu divertimento, e também nos momentos que seus clubes não iam tão bem nos campeonatos. Agradeço especialmente às torcedoras organizadas que não apenas acreditaram em minha pesquisa, mas confiaram a mim, informações privilegiadas e muitas vezes sigilosas. Como é da natureza de uma relação de confiança, essas informações não foram reveladas nesse trabalho, mas certamente enriqueceram meu processo de pesquisa, e sobretudo minha bagagem intelectual e afetiva. Em resposta a essa confiança, espero ter realizado um



trabalho que contribua para o debate do tema das mulheres torcedoras, ultrapassando os muros da academia.

Algumas torcedoras tiveram mais próximas a mim nessa pesquisa. Da torcida organizada *Bamor*, gostaria de mencionar a experiência, parceria e trajetória de Maiara Argolo (May), e também as torcedoras Danuzia e Roberta Dumas. Igualmente, agradeço as conversas e parceria de Mariana Martins, profissional que colabora com a torcida *Os Imbatíveis* e torcedora da *Dragões da Real*; à ajuda enriquecedora de Mariana Silva, da torcida organizada *Os Imbatíveis*; e pela colaboração de Bete Dantas. Nesse mesmo espírito de arquivancada, teço um agradecimento especial à Dadá Ganham, pelo seu incansável e incondicional apoio. Dadá é um forte exemplo de torcedora organizada que dedica a sua vida a percorrer as arquivancadas e pensar as questões das mulheres nos ambientes do futebol. Agradeço também às torcedoras Deby Silva e Luane Azambuja, pelas trocas e experiências compartilhadas nesses últimos anos.

Amigas e amigos que me acolheram aqui em Salvador, obrigada por fazerem minha caminhada mais alegre, afetuosa e rica: Ana Gualberto, Ana Lúcia Silva Souza, Carol Bandeira, Ivana Flores, Leandro Dantas, Laurette Perin, Matheus Rosa, Malaíka Kempf, Paula Luciano e Thiago Pondé.

Às amigades que estão comigo há um bom e prazeroso tempo, e com os quais foram inúmeras as trocas e conversas quando esse trabalho ainda era uma ideia: tenham certeza de que a torcida de vocês foi imprescindível para que essa ideia se tornasse realidade. A gratidão que sinto por vocês não caberia nessas linhas: Adriana Landucci, Catia Fernandes, David Monteiro, Ednéia Gonçalves, João Bosco, Léa Pintor Arruda, Liliana Landucci, Maitê Gauto, Marcello Stella, Maurício Rodrigues, Otto Stenke, Regina Costa, Thaísa Schmaedecke. Obrigada, Helena Nader, pela atenção, compreensão e pelo afeto que você dedicou a mim sempre que te procurei desejosa pelas suas sábias palavras. Obrigada, querida Júlia Nader Dietrich. Você que entrou na minha vida como uma chefe exemplar, com quem aprendi muito profissionalmente, é hoje uma irmã. Irmã escolhida, que caminha ao meu lado, com quem sempre cresço mais um pouquinho, e a quem espero fazer o bem que me faz. Agradeço muito sua ajuda neste trabalho, especialmente pela leitura cuidadosa. Sua maneira de partilhar seus conhecimentos é algo engrandecedor, de encher os olhos e os corações de alegria e amor. Compartilho dessa admiração por Cilene Silva Fernandes, a quem me dou o direito de chamar de “tutora”. Devo a você uma ampla parcela dessa conquista. Dedico esse trabalho a você pelo inestimável carinho e dedicação que teve por mim em tantos momentos difíceis da minha vida, e em especial pela ajuda nas aplicadas revisões de textos e nas trocas de ideias ao longo do processo de elaboração desse trabalho. Estar ao seu lado é um aprendizado diário.

Agradecer a minha companheira, Flávia Landucci Landgraf, certamente não será uma tarefa simples. Digo isso, porque devo a ela a chance de estar vivendo esse momento. Flávia, você não só me convenceu de que seria possível participar de uma seleção de mestrado, como também a (re)viver numa nova cidade! E, mais, acreditou que eu poderia escrever essa dissertação. Vivenciei contigo um dos momentos mais enriquecedores de minha vida, já que diariamente você me lembrava da importância de minha pesquisa. E por isso, a você também caberia pedir desculpas por todas as vezes que pensei em desistir e que você teve que se esforçar para novamente me trazer para a “superfície”. Sua generosidade, seu amor e sua compreensão me fizeram chegar até aqui.

Tenho enorme gratidão por minha avó Maria José, que fez parte da minha criação. Seu carinho e cuidado permanecem em minha memória como imediata tradução do amor. Dedico também essas linhas ao meu avô, Antônio Francisco, pelas lembranças musicais que desde muito cedo me fizeram valorizar a história do povo nordestino. Saibam que a música “Assum Preto” de Luiz Gonzaga sempre me aproxima de vocês. Também gostaria de mencionar: Alessandra Mendes, Matheus Farias, Miguel Farias, José Bento de Alencar, José Bento de Alencar Júnior. Dedico um agradecimento especial a minha tia Janete Mendes, pessoa de um coração gigante e que foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Obrigada pelo seu cuidado e atenção permanentes e incansáveis. Ao meu irmão Vinícius Farias Moraes, pela oportunidade de compartilhar experiências e perspectivas diversas na tentativa de sempre ser alguém melhor. Mãe, Maria Aparecida Mendes Farias... mulher guerreira, que assim como a grande maioria das mulheres de nosso país criou os filhos sozinha. A você devo meu espírito de luta e minha proximidade com a vida política desde cedo. A sensação de que não estou sozinha seguramente me acalmou para nunca desistir. Como costumamos dizer uma para outra: Como é bom saber que estamos do lado certo da luta!

MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

## RESUMO

Essa pesquisa busca compreender a presença das mulheres nas torcidas organizadas de futebol. Para tal fim, utilizamos a metodologia da observação participante já que dispõe de acompanhamento das torcedoras organizadas nos espaços de sociabilidade que comportam os estilos de vida das torcidas organizadas. As torcidas organizadas escolhidas para essa pesquisa são as torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis*, as maiores do estado da Bahia. Para esse estudo entendeu-se que o conceito de negociação seria o mais indicado à medida que nele encontramos espaço para identificar as possíveis modificações que a presença das torcedoras organizadas poderia suscitar nas torcidas organizadas em questão. Trata-se, nesse sentido, de um estudo que pretende relacionar as questões de cultura, gênero e futebol, levando em consideração questões como a construção da identidade nacional, masculinidades, identidades e participação.

**Palavras-chaves:** futebol; torcedoras, torcedoras organizadas; torcidas organizadas; negociação.

MORAES, Carolina Farias. **Women want to (be able to) support their football clubs.** 2018. 157f. Dissertation (Master degree in Culture and Society) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

### ABSTRACT

This research seeks to understand the presence of women in football (soccer) supporters' groups in Brazil through the use of the methodology of participant observation. By using this method, we are able to observe the women in the spaces of sociability that embody their lifestyles as female soccer supporters. The supporters' groups chosen for this research were *Bamor* and *Os Imbatíveis*, the largest in the state of Bahia. For this study it was understood that the concept of negotiation would be the most indicated as it allows us to identify the possible modifications that the presence of these women could have on the selected supporters' groups. This is a study that aims to relate the issues of culture, gender and football, considering themes such as the construction of national identity, masculinities, identities and participation.

**Keywords:** football; supporters; women supports; supporter's groups; negotiation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Opinião das torcedoras sobre o possível efeito de um relacionamento afetivo com outro (a) membro de sua torcida - <i>Bamor</i> .....	41
<b>Figura 2</b> – Opinião das torcedoras sobre o possível efeito de um relacionamento afetivo com outro (a) membro de sua torcida - <i>Os Imbatíveis</i> .....	42
<b>Figura 3</b> – Frequência de utilização de termos pelas torcedoras para expressar sua identificação clubista - <i>Bamor</i> .....	48
<b>Figura 4</b> – Frequência de utilização de termos pelas torcedoras para expressar sua identificação clubista - <i>Os Imbatíveis</i> .....	48
<b>Figura 5</b> – Imagem de tatuagem de torcedora - <i>Bamor</i> .....	50
<b>Figura 6</b> – Imagem de tatuagem de torcedora - <i>Os Imbatíveis</i> .....	50
<b>Figura 7</b> - Símbolo da torcida organizada - <i>Bamor</i> .....	54
<b>Figura 8</b> - Torcedoras do <i>Bonde Feminino</i> - <i>Bamor</i> .....	56
<b>Figura 9</b> – Bandeira do <i>Bonde Feminino</i> - <i>Bamor</i> .....	56
<b>Figura 10</b> - Símbolo da torcida organizada - <i>Os Imbatíveis</i> .....	57
<b>Figura 11</b> – Torcedoras do <i>Comando Feminino</i> - <i>Os Imbatíveis</i> .....	58
<b>Figura 12</b> – Bandeira do <i>Comando Feminino</i> - <i>Os Imbatíveis</i> .....	59
<b>Figura 13</b> – Quadrinho “Eu Torço Sim” .....	65
<b>Figura 14</b> – Percentual das entrevistadas que indicam a existência de regras específicas para mulheres torcedoras - <i>Bamor</i> .....	69
<b>Figura 15</b> – Percentual das entrevistadas que indicam a existência de regras específicas para mulheres torcedoras - <i>Os Imbatíveis</i> .....	70
<b>Figura 16</b> – Percentual de entrevistadas que apontam cumprir regras - <i>Bamor</i> .....	70
<b>Figura 17</b> – Percentual de entrevistadas que apontam cumprir regras - <i>Os Imbatíveis</i> .....	71
<b>Figura 18</b> – Opinião das torcedoras sobre a sua participação em festas nas arquibancadas – <i>Bamor</i> * .....	75
<b>Figura 19</b> – Opinião das torcedoras sobre a sua participação em festas nas arquibancadas - <i>Os Imbatíveis</i> * .....	76
<b>Figura 20</b> – Dia de jogo do Bahia na Arena Fonte Nova .....	81
<b>Figura 21</b> - Corredor Rubro Negro no estádio Barradão.....	83
<b>Figura 22</b> – Convite do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada .....	86
<b>Figura 23</b> – Foto final do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada .....	87

<b>Figura 24</b> – Opinião das torcedoras sobre aceitar situações e/ou imposições para sua participação na torcida - <i>Bamor</i> .....	100
<b>Figura 25</b> – Opinião das torcedoras sobre aceitar situações e/ou imposições para sua participação na torcida - <i>Os Imbatíveis</i> .....	100
<b>Figura 26</b> – Opinião das torcedoras sobre negociações para participar de sua torcida – <i>Bamor*</i> .....	102
<b>Figura 27</b> – Opinião das torcedoras sobre negociações para participar de sua torcida - <i>Os Imbatíveis*</i> .....	102
<b>Figura 28</b> – Participação de torcedoras em campanhas – <i>Bamor*</i> .....	108
<b>Figura 29</b> – Participação de torcedoras em campanhas - <i>Os Imbatíveis*</i> .....	108

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1. O LUGAR DA MULHER NA PAIXÃO NACIONAL .....	26
1.1 Futebol, Cultura e Identidade Nacional.....	30
1.2. Em um futebol que é de todos, qual o espaço delas? .....	37
1.2.1. <i>Torcer, Torcida e Torcedora</i> .....	43
2. AS TORCEDORAS QUEREM TORCER.....	52
2.1. Bahia e Vitória: os esporte clubes e suas maiores torcidas organizadas .....	52
2.2. Lugar de mulher é na bancada.....	59
2.2.1. <i>Decisão em jogo</i> .....	66
2.2.2. <i>A torcedora e sua torcida organizada</i> .....	73
3. MINHA PRESENÇA TE INCOMODA? .....	78
3.1. I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada.....	85
3.2. Negociações em campo .....	93
3.2.1 <i>Medos Privados em Lugares Públicos</i> .....	104
CONSIDERAÇÕES: MAS AFINAL, POR QUE ELAS ESTÃO LÁ? DAS RESISTÊNCIAS E ADVERSIDADES .....	111
REFERÊNCIAS .....	116
ANEXO A – REGISTRO DE JOGOS DIÁRIO DE CAMPO .....	131
ANEXO B – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO ÀS TORCEDORAS ORGANIZADAS	132
ANEXO C – CANTO “SOU TRICOLOR” DA TORCIDA ORGANIZADA <i>BAMOR</i> .....	136
ANEXO D – CANTO “VITÓRIA MEU AMOR” DA TORCIDA ORGANIZADA <i>OS IMBATÍVEIS</i> .....	137
ANEXO E – QUESTIONÁRIO ENVIADO PARA AS TORCEDORAS QUE PARTICIPARAM DO 1º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DE ARQUIBANCADA .....	138

ANEXO F – DOCUMENTO DE PROPOSIÇÕES DO 1º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DE ARQUIBANCADA .....	142
ANEXO G – DADOS TABULADOS PESQUISA TORCIDA ORGANIZADA BAMOR .	144
ANEXO H – DADOS TABULADOS PESQUISA TORCIDA ORGANIZADA OS IMBATÍVEIS .....	148
ANEXO I – DADOS TABULADOS PESQUISA I ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DE ARQUIBANCADA .....	153
ANEXO J – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO 1 .....	155
ANEXO K – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM 1.....	156
ANEXO L – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM 2 .....	157



*Este trabalho faz parte de minha história não apenas pelas possibilidades profissionais que a vida universitária poderá me conceder, mas por acreditar na importância da sensação de pertencimento que o futebol me proporcionou, e que me tornou amante desse esporte. Reconectar essas sensações com as das mulheres torcedoras não perfaz apenas uma obrigação etnográfica, mas me coloca novamente como parte desse contexto. Nessas experiências recentes, saio dos estádios todas as vezes com a certeza que mudanças são possíveis, mesmo que de modo despretensioso. Hoje, dadas as mazelas futebolísticas, minha avaliação se faz de modo mais consciente e crítico, no entanto, não menos apaixonada. Fazer parte, sentir-se parte, ser parte de uma torcida de futebol poderá para muitos ser algo inusitado. No mais, aos que nunca foram a um estádio de futebol, a única coisa que tenho a dizer é: simplesmente vão.<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Trecho extraído da biografia afetiva do projeto entregue para seleção de mestrado no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, 2016.

## INTRODUÇÃO

O Torcedor<sup>2</sup> (*sic*)

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio.

Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada.

Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come o boné, sussurra preces e maldições, e de repente arrebenta a garganta numa ovação e salta feito pulga abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa pagã, o torcedor é muitos. Compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juízes estão vendidos, todos os rivais são trapaceiros.

É raro o torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”.

Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.

Quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra sua vitória, que goleada fizemos, que surra a gente deu neles, ou chora sua derrota, nos roubaram outra vez, juiz ladrão. E então o sol vai embora, e o torcedor se vai. Caem as sombras sobre o estádio que se esvazia. Nos degraus de cimento ardem, aqui e ali, algumas fogueiras de fogo fugaz, enquanto vão se apagando as luzes e as vozes. O estádio fica sozinho e o torcedor também volta à sua solidão, um eu que foi nós; o torcedor se afasta, se dispersa, se perde, e o domingo é melancólico feito uma quarta-feira de cinzas depois da morte do carnaval.

O futebol, como parte importante de nossa cultura, encontra-se de tal modo imbricado à sociedade, que pensá-lo como objeto de estudo significa abrir um leque importante de abordagens. Os limites deste trabalho comportam não apenas as implicações temporais de uma dissertação de mestrado, mas também, as contradições emergentes na vivência prática e cotidiana das torcidas organizadas. Apenas isso, já bastaria para apresentar as potências e problemáticas descritas nas linhas a seguir, no entanto, essas contradições estão mais evidentes ao passo que nos anos que este trabalho foi escrito o País experimentou uma reviravolta impactante pela forma abrupta que se desencadeou o processo de impeachment vivido pela presidente eleita Dilma Rousseff. Nos últimos dois anos fomos atingidos pelo processo de impeachment; golpes; PEC (Proposta de Emenda Constitucional) de congelamento de gastos; manifestações a favor e contra os processos; greves; corrupção antes, durante e depois; prisões. Um cenário nada animador!

---

<sup>2</sup> Essa crônica de Eduardo Galeano (2009) traduz o sentimento do torcer de forma poética, apresenta cenários que contribui na tentativa de transmitir sentimentos e sensações para aqueles que ainda por algum motivo não tiveram a oportunidade de estar em um jogo de futebol.

Sendo assim, é importante compreendermos que este trabalho reflete nosso entendimento de que o futebol se faz interligado às questões sociais, culturais e políticas do País.

É comum nos depararmos com a necessidade de busca de *sentido* para algo. A busca por sentido, muitas vezes, parece permear de forma consciente ou não em nosso cotidiano. Não obstante, essa pesquisa é uma afirmação de um lugar da autora que conectou os *sentidos* de reivindicação e afirmação dos lugares: mulher jogadora, mulher torcedora, mulher profissional de futebol e o da mulher pesquisadora. Parece-nos evidente a potência dessa trajetória, um caminho cheio de sentidos, significados e negociações, no qual o óbvio não se apresenta como incontestável e o desejo não está relacionado diretamente à conquista.

Com essa proximidade com o futebol parece simples encontrar sentido na proposta de pesquisa que trazemos, no entanto, essa busca não se apresenta apenas no início de um caminho a ser construído, mas também, no seu trajeto. É, portanto, nas respostas dos *porquês* que nos últimos anos a ideia desse trabalho nasce e floresce. Como profetizou o cantor Cazuza *o tempo não para*<sup>3</sup>, e é recorrente reivindicarmos o lugar do futebol como parte da sociedade brasileira.

Seja sorte ou azar, essa efervescência política do Brasil nos obrigou a desfocar o olhar que aqui se direciona para as arquibancadas, mas também, utilizar a lente como um espaço de construção dialética. Ou seja, a escrita do trabalho alimentou-se das questões políticas do País como hipoteticamente a arquibancada também experimentou consequências desse momento. Ao apresentar essa troca não podemos ser ingênuos, pois, é dela também que emergem a possível perda de sentidos. Ora, se procuramos sentido na maioria das coisas que realizamos em nossas vidas, parece-nos importante refletir como no início dessa pesquisa o sentido se encontrava em um *lugar* que “ventilava” com mais tranquilidade as conquistas vivenciadas pelo País em diálogo com a luta das mulheres e torcedoras. Contudo, se hoje nos são apresentados caminhos de reivindicações e de espaço pelas mulheres em vários setores da sociedade não estamos falando de algo impossível, mas sim, de algo que caminha em uma direção onde parecíamos ter mais possibilidades de diálogos, trocas e escutas.

O *vai e vem* dos acontecimentos afeta diretamente a produção da escrita, especialmente na tentativa irreal da manutenção de uma atualidade dos fatos. Da mesma forma, a realidade pouco promissora em relação às previsões políticas e econômicas do País é dura com sua população. Realidade esta que impacta não apenas o transcorrer da pesquisa, mas,

---

<sup>3</sup> A música *O Tempo não Para* foi composta por Cazuza e Arnaldo Brandão e lançada em 1988.

sobretudo, o cotidiano das pesquisadas: parte de uma realidade atroz erigida pela ação de elites que lutam pela manutenção dos seus privilégios.

É em meio a esses arranjos que apresentaremos as propostas de caminhos para pensarmos e discutimos coletivamente a temática da presença das mulheres nas torcidas organizadas de futebol. Antes de darmos início às descrições dos capítulos e seções, é preciso compartilhar informações acerca do percurso da pesquisa, um movimento que abarcou negociações e estratégias para conseguir as informações necessárias e pertinentes ao trabalho.

Pesquisar a temática das torcidas organizadas requer muita atenção! Muitas vezes as imagens que construímos das torcedoras organizadas e torcedores organizados são aquelas veiculadas na grande mídia e que rotineiramente enfatizam a violência; problemas que são reais, mas que de modo algum devem ser analisados desconectados dos problemas vividos no âmbito de nossa sociedade. Para estudar, conhecer e acompanhar as torcedoras organizadas foi preciso compreender, especialmente, que as informações só seriam compartilhadas a partir da construção de confiança entre as partes. Foram alguns jogos<sup>4</sup>, aplicações de questionários<sup>5</sup>, muitas conversas, visitas e um contato semanal por telefone<sup>6</sup>(via WhatsApp<sup>7</sup>), que contribuíram na busca insistente pelas informações aqui descritas. É certo que a metodologia da observação participante nos ajudou nesse processo, pois é com ela que os acompanhamentos aos jogos e as visitas às sedes ganharam potência, como veremos a seguir. Enfrentamos o desafio de significar uma presença incômoda e, por vezes, inibidora das atitudes e práticas das torcedoras organizadas. E, para superar essa situação, foi preciso assumir o tempo como um grande amigo. Com o passar dos meses os contatos avançaram e conseguimos criar uma rotina nos jogos e nas conversas pelo WhatsApp. Era preciso sentir o momento propício para pedir uma informação, uma imagem e/ou um novo contato de outra torcedora organizada; é extremamente importante reconhecer que as torcedoras organizadas não estavam à disposição da pesquisa já que muitas vezes experimentam uma rotina árdua.

Também mantivemos contato com as torcedoras que participaram do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada por meio de um grupo geral de WhatsApp criado após a sua realização. Em alguns casos especiais, essa troca se manteve desde a pré-produção do evento, como com Adla Ganam (conhecida como Dadá) - que há aproximadamente 15 anos faz

---

<sup>4</sup> Tabela e legenda dos diários de campo encontra-se no anexo A.

<sup>5</sup> Questionário completo aplicado para as torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis*, encontra-se no anexo B.

<sup>6</sup> Durante toda a pesquisa contabilizamos aproximadamente 80h de áudios - mensagens de voz - via WhatsApp, além disso, também em números aproximados, foram contabilizadas cerca de 60 páginas (formato A4) de mensagens de textos via WhatsApp; vale ressaltar, que não estão mensuradas nesse levantamento as idas aos jogos de futebol e ligações telefônicas.

<sup>7</sup> Aplicativo de mensagens; multiplataforma de mensagens instantâneas.

parte da torcida organizada Gaviões da Fiel, a principal torcida organizada do Sport Clube Corinthians Paulista –, e com a pesquisadora Aira Bonfim do Museu do Futebol – que juntamente com a equipe do Museu do Futebol, se empenhou na organização do evento. Junto a Dadá e a Aira, participei da organização do evento, na sua realização, e na elaboração da sua relatoria e documento final.

As trocas e os contatos narrados foram cruciais na elaboração da pesquisa que subsidiou essa dissertação, que se organiza da seguinte forma:

No primeiro capítulo nomeado “O lugar da mulher na paixão nacional” são apresentados diálogos entre as contradições de um “País do futebol” – ou seja, no qual o futebol tem especial importância a todos seus cidadãos – em contraposição a um País que “escolhe e determina” quem fará parte dessa realidade. “O País do Futebol” figura uma escolha bastante parcial em suas ações em relação às mulheres próximas ao esporte. Nesse sentido, contradições são apresentadas diante dos chavões do futebol e das complexas contribuições do esporte na construção da identidade nacional. A primeira seção desse capítulo “Futebol, Cultura e Identidade Nacional”, propõe-se a exatamente construir uma articulação entre os três pontos apresentados, abarcando os conceitos de cultura, bens materiais e simbólicos. Apresentamos o futebol enquanto parte importante da cultura brasileira.

Na sequência, a seção “Em um futebol que é de todos, qual o espaço delas?” é dedicada à relação entre os conceitos de Nação e masculinidade sublinhando as complexidades desse discurso, especialmente na sua mútua dependência para manutenção da ordem entre a construção da masculinidade e os aspectos de identidade nacional. Além disso, estabelecemos relações acerca das noções de pertencimento a um clube, uma Nação e ou uma pátria. Para finalizar, “Torcer, Torcida e Torcedora” nome que intitula a última seção descortina exatamente essa presença, a persistência e o desafio diário das mulheres torcedoras nas arquibancadas. Percorrer os conceitos do torcer de torcida organizada ajudará a compreensão sobre qual têm sido os espaços destinados às mulheres nos ambientes de sociabilidade. É presumível que o arranjo de sua presença tenha mudado consideravelmente no decorrer dos anos.

No segundo capítulo “As torcedoras querem torcer” nos dedicamos a discutir os caminhos para a compreensão *do ser que torce*. Seus espaços de sociabilidade e circuitos preenchem os olhos daquelas que compõem não apenas o espaço da arquibancada, mas também as ruas, as sedes das torcidas organizadas, os bares, ou seja, os espaços que as torcedoras e os torcedores manifestam e traduzem as várias facetas do torcer. Algo nos convida na construção dessa narrativa que rompe com as naturalizações de uma cultura machista – a presença da mulher. Não porque a presença da mulher é algo novo, já que elas sempre estiveram lá, mas

porque algo vem mudando no que diz respeito à presença das torcedoras na dinâmica social da torcida organizada.

A seguir, a subseção “Bahia e Vitória: os Esportes Clubes e suas maiores torcidas organizadas” será o espaço destinado a refletir as histórias, trajetórias e perspectivas das torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis*, focando nas relações que as torcidas estabelecem com as torcedoras organizadas. “Lugar de mulher é na bancada” faz referência ao mote trazido por mulheres torcedoras que enfatizam o discurso de que a arquibancada é um lugar que pode e deve ser ocupado não apenas por homens. Essa seção apresenta informações importante na interlocução com as torcedoras organizadas que fizeram parte do campo etnográfico, nos estádios, nas arquibancadas, nos diálogos e observações.

“Decisão em jogo” foi o nome escolhido para a subseção seguinte, a fim de refletir sobre as contestações que atravessam a entrada das mulheres nas torcidas organizadas de futebol, espaço simbolizado como destino de homens torcedores, e não “mulheres” torcedoras. Elas foram além e não só entraram no estádio, nas arquibancadas, nos bares, e nas ruas, mas também nas torcidas organizadas. Algo de tamanha ousadia jamais se configuraria de forma tranquila, exatamente por causa das contradições que envolvem um espaço de *sociabilidade para poucos*. Fazer parte de uma torcida organizada de fato é transgressor, pois a torcida organizada se configura como a centralidade do “universo do macho”. Ou seja, diante de um futebol que preconiza as características masculinas, a torcida organizada apresenta-se como algo que pode ir além, um grupo de pessoas – homens heterossexuais –, que decidem, deliberam e solucionam os problemas sem a presença das mulheres. As incertezas e as possíveis conquistas da permanência, a criação de torcidas organizadas apenas de mulheres e a resistência são alguns dos temas trabalhados. Por fim, “A torcedora e sua torcida organizada” aborda a trajetória dessas mulheres que compõem as torcidas organizadas. Buscamos, por meio das narrativas, percorrer sua conexão com o esporte, seu clube, até a decisão de pertencer a determinada torcida organizada, e sua prática dentro dela.

No último capítulo, a pergunta que lhe dá nome “Minha presença te incomoda?” poderia ser respondida de prontidão por várias torcedoras com um autêntico “*sim*”. No entanto, é exatamente o porquê desse incômodo que é o objeto de reflexão do capítulo. Na seção “I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancadas” fazemos uma análise desse evento que foi realizado em 10 de junho de 2017, no Museu do Futebol, na cidade de São Paulo – SP. Esta escolha orienta-se pelo fato de que no ano em que a pesquisa em questão começou a ser desenvolvida ocorreu a maior articulação de torcedoras já registrada no país. O I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada certamente marcou um novo momento para este estudo

e dada a sua importância histórica e simbólica são relatados os impactos e caminhos que esse momento trouxe enquanto contribuição para pensar sobre as mulheres nas arquibancadas.

A seção “Negociação em campo” traz uma tenaz narrativa apresentando os conceitos de negociação como decisivos para responder as inquietações que por vezes aparecem nos diálogos com as torcedoras organizadas. A subseção “Medos privados em lugares públicos” revela os meandros dessa participação, que não passa apenas por negociações de presença, mas também por conquista de um espaço que afronta com uma linha imaginária – que, muitas vezes, também se apresenta como real –, do que as torcedoras podem ou não podem fazer. No entanto, o que nos parece curioso pensar, vai além de um clichê de que *Quanto maior a torcida, melhor*, pois, nesse aspecto, não importaria quem a compõe ou dela participa, mas sim, a quantidade de pessoas que dela fazem parte. Aqui estamos falando de *alguém* específico, com *habitus*, com estereótipo e sexo, sendo assim, o que estaria por trás de características fundamentais para se configurar um *ser que torce* enquanto um *ser masculino*?

A seção “Mas, afinal porque elas estão lá? Resistências e adversidades” apresenta possíveis conclusões articulando as narrativas de campo aos conceitos discutidos na dissertação. Os caminhos escolhidos ou não pelas torcedoras organizadas para permanecerem em suas torcidas organizadas, e quais as principais problemáticas que pudemos observar que são frequentemente enfrentadas por elas nesses ambientes.

A relevância da presença das torcedoras e torcedores para a compreensão do futebol é imprescindível; aspectos que se referem à sociabilidade torcedora, violência, concepções, estilos de torcer e estudos do ponto de vista historiográficos estão presentes no âmbito dos estudos acadêmicos<sup>8</sup>. Não obstante, a presença de estudos sobre mulheres torcedoras, apesar de crescente, ainda carece de atenção. Esse destaque é importante exatamente para expor a dificuldade que, muitas vezes, tem se apresentado na busca de referências para esse trabalho em questão. É diante desse cenário que a pesquisa buscou, com cuidado e, ao mesmo tempo, com coragem, dissertar acerca da presença das mulheres nas torcidas organizadas, universo notadamente regido pela exaltação da masculinidade e apresentar negociações subjacentes a essa presença e suas implicações.

Por fim, tomo aqui a liberdade em tecer um comentário em primeira pessoa, por este refletir uma aprendizagem pessoal que se vincula, mas não é restrito, ao tema desta pesquisa. No processo de escrita do trabalho, pude perceber como estamos habituados a compreender o masculino como sendo o genérico da humanidade. Digo isso, porque, mesmo

---

<sup>8</sup> HOLLANDA (2008); REIS (1998); TOLEDO (1996); DAMO (1999).

realizando um estudo sobre a presença de mulheres em torcidas organizadas de futebol, me deparei por vezes utilizando a flexão de nomes no masculino para fazer referência a todas as pessoas presentes em um estádio de futebol, por exemplo. Acredito que o fazer acadêmico é um processo de aprendizagem. Nesse sentido, compartilho não apenas as dificuldades, mas também o meu comprometimento em realizar um trabalho de pesquisa na forma inclusiva de gênero. Aproveito para compartilhar o exemplo que extraí do texto de autoria coletiva “Linguagem inclusiva de gênero em trabalho acadêmico”, publicado no blog Blogueiras Feministas (ago. 2013), que me inspirou a expor tal inquietação:

Optei, ao longo deste *paper*, por sempre usar o feminino para me referir a alguma categoria mista de pessoas. É uma tentativa de pôr em questão a naturalidade com que o masculino é entendido como sendo o genérico da humanidade. No caso da língua portuguesa, este esforço é bem mais custoso do que no inglês, já que é difícil produzir uma sentença sem que as marcas de gênero estejam presentes. Assim, o estranhamento é maior e, após certo momento, começa a parecer cansativo, correndo o risco de afastar a leitora. Mas me dispus a pagar este preço<sup>9</sup>.

Ainda sobre a escrita inclusiva de gênero, é notória a dificuldade em utilizar a flexão feminina “torcedora” ao longo de toda a seção “Torcer, Torcida e Torcedora”. Trata-se de uma seção de cunho historiográfico que busca a gênese da presença das mulheres nos estádios de futebol. Não me pareceu adequado utilizar a mesma terminologia de denominação para estas mulheres daquela utilizada para as que posteriormente passam a frequentar os estádios sem que tal mediação estivesse diretamente implicada: as então torcedoras.

---

<sup>9</sup> Nota de rodapé do artigo de Luis Felipe Miguel “Consenso e conflito na teoria democrática: para além do ‘agonismo’” (disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/02/consenso-e-conflito-teoria-democratica-para-alem-agonismo.pdf>). Esse artigo, citado no texto coletivo “Linguagem inclusiva de gênero em trabalho acadêmico”, foi indicado por Catarina Correa, colaboradora do blog, como sugestão de leitura e exemplo de “alguém que optou por colocar todo o texto no feminino, explicando no rodapé”.



*Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio?  
Experimente. Pare no meio do campo, e escute.  
Não há nada menos vazio que um estádio vazio.  
Não há nada menos mudo que as arquibancadas  
sem ninguém.*

Eduardo Galeano<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Trecho extraído do livro “Futebol ao Sol e à Sombra”, 2009, p. 26.

## 1. O LUGAR DA MULHER NA PAIXÃO NACIONAL

[A Bola Corre Mais Que Os Homens<sup>11</sup> (*sic*)]

Quando eu era menino, havia um personagem que morava num morro perto de nossa casa. Era um homem humilde, que vivia de entregar verduras. Dia sim, dia não, levava verduras na casa de minha avó para que ela, sua “freguesa”, escolhesse as mais viçosas. Seu Zezinho morava só e tinha um passado envolto em mistério. Dizia-se que ele havia perdido toda a família depois que um dom-juan local – chama-se esse tipo de “gavião” – “roubava sua mulher”, desmoralizando-o perante os vizinhos, amigos e parentes. E o pior era que o tal “ladrão de mulher” era o seu melhor amigo.

Um dia tomei coragem e perguntei a minha avó se aquela história era verdadeira. Vovó nem confirmou, nem desmentiu. Fez apenas um ar de indiferente com o qual os adultos gostam de brindar as crianças quando enfrentam as questões a que não querem responder. Queimado de curiosidade perguntei a um amigo mais velho que não só confirmou a história, mas ainda me forneceu o motivo pela qual a mulher o havia abandonado: o verdureiro era “broxa”, impotente, incapaz de fazer sexo. Foi por causa disso, falou meu amigo com veemência brasileira, “que a mulher o deixou”. “E o seu Zezinho?”, indaguei mordido pela angústia do seu drama e já tomado de uma imensa simpatia pelo pobre homem. “Bem”, disse-me rindo o amigo mais sabido: “Seu Zezinho diz que todas as vezes que ele queria comer a mulher havia empate! Empate, broxada, compreendeu?”

É claro que entendi. Tanto que a história e afigura tragicômica de seu Zezinho não me abandonaram até hoje. E volta à minha mente quando o time do Brasil assume a decisão política de jogar para empatar, de encarar o jogo de futebol como uma atividade racional, previsível e “profissional”, como querem Zagallo e Parreira.

Se um time adota a ideologia do empate, ele assume a sua impotência e vira o seu Zezinho. Deixa de ter confiança nos próprios pés – ou melhor: no próprio taco –, preferindo deixar que a Copa o abandone por outro selecionado mais sedutor, mais confiante, mais ousado e mais potente. Pois a potência que sustenta casamentos, engendra filhos e, no campo de futebol, produz vitória, não depende só de milagre. Ela é, acima de tudo, o resultado da decisão de “comer a bola” e o time adversário. Mas para tanto é preciso exorcizar o empate, a trave e a indecisão.

Se a bola, como todo mundo sabe, corre mais que os homens, não se pode ficar parado, tem-se que correr atrás dela e fazê-la penetrar no gol do adversário. (DA MATTA, 2006, p.54)

Sejam palavras poéticas transcritas para expressar as andanças da bola nos becos e vielas do país do futebol, sejam narrações que exprimem o calor e o sabor da vitória empolgante por dribles desconsentes. Esse passeio da bola conspira e inspira histórias importantes sobre a proximidade do futebol e a construção da masculinidade no Brasil. Somado a isso, a sociedade brasileira – patriarcal – é obstinada em preservar aspectos de virilidade e masculinidade em sua história futebolística. Assim, futeboleiros vangloriam o esporte pela força, garra e robustez demonstrada nos campos e arquibancadas, nos quais, aos olhos mais atentos, também pode ser observados abraços ardentes entre homens, frequentemente descamisados e suados, tomados pela volúpia e emoção próprias às comemorações de um gol. Sim, pode não parecer mais estamos falando de futebol, aliás como costumam dizer por aqui “Como assim, só futebol?! É

---

<sup>11</sup> Título do livro de Roberto DaMatta (2006) que reúne crônicas produzidas para os jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde por ocasião da cobertura das copas de 1994 e 1998.

o nosso futebol.<sup>12</sup>” Esse futebol de tantas resenhas e crônicas foi escolhido pelo Brasil como patrimônio identitário nacional; nele portanto, encontramos as questões de identidades e masculinidades que se inventam e/ou reinventam enfatizando a toada desse capítulo: Qual o lugar da mulher na paixão nacional? Em um futebol que é de todos, qual o espaço delas? É dessa maneira que pretendemos expor as contradições entre um futebol que se propõe como de todos, mas acaba por excluir parte da sua torcida, utilizando uma escrita que dialogue tanto com as crônicas e histórias mais antigas quanto com as atuais e que possa vagar entre os preconceitos externados sem pudor, incluindo as reclamações de que hoje “não se pode dizer mais nada”. Para isso, tomaremos a liberdade de descrever um fato verídico em primeira pessoa, uma trágica anedota que dá o tom ao que será versado nas seções desse capítulo concernentes à posição da mulher no futebol.

Em uma noite agradável da cidade Salvador (BA), saí com uma amiga para conversarmos; nos encontramos em um bairro famoso onde existe a concentração de bares. Em determinado momento da noite resolvemos nos sentar em um bar em que estavam reunidas outras colegas, algumas do mesmo curso, e outras, que eram amigas das amigas e amigos dos amigos. O assunto era os acontecimentos políticos do país. Penso inclusive que não poderia ser muito diferente, já que o momento político era tenso e complicado. O motivo era o recente processo de impeachment que a presidenta eleita Dilma Rousseff<sup>13</sup> tinha sofrido. Pois bem, estávamos aproximadamente em sete pessoas na mesa, e frequentemente outras chegavam e algumas saíam. Nesse meio tempo, eu discordei de um posicionamento de um dos homens, o João<sup>14</sup>, que estava na mesa conosco. Para ele o processo de impeachment tinha sido “dentro das conformidades da lei” e na minha leitura, o que tinha acontecido fora um “golpe parlamentar<sup>15</sup>”. Eu coloquei minhas opiniões tentando não deixar a conversa em um tom agressivo, e algumas vezes fiz brincadeiras e/ou comentários na tentativa de pacificar a situação dizendo que “não precisávamos nos exaltar”.

---

<sup>12</sup>Slogan de uma propaganda de TV. Com o objetivo de mostrar a força do futebol nacional e o alcance das transmissões, o canal SporTV e o Premiere lançaram essa campanha em 2016.

<sup>13</sup>Em 2010, foi escolhida pelo Partido dos Trabalhadores para concorrer à presidência da República, com o resultado das urnas foi a primeira mulher a chegar ao cargo no Brasil. Já em 2014 Dilma Rousseff foi reeleita em uma das eleições mais disputadas da história do país. Em maio de 2016 foi afastada do exercício de seu cargo em decorrência de um processo de Impeachment que sofreu. Em agosto de 2016 foi definitivamente retirada do seu cargo.

<sup>14</sup>Utilizaremos João como um nome fictício.

<sup>15</sup>Para mais informações: *O Golpe na perspectiva de Gênero* – organizado pelas pesquisadoras do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT) da UFBA, a professora Dra. Linda Rubim e a jornalista Fernanda Argolo, e editado pela Editora da UFBA (Edufba). E *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado* do sociólogo Jesse de Souza publicado pela editora Leya em 2016.

Em uma das minhas tentativas frustradas de mudar de assunto, eu disse: “Vamos falar um pouco de futebol?”. Ingenuamente achei que minha proposta poderia apaziguar o momento da discussão, considerando que nada “produtivo” poderia sair daquele debate. Triste ilusão! Mais uma vez, como mulher percebi o quanto é complexo tentar expor minha opinião, seja ela política ou futebolística.

A partir desse momento a situação começou a ficar no mínimo preocupante: João, precipitadamente, subiu seu tom de voz (alguns diriam que ele estava gritando) dizendo que se eu quisesse falar de futebol, teria que saber a escalação do Esporte Clube Bahia. Obviamente aquela não era a verdadeira questão. Sabendo ou não, eu seria impedida de falar a escalação dado o tom de voz que ele impôs ao nosso “diálogo”.

João então me perguntava agressivamente: “Quer falar de futebol, e não sabe o nome de um jogador?”. E continuava com sua voz grossa e potente: “Vai, não quer falar? Então, fala qual é o nome do zagueiro<sup>16</sup> do Bahia? Quer falar de futebol e não sabe de nada! Para de encher o meu saco!” Nesse momento eu olhava para ele e dizia: “Por que tudo isso? Isso é preciso?”.

Minha voz simplesmente não era nada! Com a entonação da voz dele, fui ficando menor do que o copo de cerveja que ele não deixava de beber. Mas de modo algum a embriaguez podia ser justificativa à sua “máscula” atitude, ou reconhecido seu vasto conhecimento em futebol por lhe ser possível nomear de cor a escalação dos jogadores do Esporte Clube Bahia. Antes de discutir com João, esperei, como antecipação, uma reação das colegas que também estavam na mesa. Mas o silêncio ensurdecedor das demais também me assustou. Nesse momento, com força quase desesperada, numa tentativa de um fim de noite menos absurdo, disse a ele: “João, eu pesquiso futebol, eu joguei futebol, eu estudo futebol, faz mais de dez anos que eu penso sobre isso, eu estou a meses indo assistir os jogos do Bahia; Eu e o futebol; Eu, futebol, Eu...”.

Enfim, nada adiantou, acho até que, só piorou! Por fim, a colega que fui encontrar me retirou da mesa para irmos embora, enquanto João se levantava, apontando o dedo para mim, gritando qualquer coisa, porque eu já não conseguia mais ouvir nada tamanho era meu abatimento com aquela situação. Pensei: quantas e quantas vezes passei por isso, agora que estou fazendo mestrado sobre o tema, um estudante, da própria universidade com amigas e amigos próximos, me ofendia dessa maneira. E além disso, quem saiu da mesa fui eu!... e as que ali estavam, nada fizeram para reprimir a atitude do João. Saí, mas a única coisa da qual

---

<sup>16</sup>Não me recordo exatamente a qual posição do campo João fez referência.

me lembro é que de tanto nervoso eu já tirava “sarro” de sua atitude como se fosse tudo que me restara: dar risada e tentar mostrar o quanto estava sendo machista e ridícula sua atitude.

Talvez essa descrição e a narrativa em primeira pessoa causem algum estranhamento. A contribuição pretendida não é a de “apontar o dedo” e gritar mais alto – apesar do desejo –, mas é exatamente a de aproveitar o espaço desta dissertação para demonstrar o quanto somos suscetíveis ao machismo e o quanto o saber sobre determinado assunto não necessariamente impede o conflito com claras demarcações de gênero. E violência que sofri, como veremos ao longo deste trabalho, não é exceção.

O futebol ainda se apresenta enquanto um lugar em que as práticas de machismo estão presentes, assim como apresentado na crônica de DaMatta (2006) que abre essa seção. É nele que homens encontram espaço para evidenciar seus preconceitos, como se o futebol fosse um espaço exclusivo do “grupo dos verdadeiros” homens, em que “a exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita” (BOURDIEU, 2002, p. 64). É também, a respeito desses *medos* que iremos tratar, pois estamos diante de uma *reserva* que está cada vez mais sendo desconstruída por mulheres que entendem que o futebol também é um espaço delas. Portanto, o embate está dado ao passo que é também no futebol que homens encontram alento para exprimir seus desejos, opiniões, intenções e tensões – quase como um rito semanal –, e por anos esse espaço certamente representou isso. Hoje apesar dessa manutenção, a disputa é mais evidente:

O futebol tornou-se um símbolo da virilidade flexível de uma juventude formada por uma **cultura patriarcal em que a vigorosa potência viril e a elegância verbal literário-retórica** contavam entre os valores mais altos: diante das tribunas coloridas, onde se apinhava a “flor da juventude feminina”, os jogadores podiam, então, com uma espécie de **retórica física**, incomparavelmente mais eficaz do que a verbal, explorar sua masculinidade (ROSENFELD, 2007, p.81 **negrito nosso**).

A frase “*Somos o País do Futebol*” seja sentença, conquista ou destino é reivindicada como privilégio em nosso País. Considerando que hipoteticamente isso seja verdade é inegável que somos o País do futebol masculino (BRAGA, 2015; GOELLNER, 2014). O futebol certamente está cheio de valores sociais e culturais que o coloca como parte importante da sociedade brasileira. É por meio da identificação nacional que parte expressiva da população brasileira vive o futebol no seu dia a dia, seja pela prática nos mais diversos rincões ou pelas televisões espalhadas em cada esquina. Esse público é formado em sua grande maioria por homens que tiveram a oportunidade de escolher se este esporte faria ou não parte de sua vida (DAOLIO, 1994). Desse modo, a construção da identidade nacional e sua vinculação com a masculinidade são os temas de investigação deste capítulo.

## 1.1 Futebol, Cultura e Identidade Nacional

Daremos início a essa reflexão acerca das questões levantadas pelo autor Hilário Franco Jr. (2014), que argumenta que os aspectos culturais do futebol não são apenas representados em momentos simbólicos de suas manifestações, mas como *part entière* ou “parte inteira” da cultura de uma sociedade. Ou seja, o futebol como algo por dentro da cultura, e menos como parte reconhecida e referendada em momentos de manifestações culturais.

De fato, por mais duradoura que toda a sociedade seja, quando vista na longa duração histórica ela é uma conjuntura, enquanto estrutura é o conjunto de elementos articulados que possibilita (o termo deriva de *struere*, “juntar”, “organizar”, “construir”, “instruir”) a própria sociedade, isto é, língua, comportamentos coletivos, religião, mitos, ritos e instituições. **Estrutura é, portanto, a cultura** (FRANCO JÚNIOR, 2014, p. 369 e 370, negrito nosso).

Esta afirmação nos parece um bom início para que essa articulação entre o futebol, a cultura e a identidade seja feita. O autor explica que as relações que compreendem a conjuntura e estrutura estão regularmente estabelecendo uma relação dialética, e, portanto, “para compreender o futebol não basta vê-lo como fenômeno social, é necessário (...) observá-lo enquanto fenômeno cultural” (FRANCO JÚNIOR, 2014, 370).

Para Clifford Geertz (1989), a cultura se apresenta à base de um modo de produção de bens materiais e simbólicos, muitas vezes historicamente determinados, derivado de um conjunto de regras que indica e dá significados. Portanto, para esse autor, o homem “é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1989, p. 15). “Teias” elaboradas pelos próprios homens, ambos construídos dialeticamente, ou seja, os sujeitos não apenas constroem a cultura, mas também se constroem fundamentados nela, seja por meio de palavras e gestos, seja por qualquer forma simbólica conservada em circuitos sociais, por exemplo o futebol. Nesse aspecto, o futebol é vivido, sentido e integrado às práticas cotidianas, mesmo no caso de sujeitos que não se vinculam a ele diretamente, uma vez que estes compartilham de um espaço social integrado ao imaginário do futebol, e lidam, por exemplo, com as dinâmicas futebolísticas que tecem esse emaranhado de emoções.

John B. Thompson (2011), por sua vez, critica Geertz afirmando que este não ofereceu atenção suficiente para o contexto dos fenômenos sociais. Nesse sentido é que Thompson ressalta a necessidade de compreender as relações de poder e conflito que compõem os fenômenos culturais por meio dos contextos históricos e socialmente construídos, com atenção aos símbolos que estão em constante movimento.

Dessa forma, podemos entender o futebol enquanto fenômeno cultural como uma expressão que mantém ou rompe com as relações de poder, estando sujeito “a múltiplas, talvez

divergentes e conflitivas, interpretações” (THOMPSON, 2011, p. 180). Nessa perspectiva, vale destacar Renato Ortiz (2006), que afirma que “conceber a esfera da cultura como um lugar de poder significa dizer que a produção e a reprodução da sociedade passam necessariamente por sua compreensão” (ORTIZ, 2006, p.29).

Por fim, apresentaremos também as contribuições teóricas de Raymond Williams (1969), cuja noção de cultura nos contempla exatamente pela possibilidade de desprender o conceito de um lugar suspenso, destinado apenas às camadas do campo de trabalho intelectual, e localizá-lo enquanto “elemento fundamental na organização da sociedade e, portanto, um campo importante na luta para modificar essa organização” (CEVASCO, 2012, p.111). Assim, a cultura é posicionada no cerne dos processos de reprodução, mas também de transformação social. O autor apresenta a ideia de uma *cultura comum*, uma cultura que representa e compõe o modo de viver de uma sociedade específica, e que emerge de um *lugar comum*, rompendo a concepção de que esta é produzida e reproduzida em um espaço inacessível e/ou destinado a uma parcela específica de uma população.

**Uma cultura comum não é, em nenhum nível, uma cultura igual.** Mas pressupõe, sempre, a igualdade do ser, sem a qual a experiência comum não pode ser valorizada. Uma cultura comum não pode opor restrições absolutas ao acesso a qualquer das suas atividades: este é o sentido real do princípio de igualdade de oportunidades. (WILLIAMS, 1969, p. 326, negrito nosso).

O campo da cultura, portanto, se configura como um espaço de produção e transformação social, desdobrado em interações entre forças sociais, sejam elas de sinergia ou de tensionamento. Por outro lado, o campo da cultura é também aquele composto por e de onde emergem as elaborações simbólicas; é nele que se constrói a compreensão do indivíduo sobre o espaço social assim como a percepção que este tem de si próprio. Portanto (i) as dimensões da cultura e da política estão imbricadas e (ii) a cultura é estrato fundamental para a localização do sujeito no fazer político, que como parte de coletividades, identifica-se com determinados grupos e diferencia-se de outros. Sendo a *Nação* a principal unidade política do mundo contemporâneo, o espaço da cultura na conformação nacional não poderia ser marginal, assim como também não deixaria de ser na construção de uma *identidade nacional*.

Partimos de uma perspectiva crítica acerca das identidades nacionais, que desnaturaliza a existência delas e as localiza em um tempo determinado, ou seja, estas identidades correspondem a um delineamento histórico. Para isso, recorreremos a dois autores fundamentais, Stuart Hall (1992) e Benedict Anderson (1993). Cabe ressaltar que mesmo esse debate sendo bastante complexo, e não correspondendo diretamente à temática deste livro, entendemos que esta discussão é importante para conectar com qualidade a ideia da identidade nacional brasileira com o futebol.

Stuart Hall (1992) evidencia a questão dos códigos que são utilizados para a manutenção da Nação. Entre elas estão os *discursos* que forjam caminhos e interferem diretamente na construção de uma narrativa nacional. Portanto, podemos considerar que a Nação não se apresenta com uma estrutura pronta, ela eclode das tensões e dos conflitos que florescem na história de seu povo.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mais também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1992 p.50-51, grifo do autor).

Benedict Anderson (1993), por sua vez, contribui ao debate com o conceito de *comunidades imaginadas* como uma construção discursiva e histórica. Acrescenta que as Nações são um dispositivo cultural, uma forma de construção de uma narrativa que favorece na construção e manutenção de símbolos que perduram. Isto é, “nações conformam um sentido comunitário imaginado, pois nem mesmo na menor delas seus membros conheceriam a maioria de seus compatriotas ou sequer ouviriam falar deles” (ANDERSON, 1993, p.23).

Especialmente sobre o debate do futebol e identidade nacional, o conceito de *comunidades imaginadas* estabelece conexão com o que chamamos “pátria de chuteiras”, pois esta diz respeito a símbolos, nacionalidades e sentido de pertencimento, sob o qual, segundo Arlei Damo (2014), constroem-se “comunidades de sentimentos”.

Nesse futebol, um time jamais entra em campo pensando apenas nos interesses, expectativas e fragilidades de seus integrantes. Ele é preparado para algo mais importante, digamos, que é representar as aspirações de uma comunidade de sentimentos, que pode ser um clube ou uma nação/pátria. (DAMO 2014, p. 27).

Podemos entender narrativa histórica do futebol como um mito. Ian Watt (1997) defende que mito é, “uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns valores básicos de uma sociedade” (WATT, 1997, p.16). Fazemos alusão ao conceito de narrativa “quase histórica” de Watt para discutir como o futebol é compreendido a partir de momentos históricos. Ou seja, é um fenômeno fundamentado em fatos históricos, porém que também agrega elaborações formuladas através dos embates narrativos, necessariamente políticos. Seria, conforme preconizado por Hobsbawm e Ranger (1997) uma *tradição inventada*, ou seja:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas tais práticas, de natureza prática ou simbólica que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, ou que implica, autoritariamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p. 9).



A partir dos conceitos de identidade e de Nação citados nesta pesquisa, a construção da identidade nacional em conexão com o futebol permeia e impulsiona diversos debates ainda atuais. Dentre eles, primeiramente, a ideia de que jogo acaba por agregar, em cada momento histórico, diferentes pautas, sejam elas políticas, econômicas, culturais, étnico-raciais ou de gênero. E, não menos importante a ideia do entusiasmo pelo esporte, inclusive pela incrível falta de rotina que ele proporciona a seus amantes. Um jogo simples, de regras pouco complexas, jogado praticamente em qualquer lugar e no qual o torcer é chave fundamental do espetáculo.

O futebol como fenômeno cultural e social e suas tensões e negociações podem apresentar alguns caminhos de reflexão e abertura para repensarmos nossa atuação em questões centrais da sociedade. Como aponta Gregory (2014), “é nessa modalidade [o futebol] que as desigualdades de gênero se somam com mais força às desigualdades de classe e étnico-raciais” (p. 13). Paradoxalmente, o futebol no Brasil contribuiu para construção da imagem ideal da Nação, se utilizando de símbolos nacionais, como enfatizado por Simoni Lahud Guedes (2014):

No caso brasileiro, como muitos de nós vêm argumentando há alguns anos, em função de algumas peculiaridades de nossa história política e social, **o futebol tem se apresentado como um veículo quase insuperável para a produção e reprodução de discursos sobre nação e o “povo brasileiro”**, representados no desempenho dos jogadores selecionados. A eficácia destes períodos de copa do mundo, nas extensas utilizações dos símbolos nacionais, que deixam espaços solenes, sendo exibidos nos corpos, nos veículos, nas ruas, nas casas (GUEDES, 2014, p. 59 negrito nosso).

Para melhor compreendermos esta discussão, é necessário um resgate histórico do futebol brasileiro frente às questões políticas vividas no País. A chegada de Getúlio Vargas ao poder pelo Golpe de 1930 reforçou o impulso político na constituição do Estado Brasileiro, empreendendo projetos que passavam por aprovações e fortalecimento das legislações trabalhistas, até propostas e programas educacionais que foram fundamentais para o estímulo e amplitude no discurso nacional (ORTIZ, 2006). Foi no período do Estado Novo (1937-1945), conhecido também como “Era Vargas”, que o futebol estabeleceu sua maior conexão com a construção da identidade nacional. Nesse momento o populismo de Getúlio Vargas utilizava-se também do futebol como parte de sua estratégia política para o discurso de Nação e assim, o futebol passou a ser transmitido pelo rádio, com a transmissão da Copa do Mundo realizada na França em 1938, e deu-se, então, início à profissionalização do esporte em 1933 (BRAGA, 2015; GIGLIO, 2007).

Com a crescente popularização do futebol nesse período, outras questões começaram a surgir; uma delas, bem central, foi a criação de um estilo brasileiro de se jogar futebol e sua vinculação imediata com a mestiçagem. Conforme Renato Ortiz (2006) descreve,

o futebol ganha projeção como elemento identitário, na medida em que a teoria da mestiçagem ultrapassa as leituras históricas que atribuem conotação negativa à miscigenação de raças no Brasil, e alcança nas elaborações de Gilberto Freyre (1933) a positividade. É então que uma identidade que há muito vinha sendo desenhada encontra um espaço social que a reifica.

A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, **ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol.** O que era mestiço torna-se nacional. (ORTIZ, 2006, p 41 negrito nosso)

A ideia de que “nascemos para jogar futebol” ganha força já que “seria uma característica inerente aos brasileiros jogar bola” (GIL, 1994, p. 100), embasada também por um discurso de “futebol arte”, que contém em sua narrativa características de um povo alegre, criativo e artístico (GIL, 1994, p. 105). O problema é que muitos desses discursos racistas tinham por trás uma ideia de “Democracia Racial” para apaziguar conflitos e problemas vividos no País fruto de uma sociedade devastada pela colonização e escravidão.

Além da questão da raça nos chama a atenção outras questões no governo Vargas, pois ao mesmo tempo que este comemorava grandiosas vitórias da seleção brasileira do futebol masculino na Copa da França (1938), proibia a profissionalização do futebol feminino - afinal de contas, jogar bola era “perigoso” para seus frágeis corpos. É assim que no “*país do futebol*”, o futebol jogado por mulheres é proibido por um Decreto-Lei<sup>17</sup>, promulgado por Getúlio Vargas em 1941, justificando a “natureza frágil” delas. À mulher cabia o espaço doméstico, o da dona de casa obediente, delicada e dócil. Tais adjetivos também construía a imagem da mulher que se relaciona com a prática do esporte nesse período: “Os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens, o que significa dizer que, assim como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve de conquistar sua participação e ganhar seu reconhecimento” (REIS, 1998, p. 46).

É óbvio que, conforme já dito anteriormente, o futebol sendo parte importante da sociedade não estará livre de contradições e tensões. Roberto DaMatta (1982), nos apresenta a conexão do futebol com a nacionalidade de uma perspectiva positiva, lembrando de momentos em que o povo pode abusar das cores nacionais sem pensar que isso seria necessariamente um problema. Diversas autoras e autores apresentam o futebol como um fato social devido a respeitável capacidade de capilaridade de suas dimensões culturais, políticas e econômicas. Um dos autores mais citados nos trabalhos que envolvem futebol e identidade nacional é o próprio

---

<sup>17</sup>Decreto-Lei N. 3.199 - 14 de abril de 1941. Em 1965, o Conselho Nacional do Desporto (CND) regulamentou o decreto de 1941 e explicitou a proibição do futebol, do futsal e de outros esportes às mulheres.

DaMatta: “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”. (DAMATTA, 1982, p.21). DaMatta também enfatiza que “futebol no Brasil é um veículo básico para a socialização e um complexo sistema para a comunicação de valores essenciais em uma sociedade segmentada” (DAMATTA, 1989, p. 73).

Quando o futebol foi apropriado e transformado em um produto nacional, é que as maneiras de praticá-lo se ampliaram. Oriundo da Inglaterra, lugar que, à época era considerado um lugar culturalmente mais desenvolvido, o futebol rapidamente ganhou reconhecimento da elite local, que encontrou nesse esporte a condição para sua modernização. Segundo Proni (2000), a partir do momento em que operários e trabalhadores começaram a praticar o futebol enquanto possibilidade de lazer e sociabilidade, o futebol encontrou uma brecha importante no meio social urbano.

Assim como na abordagem na construção da identidade nacional, é necessário compreender a natureza histórico-social do esporte. De acordo com as ideias de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) a natureza do esporte contemporâneo é construída no âmbito do *processo civilizatório*. Também por meio do esporte é possível compreender os *habitus* das pessoas e dos locais aonde elas vivem. Segundo Elias (1992), desde o século XVI, transcorreu nas sociedades ocidentais o desenvolvimento de um crescente autocontrole individual, de modo a vigiar, reprimir e controlar os impulsos relacionados à espontaneidade das emoções, pulsões libidinais e afeto. “Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas sociedades controlem, a tempo, a sua emoção. Em geral, aprendendo a não se expor demasiado” (ELIAS, 1992, p. 108).

Marcos Alves de Souza (1996) em referência a Elias enfatiza que o esforço civilizador “implica em uma grande restrição à satisfação direta e imediata dos desejos dos indivíduos fazendo supor um desenvolvimento contínuo de autocontrole” (SOUZA, 1996, p.09). Isso, segundo o autor, é capaz de originar um tipo característico de *tensão-excitação*, nas quais as atividades de lazer surgem enquanto um “equilíbrio” possível, ou seja, como um momento de manifestação do que está reprimido. Dentre as atividades de lazer sobre as quais Elias trata, está a prática do futebol.

[...] os espectadores de **um jogo de futebol podem saborear a excitação mimética**<sup>18</sup> de um confronto entre duas equipes, evoluindo de um lado para outro no terreno de

<sup>18</sup> Como forma de colaborar com a compreensão do termo mimético utilizado por Norbert Elias, exponho a discussão realizada por Marcos Alves de Souza (1996) em sua dissertação intitulada “A Nação em chuteiras: raça e masculinidade no futebol brasileiro”: “O termo mimético, da forma como Elias o usa, refere-se ao quadro imaginário fornecido pelo esporte (e por outras atividades de lazer), destinado a autorizar a excitação. Isto acontece em função da representação de muitas situações da vida real, só que sem os seus perigos e riscos. Isto

jogo [...], **tal como na vida real, podem agitar-se entre esperanças de sucesso e medos de derrota**; e, nesse caso, ativam-se sentimentos muito fortes, num quadro imaginário, e a sua manifestação aberta na companhia de muitas outras pessoas pode ser a mais agradável e libertadora de todas, porque na sociedade, de um modo geral, as pessoas estão mais isoladas e **têm poucas oportunidades para a manifestações coletivas de sentimentos intensos**. (ELIAS, 1992, p.72, negrito nosso).

O lazer é uma prática social e cultural relacionada às diferentes dimensões da sociedade, mas seu significado é dirimido por uma avaliação deturpada em função da sobrevalorização do trabalho. Segundo Norbert Elias (1985), em uma compreensão moral da sociedade, o lazer é entendido enquanto preguiça e indulgência, algo inferior. Contudo, o autor enfatiza que as atividades de lazer e trabalho não estão sobrepostas e apresentam o mesmo nível de relevância nas sociedades atuais. O lazer, para o autor, não deve ser pensado como algo complementar ao trabalho e tampouco como forma de relaxamento das tensões, mas como espaço de busca por uma excitação agradável, e “muitas dessas ocupações de lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo, são então consideradas como meios de produzir um descontrole de emoções agradável e controlado” (ELIAS, 1985, p.73).

No caso do futebol, Elias aponta:

A respeito de jogo-desporto tais como o futebol a questão é simples. Se seguirmos o jogo regularmente pode aprender a ver-se, pelo menos os traços gerais, que tipo de configuração de jogo proporciona o prazer ótimo: é um confronto prolongado no campo de futebol entre duas equipes bem preparadas em técnica e força. Um jogo que uma grande multidão de espectadores segue em excitação crescente, produzida não só pelo próprio confronto, mas, também, pela perícia demonstrada pelos jogadores. Um jogo que oscila de um lado para o outro, no qual as equipes estão bem equilibradas entre si que uma e, depois outra, marcam, e a determinação de cada uma das equipas para marcar o golo decisivo cresce à medida que o tempo passa. **A tensão do jogo comunica-se visivelmente aos espectadores. A sua tensão, a sua excitação crescente comunica-se, em contrapartida aos jogadores, e assim por diante, até que a tensão atinge o ponto em que apenas se pode suportar e conter, no limite, sem falar incontrolada. Se, desta maneira, a excitação se aproxima de um clímax e se então aí, de repente, a sua equipa marca um golo decisivo, a excitação resolve-se deste modo a si mesma na felicidade do triunfo e do júbilo, este é o grande jogo que há - de ser recordado e sobre o qual cada um falará por muito tempo – um jogo realmente agradável.** (ELIAS, 1992, p. 133 e 134, negrito nosso).

Para uma pessoa fascinada por futebol, a narrativa apresentada por Norbert Elias poderá até soar poética, dada a competência do autor em descrevê-la, especialmente por apresentar os espectadores como parte do jogo, uma vez que seu processo de excitação, sua “felicidade do triunfo e do júbilo” corrobora para fazer daquele momento algo “realmente

---

é o mesmo fenômeno que Geertz descreveu para os balineses, que afirmavam que ‘as brigas são como brincar com fogo, porém sem o risco de se queimar’ (GEERTZ, 1989, p. 308). Não são propriamente as representações, mas as emoções que as atividades de lazer despertam, que refletem as que se experimentam na vida real, modificando-as para um sentido de prazer. É isto que dá, portanto, significação ao termo eliasiano ‘mimético’, e que se for desamarrado do ‘processo civilizador’, possui um grande potencial heurístico para os propósitos deste trabalho. A tensão mimética não é exclusiva dos jogos, passatempos, esportes ou rituais das sociedades ‘civilizadas’, podendo a sua ocorrência ser observada, conforme afirmamos anteriormente, em diversas atividades sociais de qualquer sociedade” (1996, p.10).

agradável”. Este é um conceito fundamental para compreender a dinâmica das torcidas organizadas.

## **1.2. Em um futebol que é de todos, qual o espaço delas?**

A pergunta dessa seção se faz necessária, ao passo que entendemos que o clichê “País do futebol” precisa incorporar à sua narrativa o masculino, assumindo-se como “o País do futebol masculino”. É também a partir dessa questão que importantes autoras se debruçaram para compreender a construção histórica do distanciamento das mulheres ao esporte. Para os homens, desde muito jovens, o futebol consiste em um ritual de socialização (HOLLANDA, 2008) desempenhado com uma dedicação exemplar e apoio da família, amigas, escola e outros núcleos envolvidos e o vínculo com o futebol enaltece uma representação da masculinidade e virilidade deles (NORONHA, 2016; ECO, 1984; GUEDES; 1982). Lembramos que ao chegar a qualquer lugar em que ocorra conversas sobre futebol, muitas vezes, as mulheres são indagadas a responder questões que comprovem os seus conhecimentos sobre essa modalidade.

De acordo com Simoni Lahud Guedes (1982), para compreender o futebol é necessário que a pessoa o vivencie, portanto como as mulheres enfrentam restrições sociais para experimentar a prática, isso tende a gerar menor compreensão e menor envolvimento delas com o esporte.

No célebre livro “Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira”, o autor Luiz Felipe Baêta Neves (1982, p.55) naturaliza a questão afirmando que “o futebol é coisa para homem” e enaltecendo que “o jogador jamais deve temer o adversário fisicamente, deve exercer seu direito de retaliação quando agredido fisicamente, não deve fraquejar diante de uma derrota”. Inferimos dessa afirmação que Neves estabelece uma relação entre futebol e masculinidade ou futebol e virilidade ao genótipo masculino, ao XY.

Também como possível justificativa para o distanciamento das mulheres em relação ao futebol, Silvana Goellner (2005) aponta que existe uma preocupação social na “masculinização das mulheres no esporte”. Em outras palavras Goellner denuncia o receio de que as mulheres, ao praticarem o futebol, se distanciem dos parâmetros de feminilidade a elas impostos. Elogio, beleza e feminilidade são apresentadas como algo a ser preservado. Paralelamente, os atributos masculinos são colocados como indispensáveis para a prática do esporte. Fábio Franzini (2005), autor do texto “Futebol é coisa para ‘macho’?”, também se preocupa com o espaço das mulheres no universo futebolístico. Nas suas palavras “se pensarmos no papel que a bola desempenha enquanto elemento agregador da nossa identidade

nacional, tal contraste coloca uma pergunta crucial: qual o lugar da mulher dentro do País do futebol?” (FRANZINI, 2005, p.316). Para o autor a entrada das mulheres implicaria necessariamente em uma subversão da ordem vigente e, conseqüentemente, a inalteração dos parâmetros sociais que as marginalizam deste espaço consiste na tentativa de manutenção de uma “ordem” e uma “lógica”.

Isso fica evidente quando o jogar e o torcer “não são apenas as melhores maneiras de executar essas práticas, mas se está ingressando em uma instituição repleta de significados” (BANDEIRA, 2017, p.127 e 128). Em uma roda de conversa exclusivamente de homens, muitas vezes “é obrigatório” que se posicionem sobre os seus clubes, colocação nos campeonatos atuais, escalação do clube e, de maneira geral, como está o seu clube em relação aos adversários diretos. O espanto também acontece quando os homens não detêm estas informações. No caso da mulher, o espanto generalizado ocorre quando as mulheres no primeiro momento não se acanham por logo que perguntadas dizerem o clube para o qual torcem e, conseqüentemente, fazem alguns comentários sobre o mesmo, conforme relato feito no início do capítulo.

O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. (LARAIA, 1986, p. 19,20).

Roque de Barros Laraia (1986) indica que dependemos de aprendizagem e estímulos para conhecer ou nos envolvermos com algo. Assim, o fato é que as mulheres em sua maioria não são instigadas a gostar ou ter curiosidade pelo tema. Contudo, aquelas que por diferentes motivos são exceções, se tornam vítimas frequentes de preconceitos. Piadas futebolísticas que dirimem a posição da mulher em relação ao homem incidem com especial força sobre estas que almejam seu espaço no futebol, como a seguinte:

O Colorado chega em casa e encontra um Gremista embaixo da cama.  
Furioso, pergunta à mulher:  
O que faz este Gremista debaixo da cama?  
Com os olhos radiantes, ela responde:  
Embaixo eu não sei, mas em cima faz maravilhas! (PEREIRA, 2007, p.21).

Este cenário controverso parece se colocar quando as mulheres começam a romper essas barreiras. “Homem e Mulher são, portanto, como bem sabemos desde Margareth Mead, construções da cultura, expectativas de comportamento associadas idealmente a dois conjuntos semânticos” (SEGATO, 1993, p 4). Enriquece essa reflexão a contribuição de Sara Salih (2012) “O gênero não acontece de uma vez por todas quando nascemos, mas é uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve ali o tempo todo” (SALIH, 2012, p.94).

A despeito da narrativa construída sobre a pouca participação das mulheres no meio futebolístico, hoje sabemos que a história não se apresenta dessa forma, apesar das dificuldades. A presença das mulheres exprime significativa simbolização no futebol, na proporção obviamente das disputas por espaços e reivindicações de pertencimento. Essa dialética entre a construção de um esporte enquanto paixão nacional pensada e muitas vezes direcionada para uma parte específica da sociedade nos impõe a necessidade de refletir sobre a presença das mulheres no futebol.

Para contribuir com a reflexão cabe destacar aspectos que foram percebidos no trabalho etnográfico. Como já mencionado previamente foram inúmeras as experiências vividas nos estádios “Arena Fonte Nova”, chamado popularmente pelas torcedoras de “Fonte Nova” do Esporte Clube Bahia<sup>19</sup> e “Manoel Barradas” mais conhecido como “Barradão” do Esporte Clube Vitória. Das percepções, cabe destacar o número significativo de torcedoras organizadas nos estádios e seus arredores. Também de acordo com as observações etnográficas, as torcedoras organizadas de ambas as torcidas, pelo que foi observado neste estudo, ainda experimentam o torcer com comedimento, ou seja, é visível que sua atuação está de alguma maneira mediada pelos olhares, pelos gestos e pelas regras estabelecidas pelos homens da torcida. Encontramos nas palavras de Toledo (1996), um importante respaldo para essa questão. “As torcidas organizadas [...] adquirem sentido político na medida em que regulamentam e socializam regras, valores e condutas, estabelecendo relações de poder, acionando certos instrumentos simbólicos a partir de uma vivência concreta” (TOLEDO, 1996, p. 32). Para dialogar com as questões levantadas por Toledo, destacamos trecho de uma declaração extraída do documentário “Territórios do Torcer”<sup>20</sup> no qual uma liderança da torcida organizada Gaviões da Fiel<sup>21</sup> diz:

A mulher ela tem um espaço na torcida. Ela é respeitada diferente do que é na sociedade, muitas vezes na sociedade a mulher é menos respeitada do que na torcida. As vezes o camarada chega e diz que na torcida tem machismo pra caramba. Eu falo pera aí, o machismo tem na sociedade, na torcida tem regras é diferente, são dois aspectos totalmente distintos. Por se tratar de um ambiente masculino, certo? Extremamente masculino, tem certas coisas que não cabe para a mulher mesmo de fato, entende? Não dá nem eixo. Eu não vejo uma mulher na frente de uma briga pelo

<sup>19</sup>**Em tempo:** o Esporte Clube Bahia por meio do Núcleo de Ações Afirmativas realizou recente pesquisa com torcedoras do clube sobre aspectos ligados a violência no estádio em partidas de jogos do clube. A pesquisa foi feita por meio de ferramenta Google nas redes sociais do clube. No último dia 07 de agosto de 2018 dia em que a Lei Maria da Penha completa 12 anos o clube publicou seus resultados. Para maiores informações o material encontra-se disponível em: <http://www.esporteclubebahia.com.br/wp-content/uploads/2018/08/Torcedoras-do-EC-Bahia.pdf>. Acesso: 7. Ago. 2018.

<sup>20</sup>Lançado no ano 2015 com edição realizada pela equipe do Núcleo de Audiovisual do CPDOC, “Territórios do Torcer” acompanha os depoimentos de líderes de torcidas organizadas da cidade de São Paulo, em parceria com o Museu do Futebol/Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, sob os auspícios da FAPESP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms>. Acesso em: 12 jun. 2018.

<sup>21</sup>A Gaviões da Fiel Torcida é uma torcida organizada do Sport Clube Corinthians Paulista.

amor de Deus, defendendo a torcida. Não! Eu vejo o homem ali protegendo a mulher e a família e etc. Tá certo? Não vejo a mulher carregando um peso de 30 ou 40 quilos nas costas, desculpa veio. Ela pode ter até vontade mais não é para ela aquilo”. (Representante da Torcida Organizada Gaviões da Fiel, 2015).

Como podemos observar, existem regras nas torcidas organizadas; isso é fato. Para além dessa comprovação que não se apresenta como novidade, soma-se a existência de regras explícitas para as mulheres torcedoras organizadas. O fato de um torcedor homem definir que as mulheres torcedoras organizadas não cabem em certos tipos de ações caracteriza, em certa medida, que as atividades do torcer não podem ser escolhidas por elas. Logo, se uma torcedora compreender que o seu “amor” pela torcida organizada está diretamente vinculado a carregar o peso da bandeira do seu clube ou torcida ela não poderá exercê-lo em sua inteireza. Para além disso, o que nos parece intrigante e contraditório é que a mulher pode ser mais respeitada na torcida organizada do que na própria sociedade, mesmo que nesta torcida organizada ela não possa traduzir em atos concretos as expressões do seu torcer. Alguns aspectos centrais desse debate serão apresentados com mais profundidade nos capítulos a seguir<sup>22</sup>.

Ainda sobre as questões do campo etnográfico que podem contribuir na compreensão das dificuldades da permanência das mulheres nos ambientes futebolísticos, em especial, das torcidas organizadas, está também o possível incômodo dos torcedores acerca da entrada das mulheres nesses espaços. No questionário aplicado às torcedoras da *Bamor e Os Imbatíveis*<sup>23</sup>, a maioria delas respondeu<sup>24</sup> que um dos fatores principais do incômodo que possivelmente causam aos homens são decorrentes do “preconceito” e “machismo”, o que em nossa compreensão caracteriza um avanço importante na leitura da realidade vivida pelas torcedoras organizadas.

A torcedora Clarice<sup>25</sup>, por exemplo, afirmou que “incomoda no sentido da igualdade porque mesmo não tendo os direitos iguais em alguns aspectos, tem em outros, o que gera certo incômodo”, reiterando incômodo no sentido da desigualdade. Sua resposta nos parece bastante interessante, pois sugere que ao passo que as torcedoras buscam uma igualdade de espaços e atuação em meio a sua torcida organizada, isso aos homens aparece como inadequado. Já a torcedora Helena disse que “a presença das mulheres incomoda em algum sentido, mas vem incomodando menos com o passar do tempo”. Portanto, diante do campo etnográfico e dos dados apresentados nos questionários acerca dessa questão, podemos inferir que as mulheres

<sup>22</sup>Ver seção intitulada “Decisão em Jogo” no capítulo 2.

<sup>23</sup>Representam, respectivamente, o Esporte Clube Bahia e o Esporte Clube Vitória.

<sup>24</sup>O enunciado da pergunta relacionada com a discussão era: “A presença das mulheres na torcida organizada que você participa incomoda os homens dessa mesma torcida?”

<sup>25</sup>Serão atribuídos às torcedoras nomes fictícios para a garantia do anonimato das entrevistas.

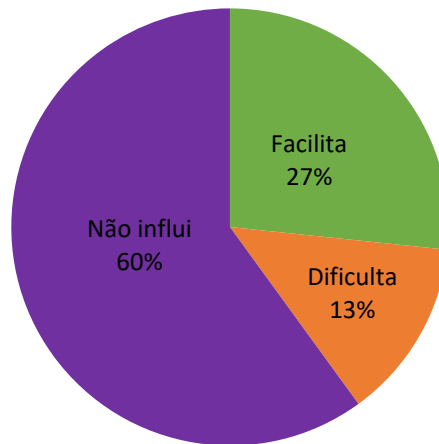


podem acessar esses espaços sofrendo menos intimidações dos homens da torcida. No entanto, dentro desse mesmo espaço constroem-se outras barreiras de não-acesso, em contínua reconfiguração da “exclusão delas dos lugares masculinos” (BOURDIEU, 2002, p.34). Como apresenta-se na fala da torcedora Catia: “alguns homens acham que não é lugar para a mulher”.

Outra questão relevante que sempre acaba afligindo as torcedoras de torcidas organizadas tem vinculação direta com os relacionamentos afetivos que essas torcedoras possam vir a ter nesses espaços. Obviamente que essa questão dialoga com “as relações de poder”, “regras” e as dinâmicas que as torcidas organizadas vivenciam diariamente. A seguir, serão apresentados alguns dados relacionados aos questionários preenchidos pelas torcedoras. Foram preenchidos quinze questionários pelas torcedoras da Torcida Organizada *Bamor*, do Esporte Clube Bahia, e quinze pelas torcedoras da Torcida Organizada *Os Imbatíveis*, do Esporte Clube Vitória. As perguntas foram apresentadas como questões de múltipla escolha, mas também permitiam que as torcedoras tecessem seus comentários livremente.

**Figura 1** – Opinião das torcedoras sobre o possível efeito de um relacionamento afetivo com outro (a) membro de sua torcida - *Bamor*

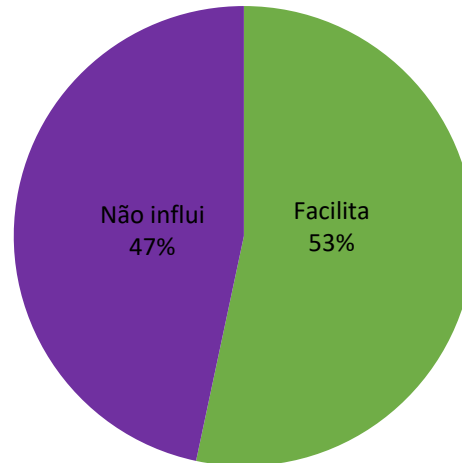
**Em sua opinião, ter um relacionamento afetivo (namorado(a)/esposo(a)) com alguém de sua torcida facilita ou dificulta sua presença nesse espaço?**



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

**Figura 2** – Opinião das torcedoras sobre o possível efeito de um relacionamento afetivo com outro (a) membro de sua torcida - *Os Imbatíveis*

**Em sua opinião, ter um relacionamento afetivo (namorado(a)/esposo(a)) com alguém de sua torcida facilita ou dificulta sua presença nesse espaço?**



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

Em relação ao fato de relacionamentos influenciarem a participação na torcida organizada, as torcedoras da *Bamor* (Fig. 1) apresentaram respostas com maior variação, sendo que a maioria afirmou que ter um relacionamento afetivo não influencia em sua participação na torcida organizada e 27% acredita o relacionamento afetivo com uma pessoa da torcida facilita sua presença na *Bamor*. Já no caso das torcedoras da *Os Imbatíveis* (Fig.2), mais da metade das entrevistadas responderam que facilitaria a sua participação na torcida organizada se ela tivesse um relacionamento dentro da torcida organizada.

Por mais que os dados coletados não apontem necessariamente que os relacionamentos influem na participação das mulheres na torcida (47% da *Os Imbatíveis* e 60% da *Bamor*), pudemos observar no campo etnográfico, com as idas aos estádios e nos diálogos com as torcedoras, que o envolvimento afetivo para as mulheres com membros de suas respectivas torcidas organizadas é um fator que complexifica suas posições no meio. Pudemos inferir que estas relações reproduzem aspectos vividos na sociedade brasileira, em que um homem que se relaciona com várias mulheres é vangloriado, enquanto uma mulher que se comporta de maneira semelhante é adjetivada de forma pejorativa. A dicotomia entre os sentidos das gírias *garanhão*<sup>26</sup> x *galinha*<sup>27</sup> ilustra bem essa realidade. Em relação às respostas

<sup>26</sup>Informações retiradas da pesquisa no Dicionário priberam: *Garanhão*: Homem femeciro, concupiscente.

<sup>27</sup>Informações retiradas da pesquisa no Dicionário priberam: *Galinha*: Mulher que se comporta de modo considerado devasso ou imoral = piranha.

abertas, as torcedoras que acreditam que ter um relacionamento afetivo *não influencia* a sua presença indicam o companheirismo como algo positivo, como são os casos de Marcela, “vamos aos jogos juntos”, e Marielle, “porque ambos seriam do mesmo local de convívio”. Já para as torcedoras Cristina e Silvia, a relação oportuniza um possível favorecimento no percurso da torcedora naquele determinado espaço, influenciando de forma positiva a presença delas. Para Cristina “facilita porque existe um caminho longo a ser percorrido até encontrar seu espaço dentro da torcida e quando se tem um relacionamento na torcida, acaba encurtando esse caminho”, e para Silvia “facilita, às vezes tem jogo fora e por namorar alguém da torcida não existe aquela discussão de que você não pode ir e tal.”.

Os questionamentos apresentados nessa seção repercutem e ecoam de forma a contribuir para a pergunta do início desta seção sobre qual é o espaço delas na torcida organizada. De fato, esse espaço no ambiente futebolístico do país ainda se apresenta de forma complexa e preconceituosa em relação à participação das mulheres, reflexo de uma sociedade que, apesar dos avanços, insiste quase como forma de uma resistência em manter estes espaços aleijados das mulheres. De forma metafórica podemos dizer que existe uma corda com vários nós e ao passo que as torcedoras vão aos poucos desatando alguns desses nós, os torcedores parecem criar outros. Mesmo assim, como poderemos verificar na próxima seção e em vários momentos do último capítulo desse trabalho, avanços e retrocessos caminham juntos, mas certamente as dificuldades vividas pelas torcedoras organizadas já não são mais as mesmas de alguns anos atrás. Isso nos faz perceber que as formas dos homens de expor o seu preconceito também se atualizam conforme os avanços acontecem. Dizer hoje que a prática do futebol não é coisa para mulher e que os espaços da arquibancada não cabem às torcedoras, parece de fato não ser uma realidade absoluta.

### 1.2.1. *Torcer, Torcida e Torcedora*<sup>28</sup>

No futebol, querer a glória dos seus e a derrota dos outros era “torcer”. O espectador, ou a espectadora que gritava, gesticulava, apoiava seu time e ofendia os adversários era um “torcedor”, ou uma “torcedora”. Fazer parte de um grupo de torcedores de um mesmo clube, ou da seleção brasileira, era fazer parte de uma “torcida” (MALAIA, 2012, p. 59).

No início do século XX, o futebol era bem diferente do que vemos hoje. Como discutido anteriormente, oriunda da Inglaterra, a modalidade esportiva passou a ganhar adeptos

---

<sup>28</sup>A idealização do título dessa seção foi inspirada no artigo: Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950 de João M.C. Malaia, publicado no livro “A Torcida Brasileira” (2012).

e adaptações. Há registros da primeira partida de futebol no Estado do Rio de Janeiro por volta de 1901, ainda com poucos espectadores presentes (REIS, 1998).

Foi em meados de 1910 que os torcedores passam a aparecer com mais frequência nas imprensas locais dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro (HOLLANDA; MALAIA; TOLEDO; MELO, 2012)<sup>29</sup>, estados que, à época, ocupavam um lugar privilegiado para essa recepção pois possuíam estádios que passaram a receber os jogos dos clubes e das seleções. Eram, portanto, o destino principal do público, caindo também nas graças da imprensa nacional.

Pouco tempo depois, em 1º de janeiro de 1931 nascia em Salvador o Esporte Clube Bahia. Em um período turbulento da política brasileira em razão ao Golpe de Estado de 1930, o clube nasceu com as cores do estado da Bahia, reforçando a premissa de identidade e regional. Conforme apresenta Paulo Roberto Leandro (2015), o Esporte Clube Bahia nasceu de uma fusão de dois dos melhores clubes da cidade: a Associação Atlética da Bahia e o Clube Bahiano de Tênis. Segundo o autor, esses dois clubes não resistiram às pressões do departamento de futebol e fecharam suas portas, pelo fato de que havia oposição à presença e participação de trabalhadores negros em um clube de futebol de Salvador.

Já o Esporte Clube Vitória foi fundado em 13 de maio de 1899, um dos clubes mais antigos em âmbito nacional e nascido na alta burguesia racista de Salvador (LEANDRO, 2015). O clube, no início, trazia as cores preto e branco e fazia homenagem em seu nome ao Corredor da Vitória – um dos locais mais caros para se viver em Salvador – região em que os seus 19 fundadores à época moravam. O clube passou a utilizar as cores vermelho e preto por simpatia ao Clube de Regatas do Flamengo e a prática do futebol teve início em 1902 (SAMPAIO, 2011).

A trajetória da incorporação do torcedor no alargamento simbólico dos sentidos do jogo está condicionada às diversas maneiras de se conceber a participação mais ampliada das camadas populares no enquadramento moral do futebol. No início do século XX, foram construídas estratégias para que o esporte então em projeção não fosse permeável às camadas mais populares, tanto dentro quanto fora de campo. A própria palavra “torcer” tem origem na ação das mulheres das classes mais abastadas que assistiam aos jogos e “torciam” suas luvas em ansiedade pelo gol. É nesse cenário que nasceu, quase que ironicamente, a palavra *torcer* como designação fortemente agregada à história da presença das mulheres nos estádios de futebol.

---

<sup>29</sup> Em 1930 o cenário baiano apresentava ainda *Galícia Esporte Clube*, formado pela colônia espanhola e o *Ypiranga Futebol Clube*, que nasce em meio as fábricas de Salvador, e que a época tinha os trabalhadores como jogadores, por fim, cabe citar *Botafogo*, *Santos Dumont* e *Guarany*. Informações retiradas do artigo “Ba x Vi a paixão Soteropolitana” História Social do futebol na Bahia (1986-2010).

No entanto, algo diferente acontecia com as mulheres presentes nos estádios de futebol. **Bem vestidas, usando luvas, chapéus e longos vestidos, as moças presentes nos estádios torciam seus objetos com suas mãos delicadas.** Contorciam seus corpos com pulos e gestos, além de soltarem gritos altíssimos a chamar os nomes de seus jogadores preferidos, a grande maioria também sócios dos clubes e possíveis bons partidos. Esse era o comportamento inusitado que tanto chamou a atenção da imprensa e da sociedade e que configurou um novo personagem do futebol do período: “as torcedoras” (MALAIA, 2012, p.64, negrito nosso).

Conforme Malaia (2012), é nesse início de século que, segundo os relatos da documentação fluminense<sup>30</sup>, nascia a primeira contribuição feminina ao futebol: a palavra torcedor. Este ato foi incluído e institucionalizado nos dicionários da língua portuguesa, e passou a ser utilizado pela imprensa da capital do Rio de Janeiro, que também, respondendo à origem bretã do esporte, comumente se utilizava de anglicanismos inacessíveis para boa parte da população, como podemos ver em dois exemplos das notícias da época apresentadas, neste caso mostraremos dois exemplos de notícias da época: “‘Captain’ João Pereira [...], quase ficou sem bigode, de tanto ‘torcer’ para o Fluminense [Football Club], no ‘match’ deste club contra o [Sport Club] Mangureira” (MALAIA, 2012, p. 60)<sup>31</sup>; [o futebol seria uma diversão] “em que o espírito se recria a um só tempo no jogador e no espectador, pelo desenrolar dos passes e das combinações inteligentes” (MALAIA, 2012, p.56)<sup>32</sup>.

Com a popularização do futebol como uma importante atividade de lazer na vida pública, ocorreu, ainda no século XX, uma mudança importante no acesso de torcedores aos estádios de futebol. Estes, que por vezes dispunham de entradas francas, passaram a aderir à cultura dos *sócios e não sócios*. Ser sócio significava uma vantagem para os homens à época – as mulheres não dispunham da possibilidade de fazer desse momento uma oportunidade de “convidar” para as arquibancadas outras mulheres de sua família. As solteiras deveriam ser acompanhadas por seus pais, e as casadas, por seus maridos. No entanto, apesar das mulheres terem sido proibidas de frequentar os estádios por si próprias, aquelas que o fizeram por intermédio de seus pais ou maridos conseguiram vislumbrar nesse momento um espaço significativo de sociabilidade.

Nas décadas de 1910 a 1950 a ida ao estádio era composta de outros interesses, para além de *apenas* torcer, entre eles a compreensão das arquibancadas como espaços de *arranjos casamenteiros*. Ou seja, vislumbrava-se nos espaços públicos a possibilidade de se articular casamentos, uma forte questão do universo das pequeno-burguesas do período no qual “a

<sup>30</sup> O autor utiliza como fontes primárias a cobertura de jogos de futebol dos periódicos *Gazeta de Notícias*, *O Imparcial*, *Gazeta dos Sports*, *A Cigana* e *Fon-Fon*, entre outros, prioritariamente das décadas de 1910 e 1920.

<sup>31</sup> O autor utiliza como fonte primária o periódico esportivo *Rio Sportivo*, 31 de julho de 1909, p.3.

<sup>32</sup> O autor utiliza como fonte primária o periódico *Correio da Manhã*, 11 de maio de 1913, p.6, [crônica] “O sport da moda”.

escolha do cônjuge dependia estritamente da situação de classe” (FONSECA, 1989, p. 111-112), reiterando a preocupação existente pela manutenção de seus padrões e princípios.

As análises sobre a presença das mulheres nos estádios no período podem ser categorizadas em dois grandes eixos: um deles norteado pela perspectiva de que a presença delas nas arquibancadas associava-se, única e exclusivamente, a “embelezar” e demonstrar o quão familiar era o espetáculo, ajudando a compor uma performance pública masculina (MELO, 2012); e o outro – que não se confronta, a priori, com o primeiro –, de que a presença das mulheres nesses espaços à época, agitou e contribuiu para reflexões acerca da ocupação dos espaços públicos, e na construção de estratégias para forjar novas possibilidades de inserção das mulheres na sociedade.

Assim, podemos inferir que as restrições da participação das mulheres nos esportes têm conexão direta com a participação delas nos diferentes espaços da sociedade. Mudanças estruturais ocorreram na Europa no período de entre guerras (1914 – 1918 e 1939 – 1945), quando os homens saíram às batalhas, e as mulheres começaram a ocupar espaços diferentes do que estavam acostumadas (FALCÃO, 2011). No século XIX havia uma nítida divisão social entre as esferas pública e privada, na qual os homens participavam da pública, e as mulheres, da esfera privada. Na prática, os homens desempenhavam papéis para a manutenção financeira de sua família, e as mulheres eram responsáveis pelos afazeres domésticos, como uma contrapartida para o “marido” (GUEDES; SOUZA, 2016). Já no século XX, com as transformações nos âmbitos cultural e econômico, e as questões trazidas pelo movimento feminista da época, essa divisão entre o público e o privado perdeu força. Foi então no século XXI que a presença das mulheres passou a se fazer recorrente nos espaços de lazer como desdobramento desse processo de mudança social. É o que nos mostra Etelvina Trindade:

Em meados do século XIX e início do XX, **o lazer é responsável por uma invasão feminina dos espaços da cidade**. Trata-se de um novo domínio, oriundo em grande parte do desenvolvimento urbano, no qual a mulher que a sociedade conservadora oitocentista segregava nas dimensões do privado, retorna às ruas para nelas despender seu tempo livre nas lojas, nos parques, nas casas de espetáculos, nos campos de esportes, nos salões dos clubes recreativos (TRINDADE, 1996, p.112 **negrito nosso**).

Uma vez que compreendemos a relação intrínseca entre a concepção simbólica do torcer e o papel atribuído às mulheres na sociedade, faz-se necessário melhor compreender o próprio ato de torcer, e suas diferentes manifestações ou representações simbólicas. Dessa forma, ao passo que o futebol se popularizava, as mulheres começaram a acessar os espaços dos clubes onde ocorriam as partidas.

Mas, para melhor compreender essa questão é necessário entender como se escolhe um clube de futebol para torcer. A resposta para esta indagação, em um primeiro momento,

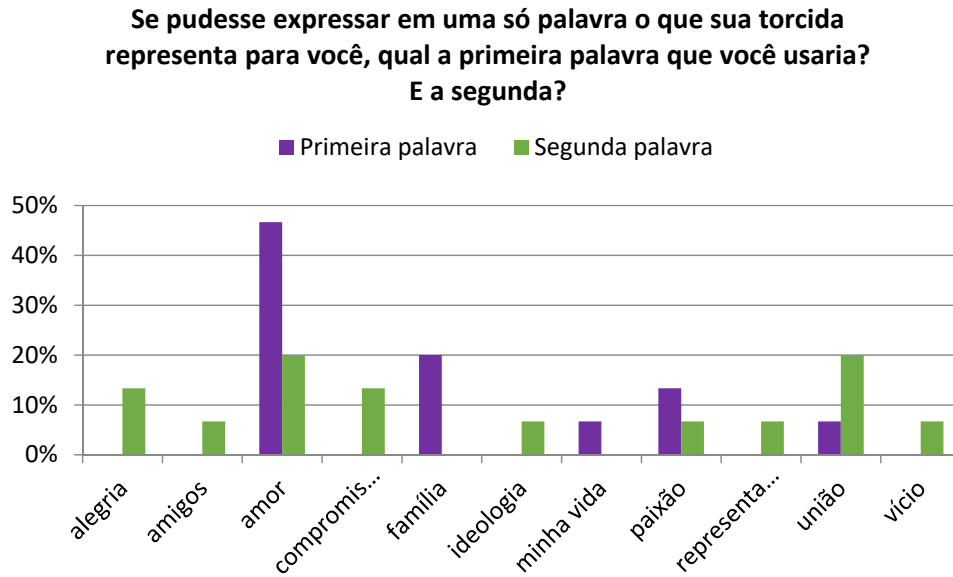
parece óbvia, especialmente porque com frequência torcedoras e torcedores dizem que “nasceram” torcendo para o Esporte Clube Bahia, ou então, que são “Esporte Clube Vitória desde criancinha”, expressões que, em alguma medida, reforçam a ideia de que é no convívio familiar, na proximidade com amigas e amigos, vizinhas e vizinhos, que essa “escolha” se constrói (DAMATTA 1982; DAMO 1999; REIS 1998).

É comum ver uma certa disputa entre as pessoas de uma mesma família para levar um de seus membros, especialmente as crianças, para assistir uma determinada partida de futebol. Isso acontece pela crença de que a experiência da criança em um jogo ao lado de determinada torcida irá incentivá-la a se tornar torcedora ou a torcedor daquele clube, criando assim um vínculo afetivo. É nesse sentido que se faz necessário perceber que tal escolha não é algo casual e está impregnada de diversas histórias, trajetórias e elementos nem sempre palpáveis. Márcio Pereira Morato (2005) nos apresenta o conceito de torcer como uma construção cultural, e esclarece que para torcer é necessário criar vínculos, e, portanto, o ato não se configura como algo pré-estabelecido.

Carlos A. B. Byington (2010), por sua vez, observa que o futebol é um fenômeno cultural extraordinário, e que nele podemos conviver de forma coletiva e democrática. No âmbito do torcer, o autor ressalta que “cada torcedor vivencia de forma simbólica e altamente emocional uma maneira criativa de cultivar, educar e guiar as suas emoções” (BYINGTON, 2010, p.1) Ele destaca ainda que aqueles que não compreendem o futebol enquanto algo de extrema importância em nossa sociedade acabam por ter uma visão superficial da cultura brasileira, e até mesmo do conceito de Cultura. O que Arlei Damo (1999) acentua ao afirmar que o torcer se configura como pertencer, o que traduziria de forma literal algo como fazer parte, tomar partido, assumir riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações. Para Damo essa conexão se apresenta nos sentidos adquiridos pelo futebol, e pelo amor que a torcedora e o torcedor declaram ao seu clube.

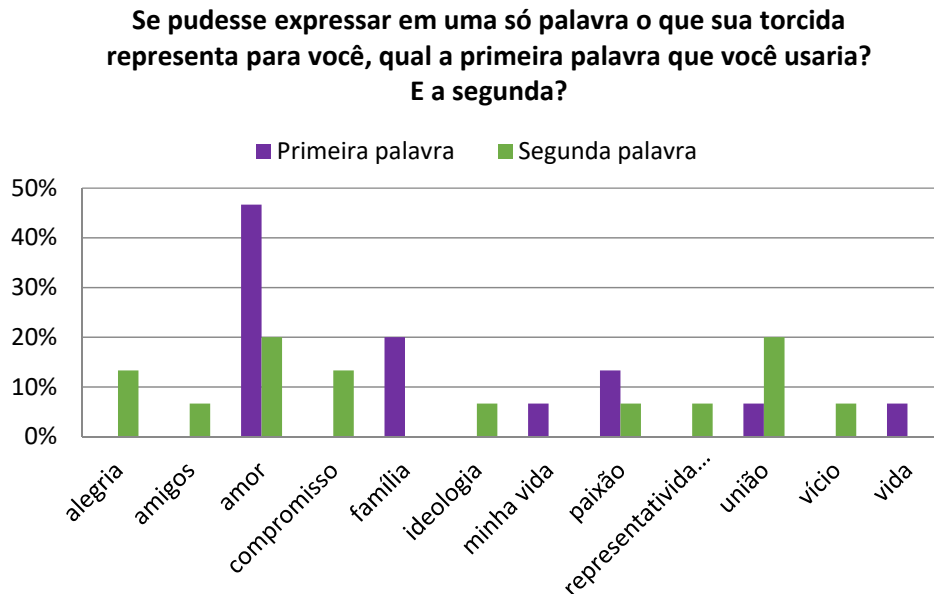
As figuras 3 e 4 tratam da representação que tem o clube para as torcedoras que responderam ao questionário aplicado neste estudo, sendo que estas tiveram liberdade para descrever o que suas torcidas representam para elas em suas próprias palavras. É digno de nota como o uso da palavra “amor” para as torcedoras de ambos os clubes apareceram primeira opção, bem como a segunda palavra mais utilizada foi “união” para *Bamor* e família para *Os Imbatíveis*.

**Figura 3** – Frequência de utilização de termos pelas torcedoras para expressar sua identificação clubista - *Bamor*



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018.

**Figura 4** – Frequência de utilização de termos pelas torcedoras para expressar sua identificação clubista - *Os Imbatíveis*



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

Poderíamos, no caso da torcida Organizada *Bamor* (Fig. 3) inferir que o fato da primeira opção ter sido a palavra “amor” tenha se dado por aproximação sonora e lógica ao seu



nome. Porém, a palavra “amor”, para a Organizada *Os Imbatíveis* (Fig. 4) também foi a primeira palavra escolhida, o que nos indica que possivelmente seria precipitado anunciar uma ligação direta entre as palavras “amor” e *Bamor*.

Ainda sobre a palavra “amor”, a Organizada *Bamor* traz em uma de suas músicas cantadas no estádio, chamada “Sou Tricolor<sup>33</sup>”, o seguinte refrão:

Não sou de ninguém, eu sou é da Bamor  
E o meu bonde é mais de 100  
Não sou de ninguém, eu sou é da Bamor  
E o meu bonde é mais de 100  
Sou tricolor, eu sou da Bamor  
Sou tricolor, com muito amor

Palavra que também se encontra na música “Vitória meu amor<sup>34</sup>”, cantada pela Organizada *Os Imbatíveis*:

Só sei  
que o estádio estremece  
quando a torcida comparece  
inconscientemente ela canta  
as mãozinhas então embalaçam  
onde joga eu vou atrás  
só sei, que o meu VITÒRIA é bom demais  
Êô, êô Vitória meu amor, Vitória meu amor Êô, êô Vitória meu amor, Vitória meu amor

Luiz Henrique de Toledo (1996) em referência a Gilberto Velho (1978) elucida que essas organizações torcedoras

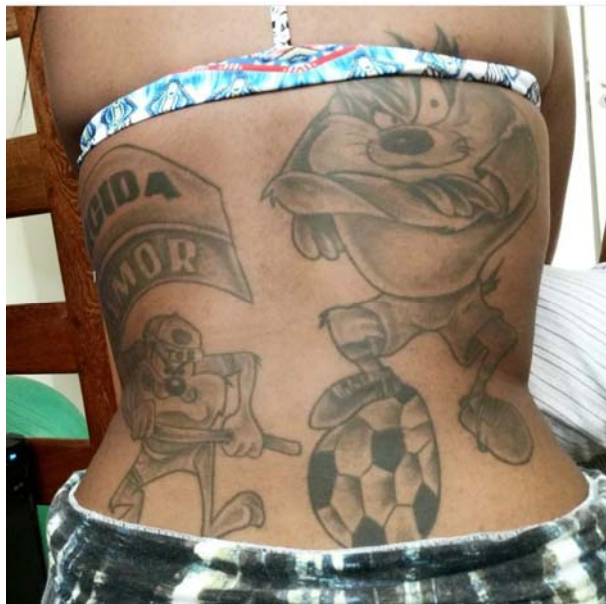
**são formadas de paixões individuais que cada um traz consigo por um mesmo time mas que, em torno de projetos coletivos, adquirem uma dimensão social pautada por interesses comuns. A organização de tais emoções, gostos e preferências, *a priori* subjetivos, norteia-se por estes projetos capazes de viabilizar, simbólica e materialmente, um sentido às emoções e expectativas individuais.** (TOLEDO, 1996, p. 227-234 negrito nosso).

Como contribuição a esta reflexão, apresentamos dois exemplos (Fig. 5 e 6) de mulheres que decidiram marcar em seus corpos o amor que têm pela torcida organizada. A tatuagem implica diretamente em uma ligação permanente delas com suas respectivas torcidas, uma forte conexão, um “amor e dedicação” que habitualmente são vinculados aos homens torcedores e não às mulheres. Aqui, também caberia o aspecto de que as torcedoras organizadas escolhem demonstrar o seu amor e paixão diretamente para a torcida organizada, e indiretamente ao clube, o que confirma a narrativa do sentido de pertencimento àquele grupo específico.

<sup>33</sup>Letra completa encontra-se no anexo C.

<sup>34</sup>Letra completa encontra-se no anexo D. A música faz referência à canção do grupo Araketu chamada “É bom demais” lançada em 1994.

**Figura 5** – Imagem de tatuagem de torcedora - *Bamor*



Fonte: Imagem do acervo pessoal da torcedora, 2018.

**Figura 6** – Imagem de tatuagem de torcedora - *Os Imbatíveis*



Fonte: Imagem do acervo pessoal da torcedora, 2018.

Aspectos que correspondem a “amor” e “união” também podem facilmente ser vinculados à palavra “família”, que também figurou significativamente nas respostas dos torcedores organizados dos dois clubes (Fig. 3 e 4), algo que, em consonância com Velho (1978), poderia caracterizar algo próximo de um *projeto coletivo*. Ou seja, podemos afirmar

que esse espaço também resulta de um aspecto de sociabilidade que comporta e exprime o “fazer parte de um grupo” e de seus vários significados, já que em muitos exemplos, conforme mencionado pelas torcedoras, as torcidas “são os únicos espaços que os jovens encontram para estar na comunidade”.

## 2. AS TORCEDORAS QUEREM TORCER

Este capítulo tem como objetivo traçar caminhos para a compreensão *do ser que torce*. Seres cujos espaços de sociabilidade e circuitos não se dão apenas na arquibancada, mas nas ruas, nas sedes das torcidas organizadas, nos bares, ou seja, nos espaços que as torcedoras e os torcedores manifestam e traduzem as várias facetas do torcer. Na construção dessa narrativa, que foge da normalidade e rompe aspectos importantes da cultura machista, temos como foco a presença da mulher. Não porque a presença da mulher é algo novo, já que elas sempre estiveram no futebol, mas porque algo vem mudando no que diz respeito à presença das torcedoras na dinâmica social da torcida organizada. “As torcedoras querem Torcer” nome escolhido para esse capítulo impulsiona exatamente a presença, a persistência e o desafio diário das mulheres torcedoras nas arquibancadas.

### 2.1. Bahia e Vitória: os esporte clubes e suas maiores torcidas organizadas

**As trajetórias das torcidas devem ser vistas em sua articulação com as histórias dos clubes de futebol, criada, recriada, compartilhada através de diferentes gerações de torcedores.** É a partir das narrativas dos informantes, à respeito de sua inserção nas torcidas organizadas, que procuro analisar a questão. Para tanto, vale estar atento às categorias que organizam seu discurso, às metáforas utilizadas, às circunstâncias evocadas, às lembranças a que recorrem.

Nesse sentido, dois eixos principais se evidenciam. Um deles refere-se ao passado do clube – sua história, grandes craques, vitórias, etc. – e, o outro, às experiências compartilhadas na torcida (decisões, comemorações, caravanas, viagens, amizades e conflitos) (TEIXEIRA, 2003, p. 35, negrito nosso).

Para percorrer a trajetória das torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis* é necessário, de antemão, compartilhar algumas informações dos seus respectivos clubes, que fazem parte da elite do futebol nacional. O Esporte Clube Bahia, fundado em 1º de janeiro de 1931, conquistou os dois únicos títulos brasileiros do estado; títulos que são lembrados em todos os jogos por sua torcida, considerada a maior do Nordeste, no canto “58 é nosso e 88 também”. Um dos mais antigos do País e clube mais antigo do estado, o Esporte Clube Vitória foi fundado em 13 de maio de 1899, e conta também com uma torcida apaixonada, que é comumente escutada bradando o dizer “E vamo, vamo ganhar Nêgo” para impulsionar o clube popular.

No mesmo período, em 1905, foi criada a primeira liga de futebol do estado da Bahia, composta pelos clubes Internacional, Clube Internacional de Cricket, Vitória e São Paulo – Bahia, que permaneceu com essa configuração até meados 1920, quando apareceu no cenário a Associação Atlética da Bahia e Clube Baiano de Tênis. De acordo com Paulo Roberto Leandro

(2011), “o futebol nesse período deixa a condição de elite para se transformar em entretenimento de massa, principalmente com a construção do campo da Graça em 1920 e com a fundação do Ypiranga Futebol Clube” (LEANDRO, 2011, p.06). Ainda, Leandro elucida que entre 1927 e 1930 os jogos foram para o bairro do Rio Vermelho, local que à época era de difícil acesso, o que dificultou a permanência dos departamentos de futebol da Associação Atlética e do Clube Bahia de Tênis na região.

Ao passo que a popularização do futebol avançou, em meados de 1950, clubes como o Bahia de Feira de Santana, começaram a surgir estimulados pela realização da Copa do Mundo no Brasil em 1951. Independentemente de o foco do trabalho não estar diretamente vinculado às histórias dos clubes do estado, entendemos a importância de reconhecer as trajetórias dos mesmos e relatar ainda que brevemente o contexto do futebol no Estado da Bahia. Foi também entre décadas de 1930 e 1940 que surgiu clássico popularmente chamado de Ba – Vi, siglas que identificam os respectivos clubes Bahia e Vitória. Este clássico que ainda hoje é capaz de mover multidões aos jogos foi, à época, impulsionado também pela mídia:

Para tanto, relembrem-se as circunstâncias de criação de um jogo “clássico”, unindo em um só composto, dois times prontos para inspirar uma estratégia e ardente rivalidade. Um jogo que a imprensa pudesse promover como referência para cativar a torcida, conquistar leitores e ampliar os negócios da empresa de jornal, com um maior volume de vendas avulsas e captação de anúncios publicitários, chamados de reclames. Nascia a ideia do Ba-Vi. (LEANDRO, 2011, p. 17 e 18)

A Torcida Organizada *Bamor*<sup>35</sup> (T.O.B) surgiu em 12 de agosto de 1978 a partir da organização de um grupo de estudantes do Colégio Marista, tendo à frente Zé Augusto e Oscar. Com o lema “Ninguém nos vence em vibração”, hoje é a maior torcida organizada de seu clube<sup>36</sup>, com aproximadamente 1.468 associadas e associados, sendo cem do *Bonde Feminino*<sup>37</sup>. No caso da *Bamor*, todas as torcedoras entraram automaticamente para o *Bonde Feminino*, o que significa que as cem mulheres do Bonde correspondem ao total das torcedoras que participam da organizada *Bamor*.

As torcedoras organizadas que responderam o questionário deste estudo<sup>38</sup>, têm entre 17 e 33 anos, tendo sua maior concentração delas com idades entre os 21 e 23 anos. Já em

<sup>35</sup>Apresentamos a Torcida Organizada *Bamor* e na sequência *Os Imbatíveis*. A escolha da ordem atende apenas a ordem alfabética.

<sup>36</sup>Outras torcidas do Esporte Clube Bahia: Torcida Uniformizada Terror Tricolor, fundada em 01/05/2004; Torcida Organizada Povão fundada em 20/09/1979; Torcida Garra Tricolor fundada em 20/07/1998; Torcida Uniformizada do Bahia fundada em 09/09/1999.

<sup>37</sup>Em sua criação era intitulado de *Distrito Feminino*. Para maiores informações, acessar: <<https://www.facebook.com/Bonde-Feminino-Da-Bamor-218912378667438/>>.

<sup>38</sup>Os números serão apresentados de maneira geral, especialmente no que diz respeito a idade das torcedoras como forma de salvaguardar a identidade das quinze torcedoras que preencheram o questionário.

relação à raça/cor, nove delas se autodeclararam como pardas, quatro como pretas/negras e as demais optaram por não responder a questão.

Eleita em 1995 pela Revista Placar como a maior torcida organizada do Nordeste, a *Bamor* sofreu uma crise importante no mesmo ano, quando por questões eleitorais e de disputas internas, a torcida se dividiu. Na época, criou-se um registro no qual o presidente deveria ser eleito, o que fortaleceu significativamente os processos de modernização da torcida. Anteriormente a esta crise, a torcida possuía um famoso patrimônio e era reconhecida como a que continha o maior número de bandeirões no Nordeste. Por conta de um incêndio no depósito da Fonte Nova e da própria cisão na torcida, muitos materiais acabaram se perdendo, bem como, entrando em disputas judiciais. Em sua página do Facebook<sup>39</sup>, atualmente com 49.802 seguidores, a *Bamor* apresenta sua história. A Sede da *Bamor* está localizada no centro da cidade, local onde também acontece a concentração antes dos jogos. Cabe ainda destacar, que a *Bamor* tem como mascote a figura do Taz, o demônio da Tasmânia, desenho animado, criado em 1954 pela Warner Bros como parte do elenco dos Looney Tunes. O personagem é conhecido por ser muito rápido e destruidor, o que nos remete neste caso a uma possível conexão com os aspectos de masculinidade e virilidade presentes nas torcidas organizadas.

**Figura 7** - Símbolo da torcida organizada - *Bamor*<sup>40</sup>



Fonte: Imagem extraída da página do Facebook da *Bamor*, 2018.

<sup>39</sup>Dados extraídos da página do Facebook da torcida organizada Bamor, disponível em: <<https://www.facebook.com/Torcida-Bamor-N%C3%ADngu%C3%A9m-nos-vence-em-vibra%C3%A7%C3%A3o-107588289263256/>>. Acesso atualizado em: 11 jun. 2018.

<sup>40</sup>Taz-Mania é um desenho animado de origem austro-estadunidense distribuído pela Warner Bros, baseado no personagem Taz, um diabo da Tasmânia, que “se locomove num redemoinho e devora tudo que vê pela frente”, retratado como um “carnívoro estúpido com um temperamento notoriamente curto e com pouca paciência” (Fonte Wikipédia). Aqui cabe um destaque para a imagem de Taz como a representação de algo feroz e agressivo. Nesse sentido, é possível estabelecer uma conexão com as questões levantadas, relacionadas aos aspectos de masculinidade e virilidade presentes nas torcidas organizadas.

A torcida organizada *Bamor* organiza-se em quatro Zonas da capital baiana: Norte, Sul, Leste e Oeste. Também compõem a região metropolitana, interior e os estados de Aracaju, Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, no caso das torcedoras a situação é diferente, uma vez que todas elas se concentram em uma ala específica. O *Bonde Feminino* da *Bamor* foi fundado oficialmente no dia 12 de dezembro de 2005 por cinco integrantes que compreenderam a necessidade de ter um espaço exclusivo para elas. Entre as justificativas mencionadas nas entrevistas com as torcedoras a respeito da necessidade da criação desse espaço, destaca-se a necessidade delas de reivindicarem materiais, fardamentos e bandeiras específicas. Como podemos ver nas palavras de Leticia, uma das torcedoras fundadoras do “Feminino”<sup>41</sup>:

Não tinha uma camisa específica para mulher, então eu comprava uma camisa P, pois era magra e ainda assim, ficava grande, folgada, então era uma camisa masculinizada e eu não me incomodava muito com isso não! Comprava até camiseta regata e colocava um top por baixo estava tudo resolvido! Eu sempre fui muito moleca. Entre as minhas irmãs sou a única que gosta realmente de futebol e vou para todos os jogos. Como somos todas irmãs talvez eu seja a filha homem que meu pai não teve, apesar que isso não tem a ver com a parte da sexualidade. Óbvio que existia uma forma masculinizada, da exaltação da masculinidade das roupas eram todas masculina e isso era imposto para gente, a gente tinha que usar assim, só que eu não reclamava. Para mim, já era maravilhoso estar ali. Eu amava futebol e queria estar ali e eu comecei a amar torcida organizada, mas quando a quantidade de mulheres começou a aumentar isso foi um dos primeiros incômodos, para a maioria das meninas isso incomodava.

Além disso, foi possível compreender que o *Feminino* também se tornou um espaço onde elas podem compartilhar suas histórias, questões e necessidades, além de integrar e conversar com as novas torcedoras que ingressam na torcida organizada. Contudo, faz-se necessário ressaltar que o *Bonde Feminino*, no nosso entendimento, apesar de ser um espaço exclusivo das mulheres torcedoras, não se configura como uma torcida organizada apenas de mulheres, pois todas elas encontram-se na torcida organizada *Bamor*, seguindo suas regras e estrutura.

---

<sup>41</sup> Mensagem enviada por WhatsApp em 01/07/2018.

**Figura 8** - Torcedoras do *Bonde Feminino - Bamor*



Fonte: Acervo pessoal do fotógrafo Jaime Júnior, 2016.

**Figura 9** – Bandeira do *Bonde Feminino - Bamor*<sup>42</sup>



Fonte: Imagem extraída da página do Facebook do Bonde Feminino da *Bamor*, 2018.

A Torcida Uniformizada “*Os Imbatíveis*” (T.U.I), mais conhecida como “*Imbatíveis*”, foi criada em 20 de outubro de 1997 por quatro integrantes que tinham como intuito a proposição de uma nova torcida organizada mais vibrante e com maior comprometimento com o clube. Atualmente é a maior torcida organizada do Esporte Clube

<sup>42</sup>O símbolo do *Bonde Feminino* nos permite refletir acerca de algumas questões, das quais destacamos: a caracterização de uma figura de mulher em posição de luta, aqui entendida enquanto embate físico, representada pelos punhos em riste; os padrões de beleza hegemônicos - magra, branca, de cabelos longos e lisos, seios fartos - que raramente refletem a estética das mulheres em geral, e também das torcedoras organizadas; a imagem se aproxima também da ideia do estereótipo “feminino” pelas roupas justas e o uso de batom.



Vitória<sup>43</sup>, e tem como mascote o Capitão Caverna. A torcida fez sua estreia nas arquibancadas em um BA–VI<sup>44</sup> no estádio da Arena Fonte Nova em 2013. A narrativa das torcedoras e torcedores que estavam na arquibancada neste jogo é a de que quando o clube abriu o placar, um radialista fez menção à faixa que foi estendida pela torcida, dizendo: “Vejo no alto da Fonte Nova uma nova torcida do Vitória, mais alegre, mais vibrante”.

Com o lema “Com o Vitória Além da Morte. Acima de Nós, só Deus!”, a torcida uniformizada “*Os Imbatíveis*” conta com aproximadamente 1.300 associadas e associados, sendo 44 do *Comando Feminino*, parte da torcida composta exclusivamente por mulheres. No caso, as torcedoras organizadas *Os Imbatíveis* podem optar ou não por compor o *Comando Feminino*. Portanto, atualmente existe aproximadamente 120 mulheres que integram a torcida organizada e dessas, 44 estão no *Comando Feminino*<sup>45</sup>. Em relação a faixa etária, as mulheres que preencheram o questionário aplicado nesta pesquisa têm entre 16 e 30 anos, sendo que a maior parte tem entre 21 a 23 anos. Já em relação à autodeclaração de raça/cor, duas delas apresentaram como brancas, seis como pardas e sete se autodeclararam pretas/negras.

**Figura 10** - Símbolo da torcida organizada - *Os Imbatíveis*<sup>46</sup>



Fonte: Imagem extraída da página do Facebook *Os Imbatíveis*

Atualmente a sede da torcida se localiza no centro da cidade, e o local funciona também como uma loja, onde é possível encontrar diversos materiais da torcida à venda. A maioria dos jogos do clube se concentra no estádio pertencente ao Vitória, Manoel Barradas, mais conhecido como “Barradão”.

<sup>43</sup>Outras torcidas do Esporte Clube Vitória: Camisa 12 do Vitória; Torcida Uniformizada Viloucura.

<sup>44</sup>O clássico Bahia x Vitória é popularmente conhecido como BAVI.

<sup>45</sup>Os números serão apresentados de maneira geral, especialmente no que diz respeito a idade das torcedoras como forma de salvaguardar a identidade das quinze torcedoras que preencheram o questionário.

<sup>46</sup>Capitão Caverna é o personagem do desenho animado, criado na década de 1970, "Capitão Caverna e as Panterinhas", produzido pela Hanna-Barbera. O Capitão Caverna é “um homem pré-histórico baixinho, troglodita, coberto de pelos e sempre com um porrete em mãos”, entre suas habilidades existem a super força e entre os seus principais objetos uma chave que lhe permitia voar (Fonte Wikipédia). Acreditamos que assim como o símbolo da outra torcida, este símbolo traz representações de masculinidade e virilidade.

A torcida organizada *Os Imbatíveis* está organizada em 22 comandos – seções -, distribuídos em bairros de Salvador e no interior do estado. O *Comando Feminino Os Imbatíveis*, que teve seu início em 30 de julho 2006, mas, no momento encontra-se desativado, conforme assinalado por Regina, uma das torcedoras que contribuiu para a fundação do comando “por questões particulares e internas da torcida”. Mesmo assim, para esta pesquisa, faz-se necessário entender melhor o histórico e estrutura deste espaço:

Eu e mais quatro meninas fanáticas pelo Esporte Clube Vitória já éramos associadas da torcida *Os Imbatíveis*, mas a gente via carência em algumas coisas. Por exemplo, carência de produto feminino. A gente via as meninas isoladas cada uma com seus grupos, tinham aquelas que iam com o namorado para o estádio e ficavam meio isoladas porque o namorado subia para tomar uma cerveja e elas ficavam paradas no estádio e achavam isso meio entediante. E uma conversa, um bate papo entre amigas no intervalo dos jogos, a gente percebeu a necessidade e a carência de um grupo feminino para unir as meninas. Uma das coisas que a gente queria pedir era uma bandeira porque tinha a bandeira dos comandos como é em Salvador. A gente queria uma bandeira do *comando feminino*, a gente queria material feminino, porque, até então, a gente tinha que comprar camisa masculina, reformar como se fosse abadá e usar. Então a gente listou algumas coisas para sugerir e a partir disso a gente queria criar nosso próprio grupo, o nosso próprio comando. Por exemplo, organizar nossas festas assim como têm as festas dos outros comandos. (Regina, 2018).

Como podemos observar as justificativas e motivações para criação de um “espaço feminino” nas torcidas *Bamor* e *Os Imbatíveis* se assemelham, uma vez que, nos dois casos, as mulheres criaram espaços para que elas pudessem se organizar e reivindicar as suas necessidades e exigências.

**Figura 11** – Torcedoras do *Comando Feminino - Os Imbatíveis*



Fonte: Imagem extraída da página do Facebook *Os Imbatíveis*, 2016.

**Figura 12** – Bandeira do *Comando Feminino - Os Imbatíveis*<sup>47</sup>



Fonte: Imagem extraída da página dos *Os Imbatíveis*

É evidente que essa configuração apresenta avanços quando a priori pensamos que as mulheres torcedoras teriam um espaço para elas, mas também é problemática sob a perspectiva de que não há um distrito e/ou comando dedicado aos homens torcedores. Ou seja, ao criarem um espaço destinado apenas para a mulher torcedora também se apresenta a tentativa de direcionar atividades e demandas específicas para elas.

## 2.2. Lugar de mulher é na bancada<sup>48</sup>

As pesquisadoras Ana Macedo e Ana Luiz do Amaral no livro *Dicionário da crítica feminista* (2005), ressaltam a construção da cultura como algo que expõe uma dualidade sexual, e isso resultaria de imediato na não possibilidade de nos entendermos enquanto simplesmente humanos (AMARAL, 2005). Tal dualidade, também no âmbito do universo futebolístico tende a se centrar na ênfase do polo masculino. A predisposição em se naturalizar a perspectiva masculina enquanto regra é, na verdade, algo construído social e historicamente. Por conseguinte, as torcedoras de torcidas organizadas acabam internalizando muitas das dinâmicas impostas pelas masculinidades das torcidas organizadas, destacando mais uma vez que estes espaços não foram pensados para elas.

<sup>47</sup>Já o símbolo do *Comando Feminino* nos remete a outras simbologias. A pintura no corpo, pena amarrada no braço, cajado em sua mão, cabelos lisos cobrindo os seios são características da representação de uma mulher indígena que segundo sua idealizadora, Mariana Silva, representam força, garra e energia, uma referência à força da mulher indígena.

<sup>48</sup>Referência de título sugerido a partir de página no Facebook intitulada “Lugar de Mulher é na Bancada”, fundada em 2013 e tendo como organizadoras as torcedoras Elise Oliveira e Nathália Sjs. A palavra bancada faz referência a arquibancada. Para maiores informações, acessar: < <https://www.facebook.com/LDNBOficial/>>.

Tais noções são explicadas por Pierre Bourdieu (2002) em sua obra *A dominação masculina*. Para o autor, a dominação do “masculino” sobre o “feminino” é resultado de uma série de violências cotidianas, que se exerce principalmente por vias simbólicas, impetrada pelos dominadores, mas também legitimada pelo reconhecimento dos dominados. Isto é, tais violências simbólicas parecem, também para os dominados, estar na “ordem das coisas”, não precisando ser justificadas, dado que esta dominação coloca as diferenças biológicas entre mulheres e homens como sendo fundamento natural, portanto, a-histórica, para as demais diferenciações.

Nesse sentido, a dominação é muitas vezes reproduzida tanto pelas mulheres quanto pelos homens, uma vez que as estruturas históricas da ordem masculina são incorporadas sob a forma de *habitus*, uma forma inconsciente de percepção que determina quais atitudes são adequadas para cada um desses polos. Todavia, estas estruturas correspondem às próprias categorias de pensamento que os indivíduos utilizam para compreender sua prática no mundo. Ao passo que a presença da torcedora acontece, o *habitus* do que seria próprio ao feminino é transgredido. Como consequência, tensões e negociações emergem de sua presença nos estádios por vezes com reproduções do que seria o espaço destinado ao *feminino* mediante adequações a este novo contexto:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2002, p. 07-08).

Sobre o mote *Lugar de mulher é onde ela quiser inclusive na bancada*, propomos um olhar mais cuidadoso a respeito das mulheres que ocupam este espaço. A reflexão sobre essa questão acontece por importante mudança que vem ocorrendo nos últimos anos nos acessos aos espaços públicos ocupados pelas mulheres. São mudanças significativas, quiçá estruturais, que se configuram tanto para aquelas que, por ventura, não se mobilizariam para atividades como participar de uma torcida de futebol, quanto para mulheres que, em sua atuação ou existência, fariam disso sua reinvenção e enfrentamento interno. No caso das torcedoras, muitas vezes, isso se apresenta como uma ação não intencional.

O futebol, dessa forma, se configura em uma linha tênue entre avanços e retrocessos nas conquistas sociais e nos confere a possibilidade de pensarmos na participação da mulher como alguém que sai de uma pequena participação para uma presença efetiva, cada vez mais atuante. Ao acompanhar as torcedoras percebemos que mesmo que elas lutem por espaços nas torcidas de futebol e consigam angariar uma parte simbólica de suas reivindicações, elas

permanecem em um limbo de eternos arranjos e negociações para o desempenho de seu ato e/ou modo de torcer. A participação enquanto torcedora também se configura em uma eterna busca por espaço.

E é nesse cenário controverso que há alguns anos vem se tornando perceptível e inegável o aumento de torcedoras<sup>49</sup> interessadas em percorrer os espaços de sociabilidade (TOLEDO, 1996) que o futebol dispõe. Narrativas são construídas acerca do aumento das torcedoras nas arquibancadas, entre elas, a narrativa da mídia que ganha força à medida que os meios de comunicação qualificam a presença da mulher na arquibancada como algo que poderia contribuir na redução da violência nos estádios presente inclusive na obra de Dunning (1995), enfatizando o discurso de um ambiente “familiar”. No entanto, é preciso ressaltar, conforme apresenta Heloisa Helena Baldy dos Reis, que essa presença lhes foi historicamente negada:

A discussão do futebol praticado e assistido por pessoas do gênero feminino é importante nesta pesquisa, pois no meu modo de ver, as experiências das mulheres como praticantes devem incentivar a sua condição de assistentes desse tipo de espetáculo esportivo. Além disso, a teoria de Elias & Dunning, base para esta tese, dá um destaque especial ao gênero feminino, afirmando em seus estudos, que a presença delas em espetáculos esportivos inibe os atos de violência. **Constata-se que historicamente foi negada à mulher sua participação no futebol institucionalizado e, entre os espectadores e torcedores de futebol, a sua presença sempre foi tímida apesar do crescente interesse que o futebol vem despertando atualmente nas mulheres.** (REIS, 1998, p.46 *negrito nosso*).

Outro dado que reflete o aumento da participação das torcedoras é o crescente número de torcedoras associadas aos clubes, engajadas nas redes sociais<sup>50</sup> e também nos trabalhos acadêmicos<sup>51</sup>.

Todavia, para estas mulheres, fazer parte da arquibancada não significa, de imediato, a escolha de participação ou o que acreditam ser a expressão do torcer. Afinal, são muitos os estereótipos e preconceitos enfrentados pelas torcedoras, conforme apresenta Leda Maria da Costa (2007), que indica que elas sofrem sim dificuldades para expressar o seu torcer, mas, ao mesmo tempo, a presença delas também contribui para um “sensível desgaste na ideia de que futebol é coisa de homem”.

---

<sup>49</sup>Pesquisa realizada pela PLURI Consultoria em 2012, para maiores informações acessar o documento: As Maiores Torcidas do Brasil entre as Mulheres. Disponível em: <<http://new.pluriconsultoria.com.br/wp-content/uploads/2014/11/PLURI-Pesquisas-torcida-mulheres.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

<sup>50</sup>Para citar alguns dos espaços nas redes sociais: Garotas Organizadas; Lugar de Mulher é na Bancada; Torcedoras Organizadas; Mulheres de arquibancada – Resistência e Empoderamento; A Bola que Pariu.

<sup>51</sup>Entre os trabalhos podemos indicar: Priscila Augusta Ferreira Campos (2010) “As Mulheres torcedoras do Esporte Clube Cruzeiro presentes no Mineirão”; Lara Tejada Stahlberg (2011), “Mulheres em campo: Novas reflexões acerca do feminino no futebol”; Marcelo Pizarro Noronha (2012), “Sou Mulher! Sou Gremista! Representações da mulher no futebol e as cristalizações de gênero envolvidas neste processo: uma etnografia sobre torcedoras do grêmio”; Osmar Souza Junior (2013), “O futebol feminino como fenômeno social: interpretações da busca pela legitimidade”.

A presença das mulheres nas arquibancadas de futebol nos remete a duas discussões estruturais: os estereótipos (BHABHA, 1998) que são impostos a elas, independentemente dos papéis que elas constroem ou consideram adequados como expressão do torcer e as questões que são reveladas em decorrência dos caminhos por elas percorridos no exercício de suas atividades.

Nessa perspectiva, Leda Costa (2007) identifica a *verdadeira torcedora* como aquela que tem como princípio o apoio incondicional ao seu clube de coração, ao contrário daquelas que têm o futebol enquanto passatempo. Essa necessidade de afirmação do que é *verdadeiro* se consolida a medida que há uma profunda dificuldade da sociedade de conectar elementos que se aproximem dos *femininos* ao futebol. Cabe correlacionar a identificação de “verdadeira torcedora” aos conceitos de Norbert Elias e John L. Scotson de *estabelecidos* e *outsiders*. Para estes autores, os *estabelecidos* são indivíduos que se auto percebem e/ou são considerados por grupos pessoas que ocupam posição de privilégio e poder em suas comunidades, enquanto os *outsiders* são aqueles que estão fora dessas relações. Nesse sentido, a concepção e a manutenção dessas relações corroboram para uma continuidade do que seria *verdadeiro*. Ou seja, o *verdadeiro* carrega as exigências e obrigações do que caracteriza o que é demarcado como “ideal” para estar nesse grupo. Dessa forma, do outro lado estão as torcedoras que não entram nesse grupo exatamente por não dispor dos critérios nele pré-estabelecidos.

Entre as décadas de 1950 e 1960 tivemos importantes nomes de torcedoras chamadas de símbolos<sup>52</sup> nos clubes em vários estados do Brasil. Mesmo com o aumento de informações sobre o assunto, o que repercute em nosso imaginário é a ideia das mulheres que perguntam: “quem é o homem de preto no campo?”; “o que é escanteio?” e; “quem é a bola”, situações descritas por Nelson Rodrigues<sup>53</sup> e citadas por Leda Costa (2007). Próxima dessa realidade estaria a figura da *Maria-Chuteira*, mulher que vai ao estádio na tentativa imediata de ascender socialmente, se oportunizando daquele espaço para conseguir arranjos que mudem sua posição social, a partir do casamento com um jogador. De maneira complementar, Riboldi (2008) as define como aquelas “sempre rondando o local onde se encontram os atletas” (p.74), ou seja, mulheres que vão aos locais de treino com o propósito evidente de estabelecer algum nível de relação afetiva com os atletas.

---

<sup>52</sup>Para maiores informações, acessar: COSTA, Leda Maria da. *Maria-Chuteiras x Torcedoras “autênticas”. Identidade Feminina e Futebol*, 2006.

<sup>53</sup>RODRIGUES, Nelson. “O escrete de feras”. *À sombra das chuteiras imortais*. Crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Somado aos dois aspectos descritos acima, Lara Stahlberg (2011) acrescenta outras denominações importantes. Uma delas é da *torcedora-modinha*, que tem entre suas principais características, o fato de ir ao estádio apenas em momentos que o seu clube está em uma boa fase ou em festas preparadas pelas torcidas, mas tem pouco conhecimento sobre o esporte. Outra é da *mulher-macho*, aquela que gosta de futebol, mas vê recair sobre ela todos os estereótipos que o futebol historicamente carrega e é vista como masculinizada e/ou homossexual.

Para contribuir com estas investigações utilizamos o conceito de gênero, conforme apresentado por Guacira Louro:

Numa outra posição, estarão aqueles/as que justificam as desigualdades sociais entre homens e mulheres, remetendo-as, geralmente, às características biológicas. O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — *e justificar* — a desigualdade social. É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. **É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.** Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, **mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.** O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual *gênero* será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p. 21, negrito nosso).

Estereótipos como o de *Maria-Chuteira* ainda ocupam lugar de destaque no cenário do futebol, mesmo que alguns nomes tenham sido substituídos por novas expressões. No entanto, não caberia aqui afirmar que os estereótipos apresentados pelas autoras caíram em desuso. Frequentar os espaços de sociabilidade das torcedoras – jogos, sedes das torcidas organizadas, bares – nos permitiu observar que, possivelmente, para as *torcedoras de modinha* que pertencem à torcida organizada somam-se questões mais específicas, como podemos verificar na fala da torcedora Marielle da torcida organizada *Bamor*:

Algumas mulheres entram na torcida e procuram logo namorar um presidente ou um diretor, por status mesmo. Porque aí vai todo mundo bajular ela né? É diferente da verdadeira que está ali por amor ao clube pela ideologia mesmo da torcida a que briga que é autêntica de verdade né? A outra está lá por um motivo passageiro. (2017).

Fica evidente no depoimento da torcedora organizada a diferenciação feita por ela entre a torcedora verdadeira e a “torcedora de modinha”. Destacamos o fator “amor pelo clube” e a questão da entrega; ou seja, torcedora verdadeira é aquela que luta pelo clube. Além disso, a palavra ideologia se configura como mote, como uma filosofia de vida, ou como descreve Luiz Henrique de Toledo (2006), um *estilo de vida*, com valores e princípios que consolidam uma dinâmica de sociabilidade.

A configuração que permeia a presença das mulheres nas torcidas passa pela comprovação de que, ao frequentarem o espaço das torcidas organizadas, as torcedoras são limitadas por diversos enquadramentos sobre que é certo ou errado para definir o que é ser uma torcedora. Certamente os limites que compreendem a participação das torcedoras são marcados por questões de gênero.

Dessa forma, é necessário compreender o conceito de gênero enquanto categoria de análise que pretende desvendar as desigualdades entre mulheres e homens e as diferenças estruturais que compõem e hierarquizam essas diferenças (SCOTT, 1989). Homens e mulheres experimentam e conhecem experiências marcadas por significativas diferenças que compõem os papéis sociais, comumente naturalizados em nossa sociedade. De acordo com Louro (1997), isso não ocorre apenas em relação aos aspectos relativos à gênero, mas em todo o escopo do que corresponde ao pensar, representar e valorizar a construção dos aspectos feminino e masculino na sociedade.

É neste cenário, que observamos *habitus* de torcer associados aos componentes de força, do grito, da raiva, que não correspondem às características imaginadas para uma mulher torcedora. No entanto, a presença dela nas arquibancadas tenta romper com os códigos (STAHLBERG, 2009) desse espaço, nas negociações (BURKE, 2013) que se apresentam como possíveis naquele determinado momento.

[...] que as de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação. (BUTLER, 2003, p. 18).

Neste caso, é pertinente observar que “as construções de *masculinidades* estão relacionadas a produções de *feminilidades*, nesse caso, não é possível isolar um suposto mundo dos homens e mundo das mulheres” (BANDEIRA, 2010, p.343). O autor Jorge Dorfman Knijnik (2010) reforça que ser homem está diretamente ligado a uma imediata renúncia aos aspectos femininos. Portanto, o homem estaria ao longo de sua vida reforçando sua masculinidade em contraposição à feminilidade.

Para construir esses caminhos de ingresso nas torcidas organizadas, as mulheres enfrentam exigências e barreiras maiores do que aquelas colocadas aos homens torcedores, tanto no que diz respeito às posturas, quanto aos interesses e arranjos afetivos. Parece-nos possível afirmar que para a mulher não basta ter amor pelo clube, dedicação por sua torcida, empenho nos cânticos, uma vez que todas estas atividades são constantemente colocadas à prova.



Mesmo quando a mulher torcedora demonstra em seu “ato de torcer” a dedicação *necessária*, esta não parece ser suficiente para garantir e reafirmar sua permanência. Outras barreiras de distanciamento são construídas ao passo em que ela se aproxima do “ideal de torcer”, imposto e construído pelas masculinidades da própria torcida. Ou seja, se o “ideal de torcer” se traduz enquanto “amor ao clube”, a elas é perguntado sobre seus conhecimentos acerca das regras do jogo (i.e.: a clássica pergunta feita a mulheres para explicarem o que seria um impedimento); se o ideal é ter conhecimento sobre as táticas de jogo adotadas pelo clube, a elas é cobrada força física para carregar a bandeira, os instrumentos, etc. e assim por diante. Cabe, portanto, afirmar que um dos aspectos centrais dessa problemática reside em questões de gênero. Vejamos a imagem a seguir:

**Figura 13** – Quadrinho “Eu Torço Sim”<sup>54</sup>



Fonte: Imagem extraída da fanpage do Facebook Descubra Ariel

<sup>54</sup>Propaganda publicada na rede social Facebook pela marca de sabão em pó Ariel em maio de 2013, a propaganda tinha o patrocínio oficial da Seleção Brasileira. Após o seu lançamento causou bastante polêmica, e informações retiradas da internet foram mais de 200 compartilhamentos e 300 comentários, uma mobilização importante para retirada da propaganda das mídias sociais. “**Campanha Descubra Ariel. Pessoal, os jogos estão chegando e tá na hora de vestir a camisa, não é mesmo? Por isso vamos começar aqui uma série de tirinhas mostrando que nós mulheres torcemos sim pela nossa seleção. E você? Como é que torce? Conte aqui pra gente!**”(Facebook, 09 mai 2013). Disponível em: <https://www.facebook.com/descubraariel/photos/a.169643166386483.48974.144878848862915/652656778085117/?type=3&theater>. Acesso em: 02 out. 2015.

No diálogo travado na figura 13 o homem declara que não está conseguindo ficar concentrado no jogo por conta das amigas torcedoras que sua “esposa” chama para compartilhar esse momento. A charge reproduz estereótipos de beleza, modos de comportamentos femininos difundidos na sociedade brasileira, a sexualização da mulher, colocada como objeto sexual em primeiro plano, e relegando ao segundo plano o interesse da mulher pelo torcer. Essa imagem explicita o fato de que para torcer, as mulheres ficam em uma espécie de um *não* lugar. Se de um lado elas evidenciam sua *feminilidade*, são acusadas de deixarem os homens desconcentrados, impedindo que eles realizem suas demandas enquanto torcedor. De outro, as que evidenciam seus aspectos de *masculinidade* deixam os homens desconcentrados por outro motivo, o de incomodo oriundo de uma disputa de espaço, do medo da perda da *reserva masculina* do futebol. Desse modo, são aspectos e cenários que, de antemão, não se apresentam como possíveis para as mulheres:

Olhar para as masculinidades em um contexto cultural específico é tentar enxergar como as diferentes masculinidades são representadas e hierarquizadas. Dentre as diferentes instâncias e contextos que produzem valores de gênero, que fazer circular entendimentos sobre o que sejam **masculinidades e feminilidades adequadas** [...]. **Entendo os estádios de futebol como um contexto cultural específico, um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e reproduz masculinidades.** (BANDEIRA 2010, p. 342, negrito nosso, itálico do autor).

Portanto, se o “ideal de torcer” para os homens traduz amor, paixão e disciplina pelo clube e pela torcida, para as mulheres isso não basta: ainda são exigidos outros comportamentos, padronizando atitudes e ampliando obstáculos. Há, por exemplo, algumas atribuições que as torcidas comumente designam apenas às mulheres, ou majoritariamente a elas, como a participação nas ações sociais promovidas pelas torcidas organizadas. Nos fundamentaremos na reflexão acerca desse tipo de atividade no capítulo 3 para tecer novas considerações acerca de suas concessões, incidências e resistências das torcedoras organizadas.

### 2.2.1. Decisão em jogo

Se partirmos do princípio de que todas as torcedoras que vão ao estádio de futebol querem torcer, e de que uma torcida, teoricamente, gostaria que sua torcida angariasse mais participantes, por que se apresentam tantos desafios para a participação das torcedoras? A resposta, em nossa análise, está na maneira de como o futebol é visto como uma área de *reserva masculina* (DUNNING; MAGUIRRE, 1997). Muitas das oposições à participação das torcedoras relacionam-se a esta concepção, segundo a qual o ingresso das mulheres nas torcidas organizadas constitui uma ameaça a uma estrutura já consolidada, um espaço que os torcedores exteriorizam suas pulsações. Isso ocorre dado que “o estádio se transformou em um local no

qual se permite expressões e atitudes que só são possíveis neste contexto” (DAÓLIO, 1997, p.60). Questões que são repreendidas nos contextos da sociedade em modo geral, como, por exemplo, palavrões, xingamentos, gritos, (TOLEDO, 2000; DAMO, 2017), são permitidas no futebol, como se aquele espaço fosse conferido o designo de relaxar e acalmar as pessoas, que depois podem retornar as suas rotinas estressantes. Uma vez que as mulheres estão tentando romper com a estrutura desses espaços, compartilhando esses momentos que a arquibancada dispõe, passam a surgir negociações e tensões.

Uma das estratégias utilizadas para que as mulheres permaneçam fora dos estádios é sempre o prejulgamento de que elas não sabem o que se passa dentro de campo (SOUZA, 1996). Pois bem, de maneira simples, poderíamos aqui reconhecer que assim como qualquer conhecimento, é preciso construir práticas de aprendizado para que isso aconteça. No caso, a participação nos jogos seria, portanto, uma dessas práticas. Essa estratégia vem cada vez mais perdendo o sentido lógico, as mulheres vêm entrando no esporte, seja como torcedoras, apreciadoras, jogadoras, árbitras, técnicas ou qualquer outra forma, mais ainda assim encontram impedimentos, como esclarece Toledo especificamente em relação às torcidas organizadas:

as torcidas organizadas impõem limites, hierarquias, vestem-se de maneiras diferenciadas, criam padrões estéticos de como se torcer, gostos e comportamentos, que se traduzem em intervenções coletivas no meio urbano.

Investem tempo, criam expectativas, mobilizam símbolos, expõem-se a conflitos. Para estes torcedores, o futebol constitui-se em entretenimento e sociabilidade. Para isso concorrem uma série de práticas e disposições pelas quais objetivamente agem e percebem o mundo. E que, segundo Bourdieu, (1983<sup>55</sup>, p.83) “[...] o gosto à apropriação material e simbólica de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio de vida [...]” (TOLEDO 1996, p. 118).

As torcidas organizadas são compostas por pessoas que se engajam em padrões, sociabilidades, expectativas e mobilizações, e suas dinâmicas estão conectadas às questões sociais. Existe uma espécie de *modus operandi* geral para a torcida organizada, que varia de acordo com suas especificidades a depender de aspectos históricos, culturais e territoriais. A participação de uma mulher torcedora na torcida organizada Gaviões da Fiel<sup>56</sup> não necessariamente é igual a de uma torcedora que frequenta a torcida organizada Mancha Azul<sup>57</sup>, mas as torcidas operam com alguns códigos comuns. Ou sejam existem padrões no que diz respeito aos assuntos e às dinâmicas a serem reguladas para o funcionamento da torcida e muitas dessas dinâmicas envolvem torcedoras e torcedores de maneira diferente.

<sup>55</sup>BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: Sociologia [organizador da coletânea Renato Ortiz]. Tradução de Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

<sup>56</sup>Torcida Organizada do Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo – SP.

<sup>57</sup>Torcida Organizada do CSA, clube de Maceió – AL.

Existem relatos<sup>58</sup>, não diretamente ligados ao escopo do campo etnográfico deste estudo, de torcedoras organizadas que são proibidas das principais atividades que compõe a dinâmica de suas torcidas. O cuidado e hasteamento dos bandeirões durante os jogos, por exemplo, é um desses assuntos. Tomar parte na bateria da torcida, compor as caravanas<sup>59</sup>, ou estar presente nos considerados “jogos de guerra”<sup>60</sup>, são outros exemplos de atividades que algumas torcidas proíbem às mulheres. Neste aspecto é relevante dizer que no caso de torcedores organizados também existem regras, mas normalmente elas estão relacionadas ao tempo que este torcedor faz parte da torcida organizada para acessar esses espaços. Essas limitações são estabelecidas por regras, as quais, por sua vez, espelham e conformam relações de poder. As torcidas são instituições, e como tais, constituídas por regras. Ao observar a presença das mulheres nas torcidas organizadas, o olhar sobre a instituição (torcida) está submetido à análise da relação de poder estabelecida em seu interior, conforme orienta Michael Foucault (1995): “é necessário, antes, analisar as instituições a partir das relações de poder, e não o inverso”. A respeito da análise de instituições e das relações de poder, o autor ainda pondera:

Podemos, ou melhor, eu diria que é perfeitamente legítimo analisá-la [a relação de poder] em instituições bem determinadas; estas últimas constituindo um observatório privilegiado para as atingir — diversificadas, concentradas, ordenadas e levadas, parece, ao seu mais alto grau de eficácia; numa primeira abordagem, é aí que podemos pretender ver aparecer a forma e a lógica de seus mecanismos elementares. Contudo, a análise das relações de poder nos espaços institucionais fechados apresenta alguns inconvenientes. Primeiramente, o fato de uma parte importante dos mecanismos operados por uma instituição ser destinada a assegurar sua própria conservação apresenta o risco de decifrar, sobretudo nas relações de poder “intra-institucionais”, funções essencialmente reprodutoras. Em segundo lugar, ao analisarmos as relações de poder a partir das instituições, nos expomos de nelas buscar a explicação e a origem daquelas; quer dizer, em suma, de explicar o poder pelo poder (FOUCAULT, 1995, p. 245).

Nesse sentido, as regras que são destinadas às mulheres também se confundem com àquelas “destinadas a assegurar a própria conservação” da torcida, e àquelas das próprias

---

<sup>58</sup>Esses relatos fazem parte do escopo de torcedoras organizadas que fizeram parte da articulação do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada e do trabalho realizado com outras torcedoras organizadas na pesquisa para obtenção do grau de especialista de sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, concluído em 2015.

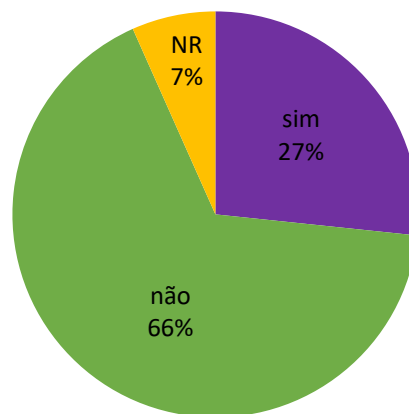
<sup>59</sup>As torcidas organizadas chamam de caravanas as viagens que realizam para assistir os jogos “fora de casa”, ou seja, em estádios de outros clubes. Normalmente, essas caravanas são feitas para outros estados. Por exemplo, o Esporte Clube Bahia realiza caravana para assistir um jogo no Estado do Rio de Janeiro.

<sup>60</sup>Os “jogos de guerra” são considerados jogos onde o risco de confronto é eminente. É possível que um “jogo de guerra” seja tributário da rivalidade entre clubes, mas também é possível a realização de um “jogo de guerra” quando as torcidas organizadas são rivais, o que não significa de imediato a rivalidade entre clubes. Um exemplo em que as torcidas são rivais, mas os clubes não nutrem tal rivalidade é a existente entre a Gaviões da Fiel e a Torcida Bicolor. Corinthians, de São Paulo, e Paysandu, de Belém, raramente se encontram em campeonato e não são oponentes históricos, mas a Bicolor é uma torcida organizada rival da Gaviões. Para mais informações sobre “os jogos de guerra” ler: *Identidades e Conflitos em campo: a “guerra do Pacaembu”* Revista USP. São Paulo, no 32. (1997) de Luiz Henrique de Toledo.

relações entre indivíduos em busca por poder na instituição. De todo modo, as torcedoras muitas vezes são avaliadas pelas atitudes que desempenham nesses espaços, principalmente atitudes relacionadas a comportamentos ditos “incorretos” ou a desvios de conduta ou enfrentamento às regras a elas impostas. Quando as torcidas organizadas e seus representantes repreendem ou reforçam as regras às torcedoras, as torcedoras deixam evidente que as torcidas organizadas são instituições como “qualquer outra”, que, portanto, possuem regras, e essas regras devem ser cumpridas. Em sua maioria as torcidas organizadas não possuem regras específicas para as mulheres torcedoras em seus estatutos ou documentos, mas como dizem as próprias torcedoras “não está escrito em lugar nenhum, mas a gente sabe né?”<sup>61</sup>. E isso aparece claramente quando questionamos acerca de regras direcionadas a elas e ouvimos: “não têm, mas têm!”<sup>62</sup>, ainda que a maioria das torcedoras, como pode ser observado nas figuras 14 e 15 não reconhecem que exista. Como podemos observar nas figuras de 14 a 17:

**Figura 14** – Percentual das entrevistadas que indicam a existência de regras específicas para mulheres torcedoras - *Bamor*

**Existem regras em sua torcida organizada que são direcionadas apenas para as mulheres torcedoras?**



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

<sup>61</sup> Informações coletadas no âmbito do trabalho etnográfico em acompanhamento das torcedoras entre 2017 e 2018.

<sup>62</sup> Idem.

**Figura 15** – Percentual das entrevistadas que indicam a existência de regras específicas para mulheres torcedoras - *Os Imbatíveis*

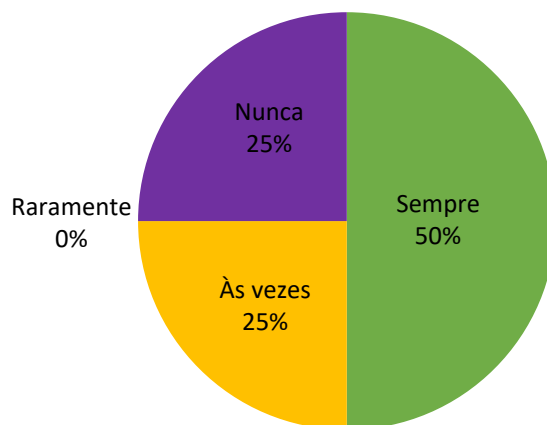
**Existem regras em sua torcida organizada que são direcionadas apenas para as mulheres torcedoras?**



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

**Figura 16** – Percentual de entrevistadas que apontam cumprir regras - *Bamor*

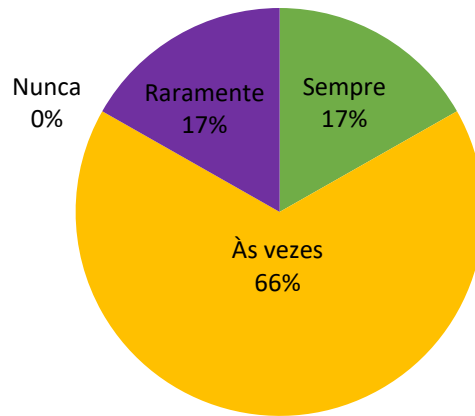
**Com que frequência você costuma cumprir essas regras?**



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

**Figura 17** – Percentual de entrevistadas que apontam cumprir regras - *Os Imbatíveis*

**Com que frequência você costuma cumprir essas regras?**



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

Vale observar as respostas apresentadas pelas torcedoras organizadas sobre a questão que perguntava às torcedoras se "existem regras em sua torcida organizada que são direcionadas apenas para as mulheres". Das 15 torcedoras da torcida organizada *Bamor* (Fig. 14), dez responderam que não existem regras específicas, e apenas quatro dizem que existem regras. Dessas quatro, 50% das torcedoras afirmam sempre cumprir as regras, 25% nunca cumprem e o mesmo percentual afirmou que às vezes cumprem (Fig. 15). Na torcida organizada *Os Imbatíveis* (Fig. 16), das 15 torcedoras, nove apontam que não existem regras específicas, e seis dizem que sim. Dessas seis, as torcedoras estão mais divididas, 17% sempre cumprem as regras, 66% às vezes cumprem e 17% raramente cumprem as regras (Fig. 17).

Entre as torcedoras da torcida organizada *Bamor* que dizem existir regras específicas, apenas duas delas evidenciam que sempre cumprem essas regras. Já no caso da *Os Imbatíveis*, apenas uma cumpre todas as regras. Acreditamos que existem dois aspectos importantes nessa análise. Um deles refere-se ao fato das torcedoras organizadas compreenderem que o espaço das torcidas organizadas é uma espécie de espelho da sociedade, ou seja, o que elas encontram naquele espaço nada mais é do que parte das dificuldades encontradas pelas próprias torcedoras fora dali. O segundo estaria vinculado a uma nova postura das mulheres ao se depararem com tais impedimentos ao passo que a "não existência de regras" e o "não cumprimento" seria um ato de resistência, como podemos observar nas frases já mencionadas: "não está escrito em lugar nenhum, mas a gente sabe né?" e o "não têm, mas têm!". Dessa forma, a torcida organizada apresenta-se como uma instituição que tem uma

“cartilha” com as normas de funcionamento e para que as mulheres permaneçam nela existem dois caminhos, não necessariamente excludentes: seguir a cartilha ou aos poucos estabelecer diálogos e negociações para reivindicar mudanças.

A “decisão em jogo”, título desta seção representa a passagem de uma mulher que além de decidir torcer, deixa evidente sua busca por acessar os outros espaços de sociabilidade torcedora, sejam eles os bares, as ruas, arquibancadas, sedes das torcidas organizadas, famílias e relações afetivas angariadas nas torcidas. Conforme elas avançam, surge uma nova dinâmica que redireciona novamente o lugar delas naquele espaço, e isso poderia ser apresentado como algo que não se *movimenta*, o que poderia nos colocar na hipótese de algo inerte, mas as evidências deste estudo não comprovam esta suposição.

Uma das alternativas encontradas pelas mulheres torcedoras foi a busca em movimentos e torcidas destinadas apenas às mulheres torcedoras, um espaço onde estas questões não estivessem presentes. Atualmente muitas torcidas organizadas possuem uma torcida só de mulheres, como, por exemplo: Flu Mulher; Pelotão Feminino Jovem Fla; Galoucura Feminino; Mulheração; Coletivo Interfeminista; Comando Feminino Máfia Azul; Comando Feminino da Torcida Fação Brasiense; AvaíXonadas; Tricolucas; Distrito Feminino *Bamor*; Comando Feminino *Os Imbatíveis*; Bonde Feminino da Dragões da Real; Comando Feminino da Jovem Ponte Preta; Movimento Xatas; Comando Feminino da Torcida Independente; Leoas da Fuzarca; Movimento Coralinas; Timbuzeiras; Torcida Feminina Batom Verde.<sup>63</sup>

Não caberia aqui fazer uma análise se este seria o caminho ou não para resistência das mulheres torcedoras. Anuncia-se um cenário polarizado em opiniões, já que muitas torcedoras acreditam que a criação de um espaço destinado apenas a elas acaba fragmentando as torcedoras, pois se destina um lugar para que elas se contentem com aquele espaço e não avancem mais. Por outro lado, criar um espaço exclusivamente feminino apresenta-se como um rompimento das esferas mais estruturais das torcidas organizadas, já que muitas destas também atuam pelas redes sociais, dando-as maior autonomia para pautar questões relevantes para o universo das mulheres torcedoras.

---

<sup>63</sup>Correspondem, respectivamente, aos clubes: Fluminense Football Club; Clube Regatas do Flamengo; Clube Atlético Mineiro; Clube de Regatas Vasco da Gama; Sport Club Internacional; Cruzeiro Esporte Clube; Brasiense Futebol Clube; Avaí Esporte Clube; Esporte Clube Bahia; Esporte Clube Bahia; Esporte Clube Vitória; São Paulo Futebol Clube; São Paulo Futebol Clube; Associação Atlética Ponde Preta; Associação Atlética Anapolina; Sport Clube do Recife; Santa Cruz Futebol Clube; Clube Náutico Capibaribe; América Futebol Clube.



### 2.2.2. A torcedora e sua torcida organizada

A torcida organizada, de acordo com Carlos Alberto Máximo Pimenta (2000), existe por uma escolha de um grupo em que a torcedora e o torcedor assimilam os padrões de atitudes e comportamentos adotados pela torcida. Já a torcedora que vai ao estádio, acompanha seu clube e o apoia, mas não faz parte do ponto de vista associativo de uma organização. A pesquisadora Heloisa Baldy dos Reis (1998) esclarece que “o torcedor organizado é aquele que faz parte de uma facção torcedora, que tem uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual ele torce”. Nesse sentido, se diferencia do torcedor uniformizado que demonstra sua “predileção pelo clube utilizando a camiseta de sua equipe.” (REIS, 1998, p.06).

A escolha das mulheres de frequentarem os estádios de futebol nos dias atuais tem deixado de causar espanto aos olhos da sociedade brasileira. No entanto, ainda parece gerar incômodo a escolha de participar de uma torcida organizada. A entrada das mulheres nas torcidas organizadas não reflete uma conexão imediata, já que as informações que são divulgadas dessas torcidas estão alinhadas aos padrões esperados pelas mulheres na sociedade – na perspectiva bourdieusiana, não concernem o *habitus* feminino – inclusive como torcedora.

Roger Chartier (1988), ao trazer o conceito de “representação”, afirma que a compreensão do social não consiste apenas em discursos sem intencionalidade e, que pelo contrário, há por traz dela uma intencionalidade que produz estratégias e práticas de atuação. Quer dizer, as escolhas feitas pelas torcidas organizadas em manterem distante a possibilidade de atuação e convívio das torcedoras são mecanismos e estratégias que dificultam e/ou direcionam a presença delas como forma da manutenção da organização e, segundo Dunning e Maguirre (1997), como espaço de exaltação da masculinidade. Consequentemente, se “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam” (CHARTIER, 1988, p.17), os mecanismos de distanciamento das mulheres da torcida são forjados por aqueles cujos interesses são por elas desafiados.

Arlei Damo (2014) esclarece que a representação implica, necessariamente, mediação e, portanto, negociação. Do mais, cabe destacar que torcer por um clube e compor uma torcida organizada de modo algum significa apenas os 90 minutos de jogo. E o jogo não poderia acontecer sem a torcida, e a torcida consegue apresentar sua plenitude na hora do jogo, onde tudo o que foi planejado e pensado é colocado em prática.

Com frequência são apresentados discursos acerca de dinâmicas sociais que são incorporados como verdade. As narrativas apresentadas sobre as torcidas organizadas compõem um imaginário voltado às questões de violência. Por outro lado, essas mesmas pessoas que

produzem esses discursos são capazes de, muitas vezes, fazer virar os olhos do campo para a arquibancada, pelo fascínio da sua vibração e as incríveis festas que as torcidas produzem.

Parece-nos incontestável que o que tem maior importância em uma torcida de futebol é o número de participantes que dela fazem parte. O entusiasmo de uma arquibancada cheia pode certamente, como dizem as torcedoras e torcedores, “vencer um jogo”. Portanto, se levamos isso ao pé da letra, nos questionamos sobre o porquê de a presença das mulheres ser entendida como problema ou ameaça a estes espaços. Uma das justificativas apresentadas pela fortuna crítica fundamenta-se no fato dos esportes coletivos, especialmente o futebol, se configurarem como um espaço passível de legitimação do ideário de masculinidade, um ambiente de expressão da masculinidade por torcedores homens heterossexuais.

[...] o estádio se transformou em um local no qual se permite expressões e atitudes que só são possíveis neste contexto, isto é, atitudes repreendidas numa sociedade, como é o caso de xingamentos, palavrões e atitudes de violência, são permitidas dentro do estádio e vistas como “normais”. De acordo com o referido autor, **no caso das mulheres este contraste entre o permitido e o proibido se torna ainda maior, já que a imagem que a sociedade tem delas é a de uma pessoa delicada e cumpridora de boas maneiras** (DAÓLIO, 1997, p.111 a 118, negrito nosso).

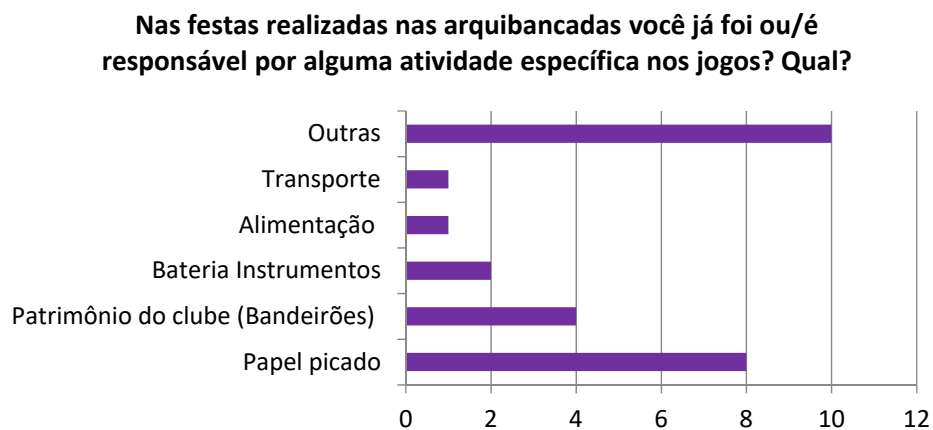
Nesse caso, fica evidente que as expressões vinculadas ao estádio de futebol não se enquadram no padrão daquelas que a sociedade atribui às mulheres. A imagem de delicada e cumpridora de regras estabelecidas culturalmente não permite que a mulher exerça com naturalidade sua expressão de torcedora, fazendo uso das linguagens oral ou corporal da maneira que ela desejar. Isso se apresenta possivelmente pelo medo da divisão de espaço, dos prestígios dos homens dentro da torcida, conseqüentemente, uma perda de identidade. Esse conflito se concretiza ao passo em que as mulheres, mesmo diante das adversidades, ocupam esses espaços. Obviamente, seria equivocado generalizar a opinião de todos os torcedores a respeito da participação das mulheres em torcidas organizadas. Com a maior participação das torcedoras, alguns torcedores que apenas as toleravam, passaram também a tentar uma melhor compreensão; os que apoiavam, também passaram a fortalecer seus discursos em apoio as torcedoras. Mesmo assim, quando perguntadas sobre se a presença delas incomodar os homens da mesma torcida, parte das torcedoras entrevistadas conforme já mencionado no capítulo 1, apresentam “o machismo” e o “preconceito” como fatores determinantes para essa questão.

Discussão que se relaciona com a descrição feita por Luiz Henrique de Toledo (1996) sobre as torcidas organizadas:

As torcidas organizadas, genericamente, são a contrapartida popular do futebol profissional, cuja organização é estruturada em times, federações, justiça desportiva, confederação. A relação entre estes diversos segmentos possibilita compreender os desdobramentos simbólicos que cercam as práticas desses torcedores militantes tanto dentro do futebol profissional quanto da própria sociedade (TOLEDO, 1996, p.13).

Uma das mais conhecidas atividades realizadas pelas torcidas organizadas são as chamadas “festas<sup>64</sup>” nas arquibancadas. Em sua maioria as torcidas organizadas concentram-se em suas sedes e ou arredores dias antes ou até meses antes dos campeonatos realizando as preparações de materiais para levar aos jogos, seja para receber o clube em torno dos estádios ou para as próprias arquibancadas. Com o passar dos anos e as diversas proibições que as torcidas organizadas vêm sofrendo<sup>65</sup> nem sempre as torcedoras e os torcedores conseguem entrar com seus instrumentos, bandeiras, e ou aparatos para realizar a conhecida “festa”. Existe uma possível dificuldade das torcedoras para acessarem o patrimônio da torcida organizada, especialmente bandeirões e baterias (Fig. 18 e 19)<sup>66</sup>.

**Figura 18** – Opinião das torcedoras sobre a sua participação em festas nas arquibancadas – *Bamor*\*



\* Questão com respostas múltiplas

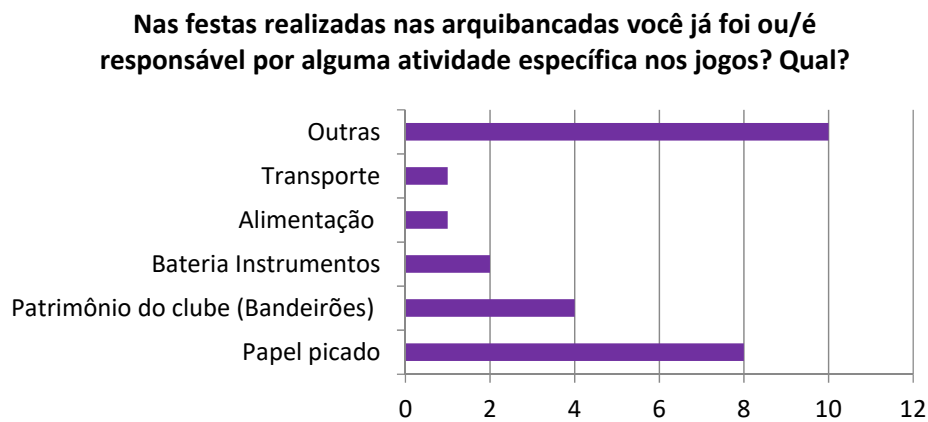
Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

<sup>64</sup>São chamadas de festas todas as manifestações organizadas pelas torcidas nas arquibancadas, em sua grande maioria, elas estão ligadas também aos materiais que as torcidas organizadas possuem, como por exemplo, os bandeirões; as baterias; a organização dos mosaicos etc.

<sup>65</sup>Esse trabalho não se propõe a discutir os aspectos de violência das torcidas e suas torcedoras e torcedores, um tema bastante abordado por diversos trabalhos acadêmicos, mas não poderíamos deixar de compartilhar o caso que ocorreu em meio ao trabalho de campo e que causou algumas dificuldades. No dia 18 de fevereiro de 2018 as torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis* foram punidas pelas brigas que antecederam o clássico Ba-Vi. A punição tem a duração de 180 dias e ainda está em vigência e vai se encerrar no final de agosto. Com essa proibição as torcidas organizadas ficaram impedidas de frequentar eventos esportivos portando faixas, cartazes, bandeiras ou qualquer outro objeto que os identifique como torcida organizada, bem como instrumentos musicais de qualquer natureza, exceção feita a os uniformes de seus membros.

<sup>66</sup>O questionário destacava algumas atividades como alternativas para as torcedoras organizadas escolherem como resposta. Essa escolha tem origem em observações, além da possibilidade de registrar no campo “outras” atividades não descritas na relação de múltipla escolha.

**Figura 19** – Opinião das torcedoras sobre a sua participação em festas nas arquibancadas - *Os Imbatíveis*\*



\* Questão com respostas múltiplas

Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

Entre as torcedoras da *Bamor* que responderam ao questionário, nove apresentaram outras atividades, tais como: bolas, mosaico, faixas de mão, bexigas, letreiros e balões. A torcedora Isadora afirmou que é responsável por “todas autorizadas pela direção”. Já Lúcia destacou que nesse momento “a torcida não está podendo realizar nenhuma das opções destacadas”. É possível que o retorno da torcedora Lúcia ocorra pelo fato das duas torcidas organizadas estarem – como já mencionado – em período de proibição<sup>67</sup>. Entre as torcedoras da *Os Imbatíveis* cinco responderam realizar outras atividades: foto, letreiro, balões, faixas. A torcedora Grace indicou que é ou já foi responsável pela confecção de camisas em homenagem a atletas e pelo bolo de comemoração de aniversário do comando feminino *Os Imbatíveis*.

Destaca-se ainda a pouca participação das torcedoras de ambas as torcidas organizadas nas responsabilidades ligadas ao patrimônio do clube, como pelas baterias e bandeirões. No caso da *Bamor* apenas duas torcedoras são responsáveis pela bateria e quatro pelos bandeirões. Já no caso da *Os Imbatíveis*, três são responsáveis pela bateria e quatro pelos bandeirões. Em um primeiro momento, pode parecer pequena a participação delas em atividades destinadas majoritariamente aos homens (bandeirões e bateria), especialmente pela justificativa do uso da força, mas vale a pena lembrar que em diversas torcidas organizadas no

<sup>67</sup>Esta proibição dificultou a continuidade do campo etnográfico que estava em andamento. É sabido que os ambientes das torcidas organizadas comportam dinâmicas específicas já mencionadas neste trabalho que implicam em um tempo de negociação específico para entrar, acompanhar e conseguir os dados. Com a punição ocorre quase que naturalmente um esvaziamento das arquibancadas e da mobilização para os jogos. Neste momento o trabalho de campo estava sendo realizado com as torcedoras da torcida organizada “Os Imbatíveis” o que implicou em construção de outras estratégias para conseguir os dados aqui apresentados.

Brasil essa possibilidade ainda é inexistente. Como podemos observar no depoimento da torcedora Leonor Macedo<sup>68</sup>:

Havia naquela quadra da organizada salas onde o acesso para mulheres era proibido. Mulher, por exemplo, não podia entrar no Departamento de Bandeiras, onde fica o patrimônio da torcida (bandeiras, faixas, instrumentos). Nas reuniões em que se falava sobre o Corinthians, as mulheres não eram convidadas, uma ou outra participava de soslaio, mas nunca pedia a palavra. **Discutir assuntos internos da torcida, então, só aqueles para falar da logística de uma festa ou de arrecadação de donativos para alguma instituição de caridade.** (negrito nosso).

Entendemos que as mulheres podem e devem torcer, e possivelmente esse ponto já tenha se configurado um avanço significativo para as torcedoras que desejam praticar essa atividade. Contudo, ainda existem muitas determinações e regras impostas. É certo que também existem regras para os homens torcedores, já que, como já mencionado, se trata de uma instituição e que, portanto, dispõe de regras que condicionam a participação da torcedora e do torcedor. Porém, o que está posto é que para que as mulheres torcedoras sejam atuantes em uma torcida e realizem as atividades como participar de caravanas, tremularem e carregarem os bandeirões, tocar nas baterias, não basta ser membro de uma torcida organizada. É preciso também pleitear um espaço que para a grande maioria dos homens torcedores organizados, ao contrário das torcedoras mulheres, é garantido a depender de sua dedicação e seu tempo de torcida organizada. Apesar disso, as tentativas de ingressar nesses espaços têm gerado importantes avanços e como discutiremos no Capítulo 3, mudanças significativas estão acontecendo.

---

<sup>68</sup>Depoimento extraído da reportagem intitulada “O primeiro encontro das mulheres das organizadas”, escrita por Leonor Macedo, depois de sua presença no I Encontro Nacional das Torcedoras de Arribancada. Para maiores informações acessar <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/nevnnq/o-primeiro-encontro-das-mulheres-das-organizadas](https://www.vice.com/pt_br/article/nevnnq/o-primeiro-encontro-das-mulheres-das-organizadas)>.

### 3. MINHA PRESENÇA TE INCOMODA?

O conceito de negociação, como já mencionado aqui, não é comumente utilizado na literatura sobre o futebol para tratar das relações sociais travadas no campo do torcer. É mais frequente o termo quando se trata de negociações futebolísticas, ou seja, quando se refere ao mercado da bola. Em vista disso, o que propomos é desviar a luneta do mercado da bola para focá-la nas relações negociáveis do torcer. Assim, será apresentado nesse capítulo um registro histórico do I Encontro nacional de torcedoras de arquibancada, privilegiando as narrativas compartilhadas pelas torcedoras organizadas no evento e, na sequência, alguns dados dos perfis das torcedoras que consideramos fundamentais<sup>69</sup>.

Na seção “Negociações em campo”, o conceito de negociação será apresentado como forma de elucidar as narrativas das torcedoras por meio do conceito, assim como também, na seção “Medos Privados em Lugares públicos”. Além disso, faremos uso de trechos de entrevistas coletadas com as torcedoras das torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis*, ambos os registros estarão em diálogo com impressões e olhares do trabalho etnográfico por meio da metodologia da observação participante (BRANDÃO, 1999).

Dada importância da proposta salientamos alguns pontos apresentados por Whyte (2005) e Pereira (2012) que oferecem questões necessárias para o melhor desenvolvimento do campo etnográfico, entre eles, as negociações implícitas às relações, a mediação, e a percepção do uso dos sentidos, em especial, ouvir e ver. Nesse sentido, o que procuramos apresentar neste capítulo percorre um longo processo das experiências nas arquibancadas com as torcedoras.

Temos a pretensão de tentar escapar, dentro do possível do que compreendemos ser mecânico, na dinâmica das relações entre pesquisadora e pesquisada [torcedora], potencializando os encontros e os diálogos como metodologia imprescindível para o processo de pesquisa, com uma aproximação pautada na horizontalidade da relação entre pesquisadora e torcedora. Certamente estabelecer relações significa também lidar com interesses mútuos, no entanto, acreditamos que o fato da entrada enquanto pesquisadora ter acontecido por meio de encontros que derivam de uma compreensão de importância e valorização de *seus estilos de vida* que “expressam maneiras diferenciadas, criam padrões estéticos de como se torcer, gostos e comportamentos” (TOLEDO, 1996, p.118), assim, acreditamos que um dos resultados mais

---

<sup>69</sup>A compilação dos dados selecionados a partir dos questionários respondidos pelas torcedoras do I Encontro Nacional de Torcedoras Organizadas encontra-se no ANEXO I.

relevantes dessa pesquisa passa pela compreensão e valorização dessa percepção como forma potente e não problemática junto as torcedoras organizadas pesquisadas.

Estou ciente das convenções acadêmicas e da impessoalidade, não como mera formalidade, mas como postura de pesquisa, entretanto foi necessário adotar a narrativa em primeira pessoa para a descrição de algumas das observações de campo, pois fazê-las sempre na terceira pessoa do plural poderia sugerir ao leitor que todas as observações e vivências que tive nos estádios foram feitas em companhia das torcedoras, o que nem sempre foi o caso. Para diferenciar essas duas situações, quando sozinha e quando acompanhada, foi preciso alternar a flexão verbal.

O campo etnográfico teve início em meados de 2017 com as primeiras idas aos jogos de ambos os clubes, Bahia e Vitória. O momento pelo qual passava o Esporte Clube Bahia possibilitou maior aproximação com a torcida organizada *Bamor*. Naquele momento, ao mesmo tempo em que tentei realizar os contatos para conhecer as torcedoras organizadas, comecei a frequentar os estádios. No caso da Arena Fonte Nova passei a assistir aos jogos e tentar compreender a lógica da torcida organizada *Bamor* dentro do estádio. Esta logística e dinâmica foi estudada de longe, uma vez que no primeiro jogo entrei no estádio pelo acesso contrário ao da arquibancada onde a torcida organizada *Bamor* se concentrava. Com a transformação dos estádios em “arenas”, nem sempre é possível transitar e acessar outras áreas dentro do estádio. Naquele mesmo dia, apesar de entrar no estádio no setor oposto de onde se encontrava a torcida organizada *Bamor*, consegui me aproximar acessando lugares por vezes “proibidos”.

Cabe destacar que o período de pesquisa de campo na torcida organizada *Bamor* aconteceu durante uma campanha empolgante do Esporte Clube Bahia no Campeonato Brasileiro de Futebol de 2017<sup>70</sup>, que depois de alguns anos teria grandes chances de se classificar para a Copa Libertadores da América<sup>71</sup>. Isso obviamente possibilitou uma participação mais intensa das torcedoras e torcedores, de modo geral contribuiu para um diálogo mais próximo com algumas torcedoras.

Passei, portanto, a assistir com regularidade aos jogos na Fonte Nova, e tive como companhia frequente uma das torcedoras mais antigas da torcida organizada. Cheguei à torcedora Marielle por meio de contatos feitos no I Encontro Nacional de Torcedoras de Arquibancada, ela, apesar de não ter ido ao evento, foi uma das torcedoras convidadas e por

---

<sup>70</sup>O Campeonato Brasileiro de Futebol, também conhecido como Campeonato Brasileiro, Brasileirão e Série A, é a liga brasileira de futebol profissional entre clubes do Brasil, sendo a principal competição futebolística no País.

<sup>71</sup>A Copa Libertadores da América ou Taça Libertadores da América, oficialmente CONMEBOL Libertadores, é a principal competição de futebol entre clubes profissionais da América do Sul, organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol desde 1960.

isso teve um contato direto com outras torcedoras que organizaram o encontro. Certamente a minha proximidade e articulação feita para a realização do encontro contribuíram de forma positiva para a realização do trabalho de campo acontecer em Salvador – BA.

As torcedoras da *Bamor*, com mais tempo de torcida (média de oito e 12 anos de participação) se reuniam na parte de cima do estádio, ou seja, muitas delas não desciam para as arquibancadas e uma das justificativas apresentadas por elas foi a disposição das cadeiras das arquibancadas: não permitiam “torcer mais como antes”; “que machucavam muito suas pernas”. Além disso, “ficar” na parte de cima, significa não ter responsabilidade direta sobre as atividades proposta pela torcida organizada durante os jogos, como por exemplo, tremular as bandeiras. Ali também se encontra alguns dos dirigentes da “organizada”. Isso faz retomar algumas das questões já apontadas nos capítulos anteriores – a importância daquilo que as torcedoras chamam de “caminhada” dentro da torcida organizada, quer dizer, o tempo de torcida é certamente um fator determinante. Uma das hipóteses para essa questão é que as torcedoras organizadas mais antigas podem escolher transitar com mais apazibilidade pelos locais, enquanto as torcedoras com menos tempo de torcida organizada precisam internamente angariar espaços que permitam um progresso e/ou crescimento dentro da torcida organizada.

Inicialmente fiz contato com Marielle e passamos a agendar a ida aos jogos juntas. Nos primeiros jogos tentei por várias vezes marcar um encontro em um horário que antecedesse aos jogos. Por coincidência ou não, senti que os imprevistos aconteciam [sempre havia um imprevisto] e a conversa não! Por vezes, a impressão era que existia uma propensão para que uma conversa “mais formal” não acontecesse.

O tempo que nos encontrávamos antes dos jogos passou a ser um período durante o qual a observação e algumas dúvidas eram tiradas na ansiedade que antecede os jogos. A maioria das torcedoras da *Bamor* se reunia em um dos *trailers* que ficam estacionados na rua de trás do estádio, conhecida pelos momentos de celebração de recepção à chegada do ônibus do clube, como podemos ver nas imagens a seguir:



**Figura 20** – Dia de jogo do Bahia na Arena Fonte Nova



Fonte: Imagem extraída do portal da rede social *Twitter* do Esporte Clube Bahia, 2018

É evidente que essa concentração de torcedoras não ocorre em todos os jogos. Mas, é sempre uma movimentação interessante e importante. Como já mencionado, a concentração das torcedoras acontecia em um dos trailers, percebi que ali era o lugar onde passavam homens importantes da torcida e aos poucos encontrava-me experimentando esse momento importante da concentração do pré-jogo. Muitas vezes entramos no estádio já com o jogo acontecendo, quase como um ritual, que pode ter vinculação ao fato de que as torcedoras associaram essa prática a uma vitória do time, reforçando o ritual. Mas, que ao mesmo tempo também têm relação com os preços altos para consumo de bebidas e comidas dentro do estádio.

É interessante ressaltar que toda a tecnologia das arenas, visando melhores condições de segurança para as torcedoras não contribuiu muito na logística de frequentar os estádios, pois enfrentávamos filas consideráveis na entrada.

Nos primeiros jogos ainda estávamos nos conhecendo, e por vezes, fiquei sozinha enquanto a torcedora Marielle se socializava com as demais torcedoras e torcedores. Era possível observar que ela era uma figura bastante conhecida e que transitava tanto no meio das torcedoras quanto dos torcedores (dirigentes) com tranquilidade. Os jogos foram passando e consegui, aos poucos, ganhar mais confiança, o que foi fundamental para as demais observações. Assim, tínhamos quase que um ritual: em dias de jogos, nos encontrávamos, nos dirigíamos para o trailer, tomávamos algumas cervejas e entrávamos no estádio.

Em um dos dias, em especial, marquei um encontro com a torcedora organizada Marielle – como era de costume antes do início do jogo – mas, por problemas pessoais ela não pôde chegar a tempo. O jogo estava para começar, fiz contato por WhatsApp com Marielle, que me respondeu: “Vai entrando e eu te encontro lá, entra com Rosa”.

Por vezes, percebi esse cuidado da torcedora organizada Marielle comigo, algo que se assemelhava a uma proteção para que o fato de estar “só” não fosse um problema. Encontrei Rosa e seguimos para o estádio. Já dentro do estádio, percebi que Rosa também tem uma “caminhada” importante na torcida organizada *Bamor*. E mesmo com aproximadamente dez anos de torcida, quando adentramos ao estádio ela comentou: “Vamos ficar lá embaixo enquanto Marielle não chega? Eu gosto de ficar lá com a torcida”. De prontidão respondi que sim. E foi assim, que por um acaso, fiquei no meio da torcida organizada *Bamor*! O jogo teve início e pude experimentar um dos melhores momentos em campo, uma sensação indescritível de vivenciar e experimentar algo que certamente contribuiria para a pesquisa. Tentei de alguma maneira participar do entusiasmo que estava acontecendo ali. E o que se apresenta à minha frente? Uma torcedora tremulando um bandeirão do *Bonde Feminino*: ela iniciou os movimentos e passados alguns instantes um homem da torcida organizada pegou o bandeirão de sua mão para tremular. No primeiro momento, observando aquela situação, não identifiquei como um problema para ambos, pois não houve reações que demonstrassem qualquer adversidade. Depois, analisei a atitude do torcedor da seguinte maneira: ele retira a bandeira da mão da torcedora como se ela tivesse, em alguma medida, deixando de tremular a bandeira de forma “correta”. Ainda assim, foi possível notar que a torcedora não aparentava nenhum tipo de cansaço que justificasse tal conduta, e mesmo assim, ela não reagiu frente a essa atitude, mesmo a bandeira sendo do *Bonde Feminino*. A torcedora Marielle nesse momento já se encontrava no estádio, tentava falar comigo por telefone o tempo todo, mas não conseguimos conversar. Posso afirmar que foi um momento de sorte, já que se tivéssemos entrado juntas no estádio nada garantiria que eu teria essa possibilidade de acesso à torcida organizada. Na sequência, quando o Esporte Clube Bahia teve um bom lance no jogo e a torcida começou a festejar, ocorreu um daqueles momentos improváveis: a torcedora Rosa no meio daquela celebração me perguntou “Quer abraçar?” A torcida estava fazendo uma espécie de corrente, se abraçando e pulando de um lado para o outro. Em frações de segundos, várias perguntas tomaram conta de mim naquele momento: “Abraçar ou não abraçar?”, “Será que é bom ter um envolvimento assim?”, “Mas, quando terei outra oportunidade dessa?”; “Se eu não abraçar, qual será a impressão que ficará?” Certamente pode parecer estranho pensar tudo isso em alguns segundos, mas de fato foi o que aconteceu. E decidi por participar do abraço!

Como nem tudo são flores, também, vivemos situações complicadas! Uma delas ocorreu no retorno de um jogo do Esporte Clube Vitória, do estádio Barradão. O estádio encontra-se em um lugar de difícil acesso para transporte público e, os jogos realizados durante a semana terminam em horários que dificultam a vida das torcedoras e torcedores. Em um desses jogos estava retornando de Uber com a torcedora Mônica até um lugar que eu pudesse ter mais facilidade de acesso aos ônibus, quando fomos surpreendidas com um carro nos seguindo. O carro começou a acelerar e fechar o “nosso” carro, o que me deixou apreensiva e surpresa. A torcedora Mônica mencionou o fato de estarmos identificadas com o boné da torcida organizada *Os Imbatíveis*, que, em sua opinião, provocou o ocorrido, comentando: “Eu sempre esqueço de tirar o boné quando acabo de sair do jogo”. Mas, casos como esse são mais comuns do que imaginamos na vida cotidiana das torcedoras e torcedores. Certamente, contamos com a sorte, uma vez que o motorista da Uber entendeu a situação e não reclamou, e apenas, seguiu com calma aguardando que o carro parasse de nos seguir.

O estádio Manoel Barradas, o Barradão, do Esporte Clube Vitória é um dos estádios que permanece intacto à grandes modificações das arenas no País. Um estádio que também promove encontros incríveis entre suas torcedoras e seu clube. A torcida do Esporte Clube Vitória é famosa pelas recepções feitas ao seu clube intituladas de “corredor rubro negro”, como mostra a imagem a seguir:

**Figura 21** - Corredor Rubro Negro no estádio Barradão



Fonte: Imagem extraída da página do Flickr Oficial Esporte Clube Vitória, 2018. Foto: Mauricia da Matta

As idas ao Barradão foram, em sua maioria, feitas com a torcedora Mônica, que conheci em Salvador. Ela contribuiu nos contatos quanto na articulação para que os

questionários fossem respondidos. Este é um ponto importante que vale destaque, em ambas as torcidas organizadas tanto Mônica quanto Marielle foram fundamentais para que os questionários fossem preenchidos nos próprios estádios em meio aos jogos. Normalmente passávamos os questionários antes dos jogos e nos intervalos. No caso da *Bamor* eu acompanhava Marielle ao descer as escadas da Arena Fonte Nova para chegar à arquibancada onde a *Bamor* se localizava, ela com os questionários na mão falava para as torcedoras a importância de responder as perguntas, e inclusive em um dos momentos disse: “Responde aí. É importante. Depois não reclama das coisas”. Achei curiosa a sua postura e, certamente, pretendia demonstrar sua liderança; por isso, a escolha foi deixar as torcedoras a vontade para responder e depois passar recolhendo. Em outro momento em que os questionários foram distribuídos tivemos a contribuição de uma das torcedoras, a Débora, atuante no *Bonde Feminino*. Os demais questionários foram respondidos pelas torcedoras na sede da *Bamor*, em uma de suas reuniões.

No caso da torcida organizada *Os Imbatíveis* a grande maioria dos questionários consegui passar contando com a contribuição de Mônica, mas vale lembrar, que os questionários da *Bamor* foram respondidos ainda antes da proibição já mencionada. No caso da *Os Imbatíveis*, a dificuldade se deu por conta da diminuição das torcedoras mediante a esse fato. Assim, houve a necessidade de realizar contatos extra-estádio e dar continuidade por meio das redes sociais; só assim foi possível chegar à quantidade necessária de quinze questionários de ambas as torcidas organizadas.

Foram diversos jogos acompanhando as torcedoras em ambas as torcidas organizadas. A escolha de aplicar os questionários e também acompanhar as torcedoras organizadas foi exatamente para ter a possibilidade de observar aquilo que acreditamos que apenas os questionários não podiam nos oferecer, como por exemplo as tensões e negociações vivenciadas durante um jogo, por acreditarmos que as torcedoras organizadas poderiam ficar “incomodadas” por ter que escrever sobre um eventual episódio, e por isso, não necessariamente compartilhar o que de fato tivesse acontecido. Obviamente que isso de modo algum desqualifica os dados quantitativos apresentados, mas sabemos dos limites que essas informações podem apresentar. Do mesmo modo, estão as experiências vividas nos jogos com as torcedoras organizadas que dependem de nossa interpretação da situação e das experiências que serão apresentadas. Entendemos que seria necessário dar um panorama de algumas das experiências vividas com as torcedoras organizadas no início do capítulo localizando a escolha da metodologia e construindo o cenário para a própria construção do capítulo e as discussões nele propostas.

### 3.1. I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada

Escolhemos mulheres “de arquibancada” e não mulheres “na arquibancada” pra mostrar que aquele é um espaço que nos pertence e somos de lá tanto quanto os homens, não somos intrusas<sup>72</sup> (Penélope, 2017).

A ideia de incluir a memória do I Encontro nacional de mulheres de arquibancada acontece por três motivos principais. O primeiro deles certamente está ligado à sua relevância, o segundo se deve à proximidade da pesquisadora com a realização do evento, já o terceiro e último motivo se fundamenta na convicção da importância em divulgar e refletir sobre os pronunciamentos que foram feitos pelas torcedoras nesse primeiro e histórico encontro.

O I Encontro nacional de mulheres de arquibancada aconteceu no dia 10 de junho de 2017 no Auditório do Museu do Futebol localizado no estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo – SP, com o mote: *Resistência e Empoderamento*. As torcedoras que fizeram parte desse encontro realizaram um feito inédito, notadamente, pela quantidade pessoas envolvidas, pela participação de integrantes de torcidas de todas as macrorregiões do país, e pela ousada programação. Portanto a importância desse encontro não se deve apenas pelo volume de pessoas que estiveram naquele espaço, mas carrega aspectos simbólicos tanto pelo seu processo de organização quanto em seu acontecimento. Certamente, muitas das razões que motivaram a construção desse evento se articulam aos debates travados nesse trabalho, pois é diante das adversidades vivenciadas que as torcedoras compreenderam que precisavam se organizar para que suas reivindicações se tornassem fortes. Soma-se ainda a importância da compreensão de que o problema vivido por uma torcedora não é único e incomum, mas pode encontrar respiro e alento nas demais vozes ali presentes. Finalmente, a questão da rivalidade que é central entre as torcidas não deixou de operar, mas não foi um impeditivo para que torcedoras, mesmo fazendo parte de clubes rivais, conseguissem trabalhar juntas para construir um marco na história.

---

<sup>72</sup>Depoimento de uma das organizadoras do evento extraído da página: <<https://medium.com/o-contra-ataque/i-encontro-nacional-de-mulheres-de-arquibancada-66adab181ce4>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

**Figura 22** – Convite do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada<sup>73</sup>



Fonte: Imagem extraída da página do Museu do Futebol

O evento contou com aproximadamente 300 torcedoras<sup>74</sup> integrantes de mais de 40 torcidas<sup>75</sup> e coletivos de futebol<sup>76</sup>, de 13 estados brasileiros (PR, RS, SC, SP, RJ, BA, CE, ES, GO, MG, PA, DF e PE). As torcedoras trouxeram como pauta relatar suas experiências, conquistas e problemas encontrados em suas torcidas sejam elas organizadas ou não. O evento teve duração de um dia e, como metodologia, as torcedoras por meio de inscrições tinham o

<sup>73</sup>Convite do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada compartilhado pelo Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura e o Museu do Futebol.

<sup>74</sup>Torcedoras representadas pelos 31 clubes descritos: Associação Atlética Anapolina; Associação Atlética Internacional de Limeira; Associação Atlética Ponte Preta; Associação Chapecoense de Futebol; Associação Portuguesa de Desportos; Atlético Goianiense; Avaí Futebol Clube; Botafogo de Futebol e Regatas; Club de Regatas Vasco da Gama; Clube Atlético Juventus; Clube Atlético Mineiro; Club Atlético Paranaense; Clube de Regatas do Flamengo; Clube do Remo; Coritiba Foot Ball Club; Cruzeiro Esporte Clube; Esporte Clube Juventude; Esporte Clube Vitória; Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba; Ferroviário Atlético Clube; Fluminense Football Club; Goiás Esporte Clube; Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; Guarani Futebol Clube; Rio Branco Atlético Clube; Santa Cruz Futebol Clube; Santos Futebol Clube; São Paulo Futebol Clube; Sociedade Esportiva Palmeiras; Sport Club Corinthians Paulista; Sport Club Internacional.

<sup>75</sup>Comando Alvinegro; Estopim da Fiel; Fiel Torcida Jovem Camisa 12; Força Independente do Vasco; Força Jovem Goiás; Fúria Jovem do Botafogo; Galoucura; Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel Torcida; Grêmio Recreativo Cultural Social Bloco Torcida Clube Desportivo Pavilhão 9; Grêmio Recreativo e Cultural Torcida Mancha Alverde; Grêmio Recreativo e Torcida Organizada Leões da Fabulosa; Grêmio Recreativo Torcida Organizada Império Alverde; Grêmios Recreativo Torcida Organizada Inferno Coral; Loucos Pelo Botafogo; Máfia Azul; Mancha Azul; Os Fanáticos; Raça Rubro Negra; Torcida Dragões da Real; Torcida Esquadrão; Torcida Esquadrão Atleticoano; Torcida Fogoró; Torcida Força Jovem do Santos; Torcida Fúria Independente do Guarani; Torcida Interror; Torcida Jovem Chapecoense; Torcida Jovem Ponte Preta; Torcida Jovem Santos; Torcida Organizada Mancha Verde Juventude; Torcida Organizada Pavilhão 6; Torcida Organizada Young Flu; Torcida Sangue Jovem do Santos; Torcida Tricolor Independente; Torcida Urubuzada.

<sup>76</sup>Coletivo Democracia Corintiana; Família Fiel Torcedor; Movimento Tribuna 77; Movimento Xatas; Futebol Mídia e Democracia; AGIR- Arquibancada Ampla Geral e Irrestrita; Coletivo INTERfeminista; Coletivo Brigada Marighela; Movimento Resistência Azul Popular; Respeito F.C.

microfone aberto para compartilhar e trocar suas experiências com os demais presentes. Cabe destacar que não teve sequer um momento em que o microfone tenha permanecido silencioso, mas sempre em punho de torcedoras compartilhando sua experiência.

**Figura 23** – Foto final do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada



Fonte: Imagem extraída da página do Movimento de Mulheres de Arquibancada. Foto: Guto Abreu, 2017.

Quando o Encontro foi pensado não se imaginava essa proporção. As articulações começaram entre torcedoras dos estados do Rio de Janeiro – RJ e São Paulo – SP e a ideia era realizar um pequeno encontro em um bar do estado do Rio de Janeiro, mas à medida que as torcedoras de outros estados tomavam conhecimento da organização do evento, o interesse pelo Encontro crescia e o número de inscrições aumentava, fazendo com que as organizadoras<sup>77</sup> tivessem que repensar e transferir o evento o Museu do Futebol em São Paulo – SP.

O I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada utilizou-se do microfone aberto como forma de dar representatividade para todas as torcidas presentes. Essa foi uma decisão da organização do evento que na época enfatizou que muitas das torcedoras estavam vindo de cidades distantes, muitas vezes com recursos próprios, além de negociações com dirigentes de torcidas, isto é, se a metodologia escolhida não fosse essa, muitas torcedoras possivelmente teriam ido até o Encontro sem poder compartilhar suas experiências. Daí o fato de engratecer a escolha. O evento foi gravado na íntegra, e está disponível no canal do *Youtube* do Museu do Futebol<sup>78</sup>.

<sup>77</sup> Dadá Ganam; Kiti Abreu; Natália Moreira e Penélope Toledo.

<sup>78</sup> Museu do Futebol. Youtube. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/user/museudofutebolspaulo/search?query=encontro+nacional+torcedoras>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

Para os questionários solicitamos a um pequeno grupo de torcedoras que participam de um grupo de WhatsApp que respondessem ao questionário<sup>79</sup> que elaboramos. Das 40 torcedoras que receberam o questionário, 18 o devolveram preenchido.

Entre as torcedoras que responderam o questionário, acreditamos ser relevante apresentarmos algumas informações relacionadas ao seu perfil. Elas têm de 23 a 37, tendo sua maior concentração 23 a 28 anos. Em relação à auto declaração de raça/cor: 10 torcedoras se auto declararam brancas, seis pardas e duas pretas. Junto a essas questões, serão oferecidos no decorrer dessa seção, alguns dados acerca da avaliação e compreensão das torcedoras a respeito do evento.

Pelo que observei e me foi dito, o Encontro contribuiu no aspecto do acolhimento e receptividade em relação às torcedoras organizadas, ou melhor, ao passo que as torcedoras participam de um evento com muitas outras torcedoras que vivenciam e partilham dos mesmos anseios e dificuldades, hipnoticamente, cruzasse uma linha nem sempre visível de (poder) dizer.

Foi a partir dessa hipótese que se fez a opção da metodologia observação participante (BRANDÃO, 1999), pois nela a pesquisadora experiencia o torcer junto com as torcedoras organizadas e pode a partir desse ponto identificar possíveis divergências entre o seu olhar e o que foi respondido/escrito. Assim, como forma de preservar e respeitar todas as torcedoras organizadas que responderam aos questionários e contribuíram de forma notável para essa pesquisa, tomamos a decisão de levantar alguns pontos centrais para esse debate por meio de depoimentos públicos das torcedoras organizadas presentes no I Encontro nacional.

Como uma forma de compreender melhor a organização do evento e suas complexidades realizamos entrevista com a torcedora organizada Dadá Ganam da torcida Gaviões da Fiel. A escolha de Dadá Ganam aconteceu pela proximidade na organização do evento, e pelo fato de que, além de ter uma trajetória bastante importante, com 15 anos de torcida organizada, ela é uma torcedora organizada bastante atuante nas redes sociais e em coletivos que debatem a questão das torcedoras organizadas e suas torcidas. Cabe ainda ressaltar que Dadá Ganam faz parte de uma das maiores torcidas organizadas do país e experimenta em sua militância o fato de ser uma torcedora que vivencia em sua torcida organizada questões bastantes peculiares, uma vez que a torcida organizada Gaviões da Fiel é uma das torcidas que não permite que as mulheres torcedoras organizadas tenham acesso ao patrimônio da torcida e nem à bateria. Perguntada em entrevista a respeito do início do processo de idealização do Encontro, a torcedora Dadá Ganam, explicou que:

---

<sup>79</sup> Questionário completo enviado para as torcedoras do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, encontra-se no Anexo E.



A ideia do encontro surge em fevereiro de 2017, a proposta inicial era fazer no dia Internacional das Mulheres, dia 8 de março, era uma reunião em um bar no Rio de Janeiro. Mas, a coisa começou a tomar uma proporção tão grande que começamos a ver que não ia rolar fazer isso. Foi aí que surgiu a ideia do Museu do Futebol. Nós tínhamos um grupo de WhatsApp, e as torcedoras desse grupo começaram a comentar com torcedoras de outros estados e muitas torcedoras começaram a ficar interessadas. Quando isso aconteceu percebemos que não daria mais para ser em março por conta do tempo que as torcedoras precisavam para se organizar com passagens e hotéis. Foi assim que tudo começou.<sup>80</sup>

As torcedoras que responderam ao questionário puderam avaliar o Encontro a partir das alternativas: muito bom; bom; regular e ruim. Entre as 18 torcedoras, 13 delas responderam que acharam o encontro “muito bom” e cinco delas acharam o encontro “bom”. De fato, foi um retorno bastante positivo, e acreditamos que para além do fato da avaliação corresponder às impressões vividas no dia do evento, o Encontro foi de extrema relevância<sup>81</sup>, já que não há registros de algo semelhante no Brasil, e em outros lugares do mundo. É certo que, a princípio, pode parecer uma afirmação audaciosa, mas ela foi feita também pelas torcedoras que estavam presentes. Portanto, diante do número de torcedoras e a potência de suas articulações é possível confirmar o ineditismo da proposta, como destaca a pesquisadora do Museu do Futebol, Aira Bonfim:

Se a gente tem fotos de mulheres desde o início do século ocupando arquibancada só em 2017 a gente está fazendo o primeiro encontro de arquibancada nacionalmente, nunca aconteceu um encontro que junte tantos grupos diferentes e tantas mulheres com experiências diferentes<sup>82</sup>

Sobre a questão “Você considera o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada um marco na articulação das torcedoras?”, 16 torcedoras responderam que “sim”, apenas uma delas disse que “não” e uma torcedora não respondeu. Sobre esse assunto a torcedora Alessandra, comenta: “Primeira vez na história do futebol que se reúne tantas mulheres torcedoras de diferentes clubes e torcidas, apesar de que a mulher sempre fez parte, somente em 2017 houve esse encontro. A mulherada deu aula, de futebol, torcida e principalmente respeito!”. Para complementar o comentário de Alessandra, a torcedora Clara, destaca: “É a primeira situação em que mulheres torcedoras dividem o mesmo ambiente para discutir suas problemáticas comum (sic) e sem o ambiente de jogo/clubismo/rivalidade como grande força geradora”.

<sup>80</sup>Entrevista realizada em 25/11/2017.

<sup>81</sup>Para maiores informações acerca da presença das mulheres nas arquibancadas e a importância do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, sugerimos a leitura da matéria veiculada no site de pesquisa Ludopédio, do autor João Manuel Casquinha Malaia Santos, chamada “Mulheres: o respeito por quem luta há mais de cem anos por um lugar na bancada”. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/mulheres/>. Acesso: 24. Jun. 2018.

<sup>82</sup>Entrevista concedida a EBC Agência Brasil em 10 de junho de 2017, para acessar: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-06/mulheres-de-11-estados-se-reunem-para-discutir-presenca-feminina-nos-estadios>>.

Como podemos observar, nas falas citadas acima as torcedoras destacam a importância do encontro, o seu ineditismo e especialmente a questão de valorização de unir diversas torcedoras de clubes e torcidas diferentes em um mesmo espaço. Além dessa pergunta, levantamos a questão “sobre realizar algum acordo para participar do I Encontro Nacional”, o intuito desse ponto era exatamente para tentarmos compreender se as torcedoras precisaram realizar algum tipo de negociação perante a sua torcida organizada ou não para participar do evento. Das 18 torcedoras, apenas uma não respondeu a essa questão, 11 responderam “não” e seis apontaram ter que realizar algum tipo de acordo. Dessas, quatro torcedoras responderam positivamente à alternativa “Pedir autorização para os membros e/ou dirigentes de sua torcida”, uma respondeu que o acordo era “Não estabelecer relações afetuosas com torcedoras de torcidas rivais” e uma respondeu que “Não falar em nome da torcida” foi o acordo. Esses acordos podem estar diretamente relacionados aos aspectos de representação (CHARTIER, 1988), de uma organização, ou seja, quando a torcedora participa de um evento que ela poderá expressar a sua opinião em nome da torcida, certamente, negociações são evidenciadas. Nesse sentido, as possíveis autorizações passam tanto pela possibilidade de solicitar subsídios para a participação no evento, quanto no que tange o “falar em nome da torcida”, e que diante das questões apresentadas nesse trabalho poderia ser um problema ter uma mulher torcedora falando em nome de sua torcida.

O Encontro teve como resultado a elaboração de um documento<sup>83</sup> que reúne as discussões e propostas das torcedoras presentes no evento. Tais propostas contribuem para o fortalecimento de ambientes mais democráticos, na busca de diálogos e trocas no ambiente do futebol. E certamente, a produção desse documento ficará na histórica como algo importante que pode futuramente contribuir e pautar debates e encontros que possam vir a acontecer.

**Quadro 1** – Sínteses das propostas elaboradas no I Encontro Nacional

<b>Tópicos</b>	<b>Propostas</b>
<b>1</b>	Realizar novos encontros entre torcedoras: nacionais (proposta de um segundo encontro nacional em 2018), regionais (entre torcedoras do mesmo estado/região) e locais (entre torcidas rivais mesma cidade).
<b>2</b>	Defender a formação e capacitação dos policiais (homens e mulheres) que atuam nos estádios, em especial no trato com as mulheres torcedoras; obrigatoriedade da presença de policiamento feminino em todos os estádios.
<b>3</b>	Propor e cobrar a criação de uma Delegacia da Mulher dentro dos estádios com o intuito de coibir o assédio sexual e moral nas arquibancadas.

<sup>83</sup>O documento de proposições completo encontra-se no Anexo F.

4	Aprimorar as estruturas físicas dos estádios mais antigos para atender as demandas de frequentadores mulheres, crianças, idosos, além de contemplar a acessibilidade para pessoas com deficiência e necessidades específicas (banheiros com vaso sanitário, fraldário, corrimão etc.).
5	Criar campanhas unificadas encampadas por diferentes torcidas em território nacional (comunicação de campanhas nas redes sociais com a mesma identidade visual e #).
6	Cobrar a criação de uniformes de clubes oficiais feitos para mulheres (modelos e tamanhos).
7	Defender o direito à liberdade para escolher com que roupa e acessório usar nos espaços das arquibancadas.
8	Reivindicar todos os espaços de atuação de torcedores/as: composição em baterias, participação em caravanas, atuação nos departamentos de bandeira/patrimônio e representação nos cargos diretivos das torcidas.
9	Combater o machismo entre homens e mulheres.
10	Reivindicar representação de mulheres na ANATORG (Associação Nacional das Torcidas Organizadas).
11	Cobrar o investimento dos clubes na modalidade do futebol jogado por mulheres e o comparecimento das torcidas no apoio às mulheres dentro de campo.
12	Reivindicar que os direitos do estatuto do torcedor sejam cumpridos por parte dos clubes.
13	Estimular a presença de mulheres nos cargos diretivos de clubes de futebol.
14	Documentar, a partir de fotos e textos, problemas pertinentes aos espaços físicos dos estádios.
15	Reivindicar o auxílio financeiro e moral das torcidas organizadas para a representação de mais torcedoras para os futuros encontros.
16	Defender e estimular a maior participação de homens associados às torcidas e coletivos nos futuros encontros a fim de ouvir as demandas e proposições das mulheres torcedoras.

Fonte: Documento de Proposições do 1º Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, 2017.

Vale destacar que os tópicos “6” (cobrar a criação de uniformes de clubes oficiais feitos para mulheres – modelos e tamanhos) e “7” (defender o direito à liberdade para escolher com que roupa e acessório usar nos espaços das arquibancadas) apresentam questões que fazem parte dos assuntos tratados na pesquisa de campo com as torcidas organizadas e confirmam algumas das informações a respeito do “direito à liberdade” para escolher as roupas e acessórios, e a necessidade de criação de roupas e modelos que sejam adequados para as mulheres torcedoras. A questão das roupas permeia um debate interessante, destacado em entrevista realizada com torcedora a Dadá Ganam. Sobre uma possível proximidade encontrada entre os discursos das torcedoras sobre machismo e a dos próprios homens da torcida, ou seja,

se existe uma cobrança de ambos os lados nas posturas consideradas inadequadas sobre as mulheres torcedoras, Dadá esclareceu:

Eu acredito que tenha uma relação do que é passado de geração em geração dentro da torcida. Tipo, como os homens foram os precursores dentro das torcidas, é meio que se a gente tivesse que ter respeito por quem criou. Então, não pode usar shorts curto, então não usa, é uma regra. Acho que é por isso inclusive que as próprias torcedoras cobram as outras torcedoras. Por exemplo, eu chego hoje na torcida, não foi me passado nada e aí eu estou de top, vou para um jogo assim, na mesma hora as meninas já chegam cobrando. Eu já fiz isso! E hoje eu acho isso um absurdo. As meninas que têm mais tempo de torcida cobram as que acabaram de entrar. Essas mudanças são muito recentes. Há cinco anos, os homens das torcidas chegavam para as meninas mais velhas e diziam “olha lá, vão acabar com o rolê de vocês” [em referência às novatas]. Hoje em dia eles não falam muito mais, mas, por exemplo, eu vejo as meninas cobrando as próprias meninas. Eu acho que eles [torcedores] internalizaram essa ideia nas meninas como “regra” e não como algo machista.<sup>84</sup>

Além disso, no tópico “8” (reivindicar todos os espaços de atuação de torcedores/as: composição em baterias, participação em caravanas, atuação nos departamentos de bandeira/patrimônio e representação nos cargos diretivos das torcidas), apresenta-se a necessidade de que as torcidas organizadas abram espaços para a participação das torcedoras em departamentos como o da bandeira/patrimônio e representação nos cargos diretivos das torcidas. Soma-se a esse ponto o tópico “13” que propõe a necessidade de estimular a presença de mulheres nos cargos diretivos de clubes de futebol, complementando, que as mulheres torcedoras tenham oportunidade de transitar pelas instâncias decisórias das torcidas.

Ainda sobre os possíveis avanços, gostaríamos de enfatizar que parte das torcedoras presentes no evento puderam ampliar as conexões locais a partir desse encontro, e conseqüentemente pensar em atividades em âmbito regional. Perguntadas sobre essa questão, 10 torcedoras responderam que “sim” o encontro contribuiu para as articulações locais com torcidas e demais torcedoras, seis responderam “não” e duas torcedoras não responderam.

Destaca-se ainda o fato de mulheres de diversas torcidas rivais participarem de um evento, em um mesmo espaço, sem haver relatos de nenhum incidente de agressão ou violência. Esse foi um dos pontos enaltecidos sobre o encontro pela Associação Nacional de Torcidas Organizadas (ANATORG) – compostas atualmente apenas por homens.

O I Encontro nacional de mulheres de arquibancada, hoje é conhecido como Movimento Nacional Mulheres de Arquibancada, e possui uma página no Facebook<sup>85</sup> com um total de 7.090 seguidoras. A 2º edição do Encontro ocorreu em agosto de 2018, na capital de Fortaleza, CE.

<sup>84</sup> Entrevista realizada em 25/11/2017.

<sup>85</sup> Para maiores informações: <<https://www.facebook.com/mulherdebancada/>>.

Nas seções a seguir, serão tratadas com mais profundidade a relação do conceito de negociação com a participação das torcedoras organizadas em suas torcidas. Nesse sentido, apresentaremos dados da pesquisa etnográfica das torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis* e também os depoimentos dados pelas torcedoras no I Encontro nacional das torcedoras de arquibancada.

### 3.2. Negociações em campo

Qual seria a linha tênue entre o que eu sou na torcida organizada e o que eu gostaria de ser? Talvez, seja essa a pergunta que melhor expressa em poucas palavras a participação das mulheres torcedoras de torcidas organizadas de futebol.

O uso do conceito de negociação tratar das relações que constroem o mundo do futebol não é algo comum, e muitas vezes as pesquisas que relacionam “negociação” a “futebol” ficam limitadas às problemáticas que envolvem negociações de jogadoras/es e/ou questões de *identidades* no futebol – identidade nacional. Neste caso, ousaremos na tentativa de refletir acerca da negociação como parte fundamental da presença das torcedoras organizadas e sua atuação.

A palavra negociação tem origem no latim e é formada pelos radicais *neg* e *otium*, cujo significado literal seria sem ócio, ou sem descanso (PEREIRA, 2012). Já nos *Dicionários*<sup>86</sup> consultados as definições referem-se aos atos de pactuar, tratar, conversar, ato ou efeito de negociar. A autora Maria Ester de Freitas (1994), em seu artigo “Organização: um espaço de negociação”, utiliza-se do conceito de Dean G. Pruitt (1981) para apresentar negociação como uma forma de:

tomar decisão em que duas ou mais partes conversam entre si num esforço de resolver os seus interesses opostos. Elas expressam as duas demandas contraditórias e se movem em direção a um acordo, através de um processo de fazer concessões e buscar novas alternativas, que ofereçam maiores benefícios mútuos. (PRUITT, 1981, p. 14).

Além disso, Freitas aponta que o processo de negociação pode ser visto como algo que envolve conflitos sociais, uma vez que estão em disputa interesses opostos, mas também possibilidades de resolução dos conflitos, já que para negociar se faz necessário expor e analisar as alternativas que estão sendo apresentadas tendo em vista a construção de um acordo que

---

<sup>86</sup>Priberam Dicionário: <<https://www.priberam.pt/dlpo/negocia%C3%A7%C3%A3o>> Acesso: 11 de março. 201; Dicionário Michaelis: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/negocia%C3%A7%C3%A3o/>> Acesso: 11 de março. 2018.

reposicione a relação. Agregam-se ainda, nessa construção, a síntese elaborada por Dean Pruitt (1981) acerca das funções da negociação. São elas:

- Desenvolver acordos específicos, ou seja, determinar como as pessoas devem se comportar em certas situações, estabelecer procedimentos e fortalecer o relacionamento das partes envolvidas no processo;
- Desenvolver políticas de longo prazo sobre papéis, obrigações e privilégios. Um acordo sobre políticas gerais terá implicações sobre as múltiplas decisões específicas;
- **Mediar a mudança social que ocorre com a falência de estruturas e padrões tradicionais, resultante da alteração das circunstâncias, modificação das necessidades e transformação das relações entre membros e grupos organizacionais.** Nesse sentido, podemos entender melhor a mudança na consideração do papel dos sindicatos brasileiros (*sic*), isto é, a passagem do vilão/ agitador/ fazedor de greves para um interlocutor, que não pode mais ser ignorado no processo decisório das organizações, inclusive o Estado.

Esse último ponto se mostra pertinente para a reflexão acerca das importantes mudanças no cenário da presença das torcedoras organizadas nos estádios. Como já mencionado, a presença de torcedoras nos estádios de futebol não é recente. O que se apresenta enquanto novo são os desdobramentos da articulação “Mulheres x Torcidas Organizadas x Clubes” que decorrem dessa presença. Um exemplo são as estratégias e reivindicações que torcedoras vêm buscando para ocupar os espaços decisórios nas torcidas organizadas. Podemos, portanto, acreditar que as mudanças de paradigmas da sociedade recaem e carregam transformações mesmo em lugares que poderiam historicamente ser marcados pela manutenção de um *status quo*.

Como forma de exemplificar esses impasses, retomaremos algumas das questões mencionadas ao longo desse trabalho. Uma delas diz respeito aos segmentos internos às torcidas organizadas destinados apenas à participação de mulheres, conforme narrado no capítulo II. Existem ao menos duas possíveis leituras sobre desses espaços: (i) o reconhecimento destes como avanço na luta das mulheres torcedoras em prol de suas reivindicações, compreendendo a função desse espaço para o fortalecimento delas nas negociações realizadas perante aos demais membros das torcidas organizadas; e (ii) como um desmembramento, uma forma de segregação, do que seria o conjunto e/ou grupo das torcidas organizadas.

A seguir, temos a fala da torcedora Ângela no I Encontro que toca essa temática. Ela expõe a dificuldade inicial na torcida, a falta de apoio e a articulação feita para que as mulheres pudessem acessar o espaço da torcida em questão.

Meu nome é Ângela, faço parte da Inferno Coral e também faço parte do Núcleo Feminino. Nossa torcida foi fundada em 1992 e apenas em 2001 que surgiu o Núcleo Feminino, de lá para cá a gente ficou um pouco esquecida na torcida, **a gente não tinha voz e não tinha vez**. A uns dois meses três meninas se reuniram e decidiram mudar essa visão que estava tendo dentro da torcida em relação ao feminino. Sentamos com nossa diretoria e a nossa presidência e formamos um conselho e hoje somos em cinco. Através desse conselho a gente aderiu ao movimento “**Respeita as Minas**”.

**Através desse movimento conseguimos juntar mais meninas e trazer elas mais próximas da gente.** [...] temos todo o apoio de nossa diretoria que abraçou 100% o nosso Núcleo, e não deixou a gente desamparada de forma alguma. Através de nossa união junto a diretoria fizemos os torneios femininos. [...] mostrando que mulher pode sim ser da bancada, mulher pode sim fazer parte de torcida organizada, mulher pode sim estar dentro do estádio. **Uma vez me disseram que não existe nada melhor que mulher, mas eu digo que não existe nada melhor que mulher que ame futebol e a arquibancada** (Ângela Natália, torcida organizada Inferno Coral, Santa Cruz Futebol Clube-PE, negrito nosso).

Quando evidenciamos as negociações estamos mencionando os percalços/percursos que as torcedoras organizadas dispõem para conseguir acessar alguns espaços nas torcidas organizadas, mesmo que estejamos falando do torcer dentro do que é esperado. Muitas vezes os “espaços” consistem em criações de espaços específicos para as mulheres, como os setores femininos nas torcidas organizadas. Na perspectiva de Ângela, a criação do Núcleo Feminino no Inferno Coral propiciou a oportunidade em “juntar mais meninas” – aumentar o contingente de mulheres unidas por um organismo – e “trazer elas mais próximas” – ou fortalecer os laços entre elas. A frase “a gente não tinha voz e nem vez” dá o tom do sentimento dessa torcedora sobre o cenário anterior à criação o Núcleo. Segundo Ângela, foi preciso que as torcedoras organizadas se organizassem para reivindicar a possibilidade de atuação na torcida. E para isso, nesse caso o espaço “feminino” conseguiu de alguma maneira agregar as demais torcedoras. É ainda digno de nota o depoimento de Ângela, quando ela menciona: “uma vez me disseram que não existe nada melhor que mulher, mas eu digo que não existe nada melhor que mulher que ame futebol e a arquibancada”. Não se pode afirmar que ela ouviu a frase “não existe nada melhor que mulher” no âmbito da torcida organizada, mas pelo contexto em que ela é pronunciada pode-se supor que isso tenha ocorrido. Seja como for, é inteligente a inversão que Ângela provocou ao agregar à oração principal uma outra subordinada, reposicionado o lugar da mulher: de objeto de desejo para agente que deseja o futebol e a arquibancada.

Somam-se a esta questão algumas das atividades desempenhadas pelas torcedoras organizadas que remontam aos padrões e estereótipos femininos (como campanhas assistenciais etc.). No que tange às atividades e ações realizadas pelas mulheres nas arquibancadas, persistem barreiras ou mesmo a negação do acesso delas às instâncias decisórias, e/ou a espaços “reverenciados” pelas torcidas organizadas (i.e.: à sala onde o patrimônio da torcida é guardado). No depoimento a seguir, uma das organizadoras do evento Dadá Ganam expõe situações que considera difíceis de enfrentar em sua torcida, vejamos:

Eu sou a Dadá. [...]. Sou mulher de arquibancada, eu faço parte de torcida organizada, **eu também quero o direito de tremular a bandeira da minha torcida**, porque eu pago ingresso sem parar e eu pago a mensalidade de minha torcida em sai e eu tenho o mesmo direito do que os caras lá dentro embora muitas torcidas em muitos outros

lugares não dão esse mesmo direito para a mulher. **Eu quero tocar minha bateria se eu conseguir tocar, eu não sei tocar, mas se tiver que aprender a gente aprende. Eu quero ir lá tremular a bandeira sim.** E é isso. Eu acho que a gente tem que se empoderar primeiro, saber que a gente tem o mesmo direito do que os caras [...], para a gente poder chegar e bater de frente e não ficar baixando a cabeça para nenhum marmanjo por aí (Dadá Ganam, torcida organizada Gaviões da Fiel, Sport Club Corinthians Paulista-SP, negrito nosso).

A torcedora destaca que não pode ter acesso a dois dos maiores símbolos das torcidas organizadas: o bandeirão e a bateria. Pelo que pude observar o seu relato causou certo espanto nos homens e nas mulheres presentes no evento. É possível supor que a reação desses participantes derive do entendimento que tal reivindicação seja uma afronta e/ou desrespeito já que essa proibição é um código anteriormente negociado. Ou seja, ambos sabiam que poderiam ter problemas ali, seja a torcedora que poderia sofrer alguma punição com sua declaração, seja a torcida que teria que eventualmente responder sobre aquele assunto já que estamos falando de uma mulher com aproximadamente vinte anos como integrante de torcida organizada.

Caso essa leitura esteja correta, se fazer pertinente o desenvolvimento de Pereira (2012), ao citar Griffin (1996), quando destaca: “aqueles que ocupam posições dominantes podem recusar identificar-se como dominantes, e/ou podem sentir que não tem poder, mas isso não elimina a força das relações sociais que estão estruturadas em função dessa dominação” (GRIFFIN, 1996, p.196 apud PEREIRA, 2012, p. 172). E salienta:

[...] Estes aspectos de têm de ser incluídos e problematizados na análise de negociação de hierarquia [...]. Não devem ser camuflados por uma representação redutora e dualista das relações de poder [...] que não reconhece a dualista das relações ambíguo e contraditórios dos investimentos que elas/es fazem na manutenção e contestação dessas relações (PEREIRA, 2012, p. 173)

Uma hipótese de análise sugerida ao longo desse trabalho é que mecanismos tais como a criação dos espaços femininos tornam possível a admissão das torcedoras organizadas sem que as estruturas das mesmas sejam profundamente alteradas. Seriam assim mantidas (!), como “último reduto masculino”, expressão utilizada por Eric Dunning e Joseph Maguirre (1997) para qualificar o futebol.

Conforme Burke, a abordagem dos processos culturais e identitários passou de uma leitura mais fixa para uma mais atenta e flexível, tanto em aspectos no âmbito individual como coletivo. É neste contexto acadêmico que a palavra “negociação” ganha relevância nas mais diversas áreas do conhecimento. Esse interesse justifica-se na medida em que, ao compreendermos os processos identitários como múltiplos e constantes devemos estar sensíveis à percepção das diversas negociações empreendidas pelos sujeitos, nos diferentes domínios de sua inserção que compõem a relação de definição do “eu” na sua relação com a “alteridade”.

In short, former assumptions of cultural fixity have been replaced by assumptions of individual and group flexibility. Hence the growing popularity of the term



'negotiation' among scholars with very different interests, from translation to religion and from politics to science. Recent discussions include the negotiation of fatherhood, sanctity, national identity and the language of chemistry. This emphasis on flexibility is obviously related to the rise of micro-history, in particular to the variety of micro-history practised by Giovanni Levi. (BURKE, p. 46, 2013).<sup>87</sup>

Nesse sentido, concebemos que a presença de mulheres nas torcidas organizadas de futebol se faz possível mediante negociações entre elas e a “torcida”, empreendidas para a construção de *identidade(s) possível(is)* (HALL, 1992, p.13) sobretudo no que tange as chamadas negociações de gênero e hierárquicas. Esses dois conceitos são trabalhados por Pereira (2012) ao afirmar que, para a mulher participar de torcidas organizadas é demandado dela muito mais do que é pedido ao homem. Isso não implica na assunção de que os torcedores não passem por processos de provações de suas capacidades. Mas os graus e tipos de provação diferem. O exemplo a seguir pode auxiliar na compreensão das barreiras construídas de forma a dificultar o acesso às mulheres a determinados espaços.

[...] Há alguns anos atrás [todo mundo sabe que viajar para a vila Belmiro é diferente, é complicado]; e eu uma das poucas, vamos dizer assim, meia dúzia de mulheres que frequentavam torcida, eu era de uma outra torcida, falei que eu ia na caravana, e eles falaram **“mulher não viaja para a Vila Belmiro”. E eu falei, vou sim!** E aí deu aquela confusão e eu peitei e falei: “eu vou, eu vou e acabou e quem quiser ir, de mulher, vai comigo”. E eu ouvi da pessoa responsável na época para mim: **“então a responsabilidade é sua e não quero ouvir ninguém gritando”**. [...]. **Os homens ficaram contra, os próprios meninos amigos ficaram contra, mas nós fomos. A nossa van tomou pedrada, uma das pedras pegou em uma das meninas, mas a menina aguentou ali sem chorar e nem reclamar [...] se a gente resistiu naquele momento, depois todas as caravanas da Vila Belmiro puderam ter mulheres.** Eu me emociono em falar, porque esse foi um momento que eu participei que eu bati o pé e falei: “a gente vai” [...] E outro momento importante que fez a diferença eu viajei sozinha para Caxias do Sul [...] eu viajei sozinha, sozinha mesmo, com faixa, com bandeira na mochila. E todos os homens foram contra: **“mulher não pode transportar material”**. Por que mulher não pode transportar material? Posso sim. Você tem dinheiro para viajar? [...]. Então fui lá, transportei, levei a faixa, fiz o meu papel e fiz bonito. Não foi um jogo feliz para o Botafogo, não foi. **Mas foi um jogo feliz para nós mulheres. E hoje as mulheres podem transportar faixas sozinhas sim.** Existem jogos perigosos? Existem, mas **vai da consciência da pessoa se ela pode ou não pode [...]**. Fico feliz em fazer parte disso, eu acho que se vocês se garantem, se vocês têm argumentos, se vocês estão ali para fazer acontecer, façam! Porque vocês servem de exemplo para que outras possam vir e fazer também então, hoje eu acho que eu tenho minha parcela positiva sim [...] e eu espero que daqui pra frente, todo mundo que tem a sua opinião leve pra frente, suas atitudes leve pra frente, mas com consciência. Eu nunca iria fazer nada que eu fosse pôr em risco a minha vida, independente de ser mulher ou homem, façam algo para melhorar, busquem algo para melhorar e detalhe: vocês não precisam brigar, gritar e colocar o dedo na cara, porque ninguém tá aqui para ser melhor que os homens, nós só estamos aqui para ser iguais, porque o direito é igual para todo mundo! (Érica Couto, torcida organizada Fogoró, Botafogo de Futebol e Regatas-RJ, negrito nosso)

<sup>87</sup>Em suma, as antigas hipóteses de imutabilidade cultural foram substituídas por hipóteses de flexibilidade individual e grupal. Portanto, a crescente popularidade do termo “negociação” por acadêmicos com interesses muito distintos da transposição à religião e da política à ciência. As recentes discussões envolvendo negociação da autoria da paternidade, a santidade, a identidade nacional e a linguagem da química. Essa ênfase na flexibilidade é obviamente correlacionada com o aumento da micro história, em particular com a variedade da micro história produzida por Giovanni Levi. Tradução nossa.

É importante chamar a atenção para dois pontos em especial, o primeiro deles e mais evidente é o enfretamento da torcedora com os dirigentes de sua torcida. Nas duas viagens ela apresentou os seus argumentos e conseguiu viajar com a torcida organizada em questão na época. Destaca-se ainda a frase: “então a responsabilidade é sua e não quero ouvir ninguém gritando”. Ou seja, aquele que enunciou a frase parte do pressuposto de que as mulheres “gritariam”, o que pode também ser entendido como “perderiam o controle” ao serem expostas a momentos de tensão em episódios de violência. E assim, aconteceu. Como relatado por Érica, a van acabou sendo atingida por uma pedra. É relevante ainda a valorização do fato da torcedora ter passado pelo episódio sem sobressaltos. A ocasião relatada em muito se articula aos desenvolvimentos Pereira (2012) quando afirma que o fato de as pessoas considerarem:

[...] que o (não) desempenho de certas tarefas ou comportamentos torna os indivíduos mais/menos masculinos/femininos demonstra que a feminilidade e a masculinidade não são algo que é reconhecido aos indivíduos simplesmente porque são uma mulher ou homem, mas que se tem de ir demonstrando e redemonstrando a cada dia” (PEREIRA, 2012, p. 169).

Isto é, a situação posta foi um momento de provação da força/capacidade da torcedora fazer parte daquele espaço - como se o torcedor homem não pudesse, ao ser exposto à uma pedrada, chorar, gritar, ou se assustar. No entanto, é possível afirmar que neste cenário ambos não poderiam demonstrar fraqueza. Ocorre que no caso da torcedora o que está em jogo seria a participação “de mulheres” em ocasiões semelhantes, enquanto no caso de um torcedor homem a questão posta seria restrita à sua pessoa – como se aquele homem especificamente fosse ou não fosse capaz de ser membro da torcida, por exemplo. Coube a essa mulher, portanto, negociar, firmar a posição das mulheres e provar força, coragem e altivez para cumprir a tarefa.

A observação etnográfica dessa pesquisa e os depoimentos colhidos em questionários, entrevistas e no I Encontro nos leva a crer que a existência dessas relações não decorre de uma identidade única e dessa forma não se apresenta de forma regular e estável. São os movimentos e sociabilidades individuais e coletivas que decorrem da necessidade de resistência e insistência para sua participação.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, op.cit).

Ademais, nos parece possível conectar a sua ideia de “celebração móvel” (*ibidem*), onde o sujeito apropria-se de identidades diferentes em vários momentos. Logo, ainda que as torcedoras muitas vezes possam compreender que as atitudes e/ou tarefas atribuídas a elas não

são exatamente as que as conectam com a sua presença na torcida organizada, elas, sim, as fazem como forma de representação de uma nova identidade que também as constitui.

Nesse sentido, como apresenta Hall (*ibidem*), enfatizar as alterações é de extrema importância, uma vez que é diante da compreensão das mudanças que poderemos interpretar elementos significativos do objeto de estudo; neste caso da participação das mulheres nas torcidas organizadas. Consequentemente, temos mulheres que ao entrar na torcida organizada não fazem questionamentos sobre as regras impostas e as que, mesmo com receio de advertências, questionam as regras que as torcidas organizadas destinam apenas às torcedoras.

Desse modo, é preciso ter cautela e percorrer as entrelinhas das negociações para observar que “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada” (HALL, p. 21, 1992). Ainda sobre negociação, Maria do Mar Pereira (2012) acrescenta que a dinâmica de negociação envolve regulação, e, à vista disso, Cooper enfatiza:

a criação de uma área delimitada de actividades permitidas e permissíveis, organizada em função de normas específicas [...], [envolvendo], por um lado, a avaliação das condutas por determinados agentes e instituições e, por outro, a interiorização pelos indivíduos do olhar destes agentes e instituições, levando à aplicação contínua deste olhar destes em práticas disciplinares de automonitorização (COOPER, 1995, p.86).

É possível relacionar o que o autor apresenta com as conexões dos percursos das torcedoras. Isto é, os atos realizados por elas nos ambientes de torcer eventualmente sofrerão ajustes e adequações mediante as necessidades das instituições, torcedores e dirigentes e eventualmente das torcedoras organizadas, tanto ao concordarem, perpetuando as práticas, quanto ao discordarem rompendo com as mesmas normas a elas impostas. Assim, nossa tarefa aqui é justificar por que a presença das mulheres nas torcidas organizadas, impreterivelmente, se faz pela negociação para a prática do *torcer*.

The concept of negotiation suggest human agency. Both women and men are active participants, sometimes asking or inviting, sometimes demanding that resources be shared or reallocated. Implicit in this formulation is the recognition that both women and men have some resources they initially control. In addition, this conceptualization suggests that both parties to a negotiation must somehow agree in order for it to take effect. No only must there be mutuality in consent, but the process of negotiation is reciprocal (cf. Blau, 1964; Bredemeier, 1978; Homans, 1961). Though men seem to do most of the inviting, women also have done the asking and made demand. Furthermore, the heterosocial negotiations which do take place may act to either maintain or change structural boundaries (GERSON; PEISS; 1985, p. 322)<sup>88</sup>.

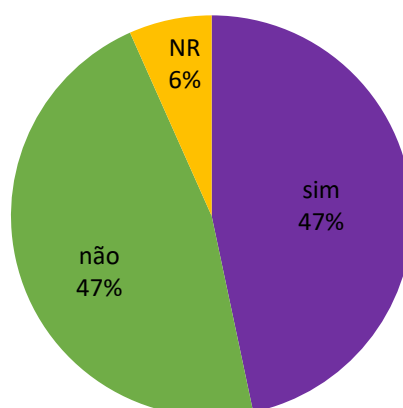
---

<sup>88</sup>O conceito de negociação sugere agência humana. Mulheres e homens são participantes ativos, às vezes pedindo ou convidando, às vezes exigindo que os recursos sejam compartilhados ou realocados. Implícito nesta formulação está o reconhecimento de que tanto mulheres quanto homens possuem alguns recursos que eles controlam inicialmente. Além disso, essa conceitualização sugere que ambas as partes de uma negociação devem, de alguma forma, concordar em ordenar o efeito tabe. Não apenas deve haver reciprocidade no consentimento,

Nesse sentido, entendemos que duas das questões do questionário de nossa pesquisa nos auxiliarão nas reflexões acerca do conceito de negociação vivido pelas torcedoras organizadas da *Bamor* e *Os Imbatíveis*.

**Figura 24** – Opinião das torcedoras sobre aceitar situações e/ou imposições para sua participação na torcida - *Bamor*

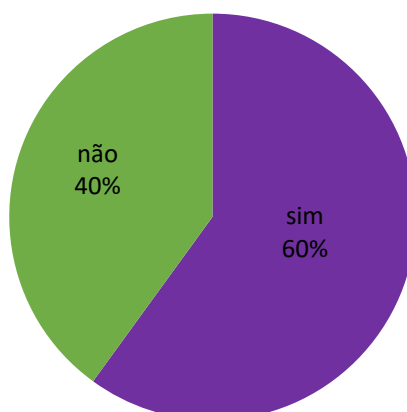
**Você acredita que para participar de sua torcida organizada você aceita situações, imposições e/ou regras que possivelmente não aceitaria em outros espaços?**



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

**Figura 25** – Opinião das torcedoras sobre aceitar situações e/ou imposições para sua participação na torcida - *Os Imbatíveis*

**Você acredita que para participar de sua torcida organizada você aceita situações, imposições e/ou regras que possivelmente não aceitaria em outros espaços?**



Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

---

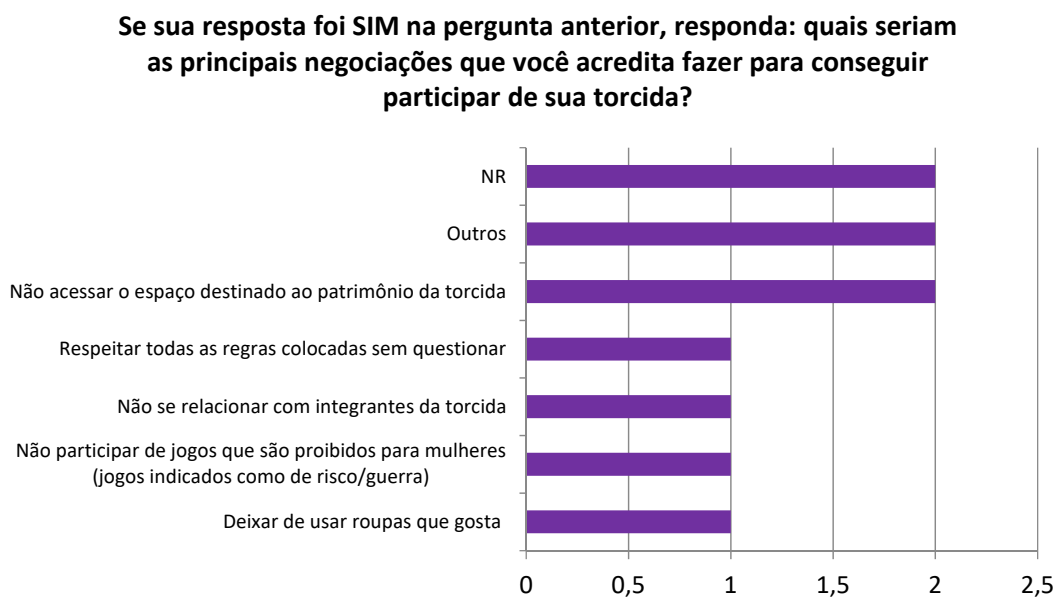
mas o processo de negociação é recíproco (cf. Blau, 1964; Bredemeier, 1978; Homans, 1961). Embora os homens pareçam fazer a maior parte do convite, as mulheres também fizeram o pedido e fizeram a demanda. Além disso, as negociações heterossociais que ocorrem podem agir para manter ou alterar as fronteiras estruturais. Tradução nossa.

Como podemos ver não temos respostas desproporcionais. No caso da *Os Imbatíveis* temos nove torcedoras organizadas respondendo que aceitam situações e/ou regras, e seis afirmando que não aceitam regras para participar da torcida organizada. Por isso, apresentaremos as justificativas como forma de exemplificar os tipos de negociação que as envolve. A torcedora organizada Silvia, ao responder que “sim”, enfatiza: “Porque existem situações desconfortáveis que só ocorrem na arquibancada no local onde a torcida fica, que por ser integrante e querer participar ativamente devo aceitar”. Já as torcedoras Liliana e Érica, ressaltam a necessidade no cumprimento das regras em face de “um bom convívio, respeito e amor pela torcida”. Compartilham dessa opinião Silva e Clarice ao dizerem que “existe sim, a maioria das vezes temos que aceitar devidas coisas, por conta de ser mulher” e “a questão dos jogos de guerra, como falei, mas a jogos credito que existem muitas meninas que deixam de usar roupas, de se envolver com alguém da torcida, com receio do que vão falar ou pensar dela”.

Por fim, destacamos a resposta de Rita, pois se diferencia ao trazer a questão da homofobia enquanto um tabu dentro da torcida: “Algumas, em especial relacionadas à homofobia, tabu social que é potencializado em meio às hipermasculinidades do mundo do futebol. Apesar de ser contra a homofobia, este é um debate ainda muito difícil de ser feito na entidade. O debate sobre o machismo, apesar das resistências, ainda consegue ser levantado, mas o da homofobia ainda é muito delicado”. Já as torcedoras organizadas que apontaram o “não” aceitaram regras e/ou imposições, as respostas ficaram muito próximas, entre elas, as torcedoras organizadas Marcela e Ana que afirmaram: “direitos iguais; respeito; não modifico minha vida por nada”.

A seguir, ousamos em colocar a palavra “negociação” na descrição da pergunta, mesmo que essa decisão acarretasse um nível maior de complexidade à questão, pois “negociar” muitas vezes é compreendido como algo ruim, no sentido de pactuar por vezes com o que não se concorda, como fornecer uma informação “não permitida” e que eventualmente as torcedoras não quisessem compartilhar.

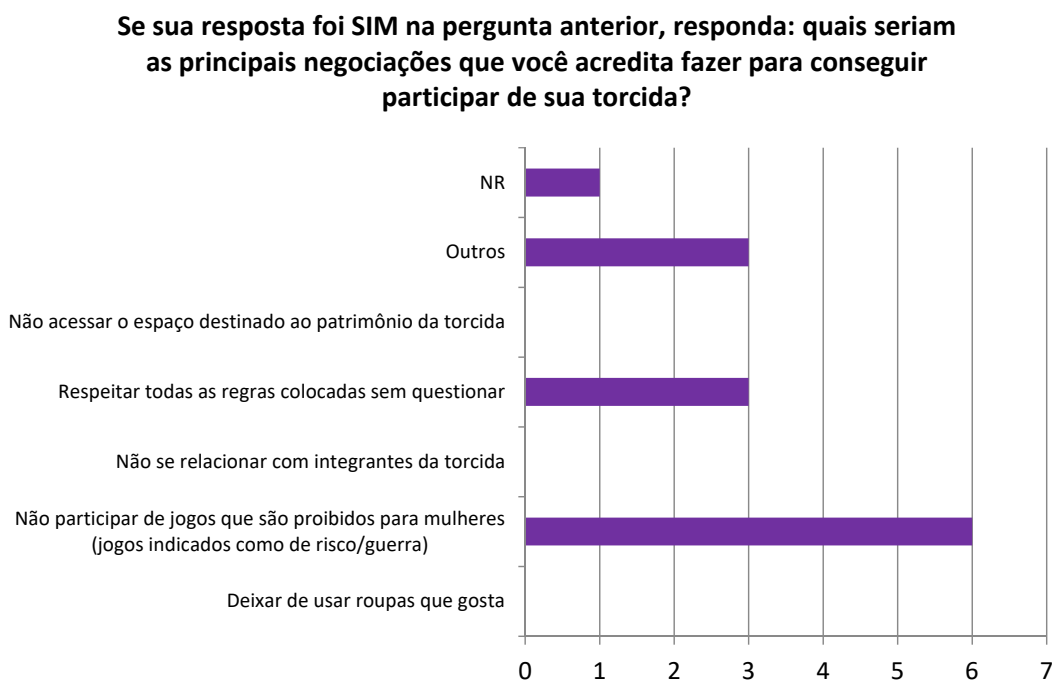
**Figura 26** – Opinião das torcedoras sobre negociações para participar de sua torcida – *Bamor*\*



\* Questão com respostas múltiplas

Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

**Figura 27** – Opinião das torcedoras sobre negociações para participar de sua torcida - *Os Imbatíveis*\*



\* Questão com respostas múltiplas

Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

No caso da torcida organizada *Bamor* as respostas ficaram bastante equilibrados dentre as opções oferecidas. Entre as torcedoras que responderam “sim” (Fig. 24), duas delas indicaram a necessidade de negociar o acesso ao patrimônio da torcida (Fig. 26). E entre as justificativas que foram apresentadas destacamos a da torcedora Thaisa que afirmou “não se relacionar com alemão<sup>89</sup>”, referência feita aos integrantes da torcida rival.

Nas respostas da *Os Imbatíveis* entre as torcedoras que responderam “sim” (Fig. 25) tivemos um número maior de torcedoras que indicaram a dificuldade de participar dos jogos de risco (Fig. 27).

A partir dos dados e as narrativas apresentadas em articulação com o conceito de negociação é possível afirmar que as torcedoras organizadas estão envolvidas em processos de negociações com as torcidas organizadas que elas fazem parte. Sejam em âmbitos menores ou maiores, as negociações permeiam a sua participação ao passo que não se configura uma liberdade plena de atuação das torcedoras organizadas. Por este ângulo, poderíamos estar diante da obviedade de que todas as relações necessitam de negociação, mas, o que nos interessa é exatamente enfatizar a diferença de que essa negociação ocorre entre o avanço da presença das torcedoras em um espaço que não é pensado para elas, e o retrocesso diante do incomodo dessa presença.

Acreditamos que é importante finalizar com uma experiência presenciada na arquibancada que certamente irá contribuir para pensarmos os avanços. Uma das torcedoras<sup>90</sup> é assumidamente lésbica e foi a muitos jogos com a sua namorada. É certo que essa torcedora tem muitos anos de torcida, mas certamente essa questão há alguns anos seria inimaginável. O autor Mauricio Rodrigues Pinto (2017), em sua dissertação “Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol” nos ajuda a compreender essa questão:

Assim, a **homofobia e o machismo ainda estão muito presentes em comportamentos e falas de diversos atores sociais estabelecidos nas práticas e lugares que dão sentido ao futebol no país.** Na área dedicada aos comentários dos leitores das reportagens que tratam de episódios ligados à homofobia e misoginia no futebol ou que mostram mulheres e pessoas LGBT praticando futebol, **muitas pessoas expõem sem pudor o seu incômodo e preconceito reafirmando que o futebol é exclusivo do “grupo dos verdadeiros homens”** (PINTO, 2017, p. 18, negrito nosso).

<sup>89</sup>Essa referência é feita quando se trata do clube rival, a palavra “alemão” é mais utilizada pelas torcidas organizadas do Nordeste e Norte, mas também no estado do Rio de Janeiro. A indícios que essa referência aconteça por analogia II Guerra Mundial.

<sup>90</sup>Como a referência é de apenas uma torcedora não indicaremos o nome mesmo que fictício para que a identidade possa ser preservada.

São inúmeros os casos de preconceitos e violências<sup>91</sup> vividas por essas pessoas nos estádios, algo que se aproxima da necessidade de enaltecer certa virilidade e masculinidade. Lembramos, os gritos “ôôô bicha”<sup>92</sup> quando o goleiro inicial a cobrança do tiro de meta e as recentes ameaças sofridas pelo torcedor da Sociedade Esportiva Palmeiras, Willian de Lucca, colaborador da página Palmeiras Livre<sup>93</sup>. E por isso, entendemos que assumir uma relação homoafetiva<sup>94</sup> nas arquibancadas dos estádios, mais especialmente nas torcidas organizadas, se torna um ato de coragem e resistência, mesmo que isso não seja a intenção primeira da torcedora em questão.

Ao mesmo tempo, quando apresentam as questões das roupas e proibições dos jogos, por exemplo, sabemos que ainda existe um caminho a ser percorrido e esse caminho certamente perpassa o respeito pelas escolhas das torcedoras organizadas.

A seguir, introduzimos um debate importante para as torcedoras organizadas que são as ações sociais que as torcidas organizadas desenvolvem. Muitas dessas ações são realizadas pelas mulheres o que nos apresenta uma reflexão importante: porque existe uma identificação quase que automática em relação aos trabalhos da assistência e a presença das mulheres torcedoras?

### 3.2.1 Medos Privados em Lugares Públicos

Medos privados em lugares públicos<sup>95</sup> propõe-se a refletir sobre a disputa dos espaços políticos e os arranjos que as torcidas organizadas desenvolvem em relação à participação das mulheres em sua torcida. O debate acerca dos conceitos do *público e privado* são antigos e se apresentam desde o século XVII, e percorrem em grande medida o pensamento da teoria política atualmente em divergência com a teoria feminista.

Argumentos importantes nos debates contemporâneos dependem da suposição de que questões públicas podem ser facilmente diferenciadas de questões privadas, de que temos uma base sólida para separar o pessoal do político. **Algumas vezes explicitamente, mas mais frequentemente de maneira implícita, perpetua-se a ideia de que essas esferas são suficientemente separadas, e suficientemente diferentes, a ponto de o público ou o político poderem ser discutidos de maneira isolada em relação ao privado ou pessoal** (OKIN, 2008, p.305 **negrito nosso**).

<sup>91</sup>Para saber mais ver: <<https://www.lance.com.br/futebol-nacional/homofobia-estadio-tem-jeito-lgbts-contam-como-driblam-preconceito.html>>. Acesso em: 30 maio. 2018.

<sup>92</sup> Para saber mais acessar: <<https://medium.com/puntero-izquierdo/bicha-a-homofobia-no-futebol-como-legado-da-copa-9cbe4bc18df2>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>93</sup>Para maiores informações sobre a página, acessar: <<https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/>>

<sup>94</sup> São entendidas como relações homoafetivas pessoas que gostam e/ou sentem atração por pessoas do mesmo sexo.

<sup>95</sup>Em alusão ao Longa-metragem lançado em 2007 do diretor francês Alain Resnais.



A autora Susan Moller Okin, afirma que a partir do momento que a categoria de “gênero” passa a fazer parte mais direta desse debate coloca-se à tona atributos prévios sobre as questões do público e do privado. Afirma ainda que o fato dos estudos feministas por vezes serem marginalizados especialmente na teoria política, se justifica à medida que existe um interesse em uma *contínua coerência* para a manutenção de um discurso. Dessa forma, a necessidade em captar tais informações percorre as contradições entre um pensamento liberal que apresenta o “público” como algo naturalmente mais acessível. E o “privado” fazendo referência a uma esfera da vida social, na qual requer ingerência em relação à liberdade, vincula-se a uma especial motivação específica para acontecer. Ou seja:

algumas vezes é o **controle da informação** sobre o que ocorre na esfera privada que é destacado, algumas vezes é a **liberdade em relação a ser observado**, em alguns momentos é a **liberdade em relação à interferência ou intrusão nas atividades, solidão ou decisões de alguém** (OKIN, 2008, p.306, negrito nosso).

A primeira ambiguidade resulta do uso da terminologia para indicar ao menos duas distinções conceituais centrais, com variações em cada uma delas. “Público/privado” é usado tanto para referir-se à distinção entre Estado e sociedade (como em propriedade pública e privada), quanto para referir-se à distinção entre vida não-doméstica e vida doméstica.

É possível que as torcedoras das torcidas organizadas em questão tenham que apresentar atitudes diferentes no âmbito doméstico – privado e no âmbito público – torcida organizada. Isso é importante porque o futebol e o torcer enquanto possibilidade de lazer não acontece apenas no momento do jogo dentro do estádio de futebol, pois é no âmbito das redes de sociabilidade e do *estilo de vida*, como observa Luiz Henrique de Toledo, que muitas das relações ocorrem:

O futebol, sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um *estilo de vida* próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada Torcida Organizada, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano. (TOLEDO, 1996, p. 114, itálico do autor).

Priscila Augusta Ferreira Campos (2010) em sua dissertação “Mulheres Torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube Presentes no Mineirão”, em concordância com Guacira Louro (1997), expõe que ao longo dos tempos as diversas comunidades por meio dos processos de aprendizagens apresentam modos diferentes em lidar com o tempo e o espaço, estabelecendo o tempo do trabalho e o tempo do lazer, o espaço público e o espaço privado, e definindo a maneira que essas ocupações seriam feitas. Sendo assim, esses processos acabam por naturalizar-se como uma regra a ser cumprida.

Antes de apresentar os dados da pesquisa realizado com as torcidas *Bamor* e *Os Imbatíveis*, acredito ser necessário apresentar o depoimento da torcedora Rayane Patrícia, da torcida organizada Galoucura:

Em um jogo mesmo, que eu estava liderando as meninas, e eu disse pra elas: “**nós vamos cantar os noventa minutos, empurrar o time!**” Porque a gente precisava mesmo da vitória e eu estava lá com as meninas em um bonde com mais de trinta do lado da bateria, cantando e, dias após, eu escutei uma pessoa falando: “**as meninas não podem colar do lado da bateria não! Porque elas abafaram nós!**” [...] O intuito não é cantar, incentivar, empurrar? Nós estamos ali para isso. A ideologia nos ensina isso, nós estamos ali para empurrar o time [...] a torcida cantou os noventa minutos, o time ganhou e depois eu tive que escutar que tinha que ficar lá em cima, porque não dá eco, não dava para escutar, tanto que do lado da bateria a gente estava abafando. No fundo eu fiquei feliz, que bom que a gente estava abafando. Mas depois eu me senti assim, um pouco diminuída, poxa será que eles vão colocar a gente lá em cima? não é possível, né? E continuei batendo de frente com os meninos, a gente vai ficar [...] A gente era muito boa na ação social, a gente era liberada para viajar, e assim infelizmente atualmente as coisas mudaram. Aí a gente tá numa luta diária, porque eu mesma tenho sofrido diariamente, eu não estou por fama por simpatia, nem por status, eu estou por amor desde criança mesmo. (Rayane Patrícia, torcida organizada Galoucura, Clube Atlético Mineiro-MG, negrito nosso).

Entre os espaços de experiência de uma torcida organizada estão as arquibancadas, mas também as ocupações realizadas fora dos estádios. Pode parecer óbvio que a presença de uma torcedora na arquibancada pudesse corroborar para a ampliação da torcida e, por consequência, do contingente de pessoas torcendo pelo clube, ou seja, para “empurrar, incentivar”, no entanto, conforme nos apresenta Rayane, as relações não são imediatas já que ela foi advertida por desempenhar “bem demais” seu papel de torcedora, enaltecendo os cantos da torcida a ponto de incomodar aqueles que estavam na bateria da torcida. Desse modo, não basta as torcedoras exercerem o seu papel dentro da compreensão do que seria o “torcer” estritamente ligado ao papel de enaltecimento do clube. Como pontuado por Foucault (1980, p.89) o “poder não é dado, ou trocado, ou recuperado, mas sim exercido, e só existe em ação”. Nesse caso, embora Rayane tenha exercido o “poder” de “torcer” e, nesse momento, tenha sentido a satisfação em exercitar sua vontade e em atrelar o desdobramento positivo da vitória no jogo ao desempenho da torcida, posteriormente ela precisou lidar com retaliações a esta ação.

Entre os demais espaços de experiência do torcer encontra-se as sedes das torcidas organizadas. Espaços que comportam encontros, produções dos materiais, reuniões e, na maioria das vezes, a concentração das torcidas antes dos jogos. Nesse sentido, compreende-se ser um espaço de muita importância para o campo etnográfico, e por essa razão, a seguir serão relatadas as experiências das visitas nas sedes das torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis*.

A visita à sede da T.O. *Os Imbatíveis* aconteceu no dia 10 de março de 2018. Nesse dia pudemos acompanhar a atividade proposta pelo *Comando Feminino*. Em comemoração ao

dia 8 de março – dia Internacional das Mulheres<sup>96</sup> - foi organizado um café da manhã para as mulheres do “Movimento Nacional da População em situação de Rua - MNPR”<sup>97</sup> de Salvador – BA. O evento incluía a doação de roupas e sapatos, e atendimento estético gratuito, um “momento de beleza”, para limpeza de pele e sobrancelhas.

Já a visita na sede da T.O. *Bamor* demorou um pouco mais para acontecer, uma vez que, entre os problemas compartilhados pelas torcedoras, estava a mudança de sede. A visita foi então realizada em abril de 2018 já na nova sede da *Bamor*. Foram duas visitas: uma para conhecer a sede e outra para conversar sobre a aplicação dos questionários. No primeiro dia as torcedoras estavam organizando os preparativos para a realização de uma ação social para o dia das mães que aconteceria em 13 de maio de 2018. As torcidas organizadas são também conhecidas pela realização de suas ações sociais, relacionadas à doação de sangue, arrecadação de alimentos, campanhas de agasalhos, distribuição de brinquedos etc.

Curiosamente, a visita às sedes das torcidas organizadas, coincidiu com a realização de uma ação social. Destacamos que as participações dos torcedores das torcidas organizadas nas ações sociais acontecem muitas vezes atendendo solicitações das torcedoras organizadas e/ou nas atividades que existe a necessidade do uso da força, mas nosso foco está em revelar a aproximação praticamente natural das torcedoras organizadas com essas atividades. Diante disso e das conversas realizadas com as torcedoras organizadas fica uma pergunta: por que os trabalhos de cunho social<sup>98</sup>, em sua maioria, estão diretamente vinculados às mulheres torcedoras? O depoimento da torcedora Letícia nos ajuda a refletir:

é que eles acham que nós temos o dom, e realmente temos, meio que está implícito e enraizado essa questão do machismo na sociedade de que a mulher é que vai para a cozinha, a mulher que faz um evento social e que arrecada alimentos e que de repente vai fazer um dia para as crianças carentes qualquer coisa do tipo.

Sobre essa questão é interessante refletirmos sobre a recente pesquisa de Débora da Silva Silva (2017) intitulada “Participação das mulheres na gestão de torcidas organizadas de futebol: um estudo de caso na torcida organizada Pavilhão 6 do Clube do Remo”. Mesmo não fazendo parte do rol de torcedoras pesquisadas, o estudo foi realizado por uma autora que é torcedora organizada, que mantém cargo em sua torcida até os dias de hoje e que pesquisou sobre sua própria torcida. Em seu trabalho Débora destaca:

<sup>96</sup>Em 1857, centenas de operárias morreram queimadas em um fábrica têxtil de Nova York (EUA). Elas reivindicavam a redução da jornada de trabalho e o direito à licença-maternidade. Em homenagem às vítimas, no ano de 1911, foi instituída a comemoração de 8 de março o Dia Internacional da Mulher.

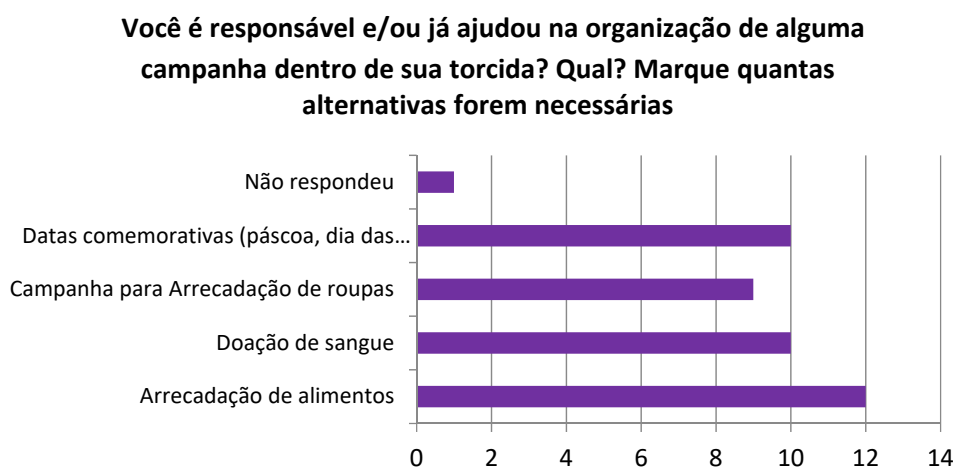
<sup>97</sup>O MNPR surge com o intuito de combater as violações de direitos e buscar condições dignas de vida e direito de todo cidadão. Busca reivindicar políticas públicas que atendam às necessidades e à dignidade humana.

<sup>98</sup>De acordo com os relatos apresentados pelas torcedoras entrevistadas alguns homens das respectivas torcidas também contribuem para a realização dessas atividades, mas a responsabilidade da organização dessas atividades fica a encargo das mulheres torcedoras.

Toda vez que ocorre um evento na sede ou algo realizado pela Torcida em que há necessidade da elaboração ou venda de comidas, as mulheres são acionadas pela diretoria. Essa atividade rotineira pode ser equiparada ao arcaico histórico cultural relacionado às mulheres, como afirma o autor Fujisawa (2006), historicamente a mulher sempre esteve relacionada aos serviços domésticos (SILVA, 2017, p.21).

Os dados levantados em nossa pesquisa de campo confirmam a asserção de Silva (2017). Como podemos observar nas Figuras 28 e 29 em ambas as torcidas organizadas, as mulheres torcedoras são responsáveis por atividades historicamente destinadas às mulheres em suas dinâmicas familiares e profissionais. Ou seja, atividades realizadas na esfera pública, mas cujo significado está fortemente atrelado à dimensão do privado (OKIN, 2008), especialmente no que se refere ao “cuidado familiar”.

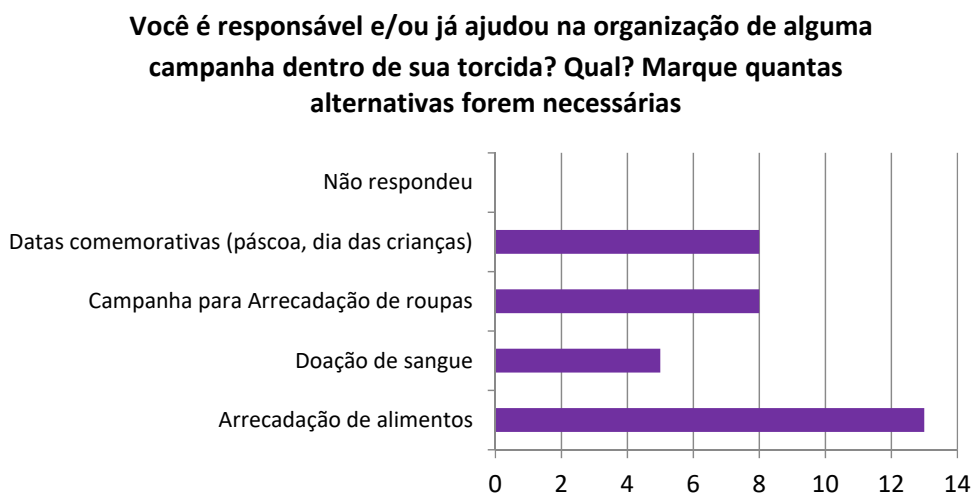
**Figura 28** – Participação de torcedoras em campanhas – *Bamor*\*



\* Questão com respostas múltiplas

Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

**Figura 29** – Participação de torcedoras em campanhas - *Os Imbatíveis*\*



\* Questão com respostas múltiplas

Fonte: Elaboração própria, dados coletados na pesquisa de campo, 2018

Realizar essa conexão de imediato pode parecer um descuido, especialmente porque na compreensão da maioria das torcedoras organizadas com as quais conversamos isso não se apresenta necessariamente como um problema. Obviamente, o ponto aqui não é questionar as torcedoras organizadas pelas atividades sociais que as torcidas organizadas desenvolvem, mas o fato de serem elas as responsáveis pelas as atividades de assistência de suas torcidas, configurando assim, o espaço que a elas é destinado dentro das torcidas organizadas. Portanto, a questão aqui colocada diz respeito à responsabilização e à participação!

É possível apontar que apesar dos avanços significativos e visíveis que as mulheres estão experimentando na sociedade (MOURA, 2003), talvez estejamos diante de um ponto de vista relevante, pois ao passo que as mulheres saem dos espaços domésticos (WEINSTEIN, 1971) para frequentarem os espaços de sociabilidade de homens (TOLEDO, 1996) da sociedade, e neste caso das torcidas organizadas, elas passam a experimentar e serem responsabilizadas por tarefas que são comumente associadas à elas nos ambientes privados.

As impressões e correlações apontadas são importantes à medida que nos permite realizar algumas considerações. É evidente que não poderemos generalizar nem em relação à atuação das torcedoras em suas torcidas organizadas e nem sobre as posturas de todos os homens das mesmas torcidas. Até porque do ponto de vista nacional temos experiências de torcidas organizadas onde mulheres acessam muito pouco, ou quase nada, os espaços de decisão; incluindo mulheres como presidentas<sup>99</sup>.

As informações aqui trazidas podem nos apresentar alguns caminhos para reflexão, entre eles, o fato da naturalização da participação das mulheres das torcidas organizadas em atividades no âmbito da assistência em suas torcidas e a abertura das torcidas organizadas para que as torcedoras organizadas tenham um espaço, porém que seja regulado e direcionado à ações sociais. Nesse sentido, é possível que as mulheres torcedoras tenham compreendido essa “abertura” como uma possibilidade de entrar e atuar no interior das torcidas organizadas podendo assim demonstrar mais envolvimento e empenho para sua torcida, e a partir disso quiçá acessar outros espaços.

Por fim, como já mencionado as ponderações feitas nessa seção ultrapassam julgamentos sobre a necessidade das ações sociais das torcidas organizadas e/ou da atuação das mulheres nestas ações até porque como já citado as torcedoras organizadas não compartilham diretamente que essa atuação seja um problema, mas o que em nossa avaliação se configura como uma questão a ser pensada é a conexão quase que direta. Acreditamos que as mulheres

---

<sup>99</sup>Atualmente a Torcida Jovem Garra Tricolor de clube Fortaleza é presidida por uma mulher.

em nossa sociedade vêm cada vez mais ocupando espaços importantes, mas sabemos que ainda é preciso avançar. O que idealizamos nesse sentido para as torcidas organizadas é que as ações sociais permaneçam caso isso seja uma escolha, mas que a participação das mulheres não esteja vinculada a estereótipos historicamente traçados para as mulheres, e que a participação dos homens neste ambiente não seja exceção.

## CONSIDERAÇÕES: MAS AFINAL, POR QUE ELAS ESTÃO LÁ? DAS RESISTÊNCIAS E ADVERSIDADES

Mas afinal, por que elas estão lá? Essa seguramente foi uma das interrogações que norteou os desenvolvimentos desse trabalho, e para a qual buscamos respostas, ou indícios delas, mesmo que sejam múltiplas e inconstantes. As mulheres estão cada vez mais fazendo parte dos ambientes futebolísticos, seja com o propósito do lazer, de militância e/ou de inserção profissional. Em ano de Copa do Mundo da Fifa<sup>100</sup>, evento realizado na Rússia, tivemos a primeira mulher a narrar um jogo de Copa do Mundo<sup>101</sup>. Nas arquibancadas da mesma Copa, tivemos a oportunidade de ver, torcendo por sua seleção, mulheres iranianas<sup>102</sup> desde 1981 proibidas de frequentar as arquibancadas em seu país. Além disso, tivemos a grata surpresa de ter uma mulher compondo o banco de reservas da seleção Croata, a ex-tenista Iva Olivari<sup>103</sup>, como gerente. E por que esses exemplos seriam importantes? Pois esses exemplos passam a compor o imaginário da mulher nesse cenário, contribuindo para que o olhar alheio, de homens e mulheres, incorpore a possibilidade de que tais posições sejam alcançadas por elas. É necessário a percepção de que avanços estão acontecendo e que “não estamos só”.

A experiência de estudo sobre a temática das torcedoras de torcidas organizadas requer uma combinação de tolerância, cuidado e cumplicidade. A tolerância deve corresponder ao tempo requerido pelas torcidas organizadas e por suas torcedoras para a construção de um laço de confiança que possibilitem o acesso da pesquisadora. Tempo este que nem sempre é congruente com o tempo da academia. Foi preciso, aos poucos, construir uma aproximação que respeitasse e valorizasse o convívio e o conhecimento entre as partes, sem que as torcedoras tivessem a sensação de intromissão. Já o cuidado foi imprescindível para que o trabalho pudesse ter começo, meio e fim, pois acessar as torcidas organizadas nunca se apresentou como tarefa fácil. Mesmo que em muitos momentos o campo etnográfico tenha apresentado questões relevantes para a pesquisa, o primeiro crivo para sua utilização foi se as informações poderiam comprometer alguma torcedora organizada? Se a resposta fosse sim, era preciso deixar o desejo de lado, e descrever o momento, muitas vezes com supressões, de forma a preservar sua

---

<sup>100</sup>A Copa do Mundo da Rússia aconteceu em 14 de junho e terminou em 15 de julho. Foi a primeira vez que Rússia foi anfitriã do evento.

<sup>101</sup>Para saber mais sobre o assunto: < <https://www.revistaforum.com.br/foxsports-bomba-nas-redes-ao-colocar-a-primeira-mulher-para-narrar-um-jogo-de-copa/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

<sup>102</sup>Para saber mais sobre o assunto: < <https://www.msn.com/pt-br/esportes/copa/as-mulheres-iranianas-viveram-um-dia-hist%C3%B3rico-nas-arquibancadas-livres-para-torcer-ap%C3%B3s-37-anos/ar-AAyVPbr>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>103</sup>Maiores informações, acessar: < <https://www.facebook.com/arquibancadanaveia/>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

trajetória e permanência dentro das torcidas organizadas. Por último, a cumplicidade. Por mais que o campo etnográfico exija um certo distanciamento, neste caso, certamente foi preciso que algumas torcedoras organizadas de ambas as torcidas confiassem na relevância e importância do trabalho, nesse caso, a metodologia da observação participante (BRANDÃO, 1999) foi fundamental, pois possibilitou um convívio permanente e de cumplicidade entre as envolvidas na pesquisa.

As torcidas organizadas são espaços de muitos *estilos de vida* (TOLEDO, 1996), e também por isso, um lugar repleto de contradições. Algumas delas foram evidenciadas sugerindo que novos caminhos precisam ser trilhados para que os debates sobre a presença das mulheres nas torcidas organizadas possam caminhar no sentido da compreensão de um direito do *torcer*. Direito esse que deveria, em nossa concepção, caminhar em harmonia com os avanços vividos pelas mulheres na sociedade de modo geral.

É evidente que avanços e retrocessos muitas vezes andam paradoxalmente juntos, e foi exatamente por isso que a apresentação das práticas e experiências vividas pelas torcedoras organizadas nas arquibancadas merecem, não o julgamento moral, mas a admiração pela permanência e insistência de acreditar que esse espaço também é delas. A ponderação acerca do pré-julgamento é necessária em particular, pois seria muito simples destinarmos páginas a analisar o porquê que as torcedoras organizadas se submetem a situações que envolvem constrangimentos e afirmações de preconceitos. Todavia, a permanência delas se configura enquanto um ato de resistência, um ato de força e coragem, mesmo que esses sejam atribuídos por muitos evidenciados para representar características dos homens torcedores. Enquanto eles, resistem em coadjuvar as esferas mais importantes das torcidas organizadas.

Na seção “Negociações em Campo”, apresentamos a importância de compreender o conceito de negociação como parte fundamental na presença das torcedoras nas torcidas organizadas. É diante do problema apresentado que as torcedoras organizadas fazem suas avaliações sobre a atitude a ser tomada. Em alguns casos, o radicalismo de uma decisão pode ter implicações em sua permanência na torcida organizada. Ao mesmo tempo, a ideia de algo totalmente permissível pelas torcedoras, ou seja, aceitar todas as condições impostas parece estar caindo por terra. É assim, portanto, que apresentamos a complexidade dessas relações, entendendo que não se faz possível analisar as torcidas organizadas como algo estático, por mais que mudanças não se mostrem de maneira imediata.

A escolha de dedicar o primeiro capítulo a questões históricas condiz com a proposta de narrativa construída para a dissertação. Acreditamos que a intencionalidade dessa escolha percorre o desafio de destacar a importância de construir uma análise mais contextual.



Por isso, buscamos apresentar as conexões históricas do futebol, identidade nacional, e da construção da masculinidade de forma a erigir um suporte conceitual que permitisse apresentar o questionamento acerca dos espaços destinados as mulheres nas torcidas organizadas no “País do futebol”. Ainda nesse capítulo, a seção “Torcer, Torcida, Torcedora” foi importante para desconstruir o mito de que as mulheres são novas nos ambientes do torcer, questões históricas foram apresentadas de forma a contribuir para a compreensão da trajetória de torcedoras. Aspectos relacionados aos conceitos do torcer são basilares de forma a traduzir o pertencer que evidenciam sua presença e suas paixões.

Um aspecto importante que esperamos ter comprovado é que mesmo diante das negativas apresentadas pelas torcidas organizadas, as torcedoras expressam e vivem concretamente a sensação de pertencimento (DAMO, 2017). No entanto, essa incorporação apresenta limitações e barreiras importantes entre as quais o questionamento da legitimidade da mulher torcedora enquanto um *ser que torce*. Sendo as torcidas organizadas ainda um espaço predominantemente masculino, tanto em suas origens quanto no desenrolar de sua trajetória, os torcedores expõem uma manutenção dos aspectos de masculinidade e virilidade como mecanismo para fixar um modo de torcer característico, o qual nem sempre é acessível e almejado pela mulher torcedora organizada. Por conseguinte, as torcedoras de torcidas organizadas são constantemente cobradas a cumprirem determinadas obrigações que parecem surgir como um designo para (re)afirmação de que elas não pertencem àquele espaço.

Nesse sentido, as seções “Decisão em jogo” e “Torcedora e sua torcida organizada” caminham na tentativa de compreensão de que os estádios de futebol se tornaram espaços onde certas atitudes são aceitas e naturalizadas (DAÓLIO, 1997), mesmo que fora das arquibancadas tais atitudes sejam passivas de questionamentos. Partindo do princípio que o futebol é uma *reserva masculina* (DUNNING; MAGUIRRE, 1997), apresentamos alguns exemplos de situações vividas pelas torcedoras organizadas, que passam de maneira especial pelo cumprimento ou não de regras estabelecidas pelas torcidas organizadas. Assim, se fora das arquibancadas as mulheres devem se comportar como “belas e recatadas”, não seria nas arquibancadas que isso se apresentaria de forma diferente, sendo o estádio um “lugar do permitido” apenas para os homens torcedores. Portanto, constatamos que o estádio apresenta-se como um lugar onde os torcedores – organizados ou não – fazem dele o seu momento de lazer, onde atos de violência, xingamentos e palavrões são enaltecidos e permitidos, no entanto, por mais que alguns atos eventualmente possa causar estranhamento o que precisamos argumentar é porque as mulheres torcedoras de torcidas organizadas não podem compartilhar desses momentos, assim como os homens.

Sobre a atuação das mulheres nas torcidas organizadas recorremos à seção “Medos privados em lugares públicos”, onde foi tecida uma reflexão cuidadosa sobre a participação das mulheres de torcidas organizadas em suas atuações dentro das torcidas organizadas. Isso posto, pudemos observar a proximidade que existe entre as ações sociais desenvolvidas pelas torcidas organizadas e a participação das mulheres nas mesmas, como fora trazido, isso não se apresenta necessariamente como um ponto fundamental de questionamento feito por elas, mas concluímos que isso se caracteriza enquanto um problema dado o fato da aproximação feita entre o ambiente doméstico, portanto, privado, em contrapartida as atividades e responsabilidades do ambiente público, neste caso da torcida organizada. Identifica-se assim a sustentação dos estereótipos relacionados ao que tange o mundo privado, para uma acomodação das atuações de parte das torcedoras organizadas no ambiente público.

Na seção “Bahia e Vitória: os esportes clubes e suas maiores torcidas organizadas”, tratamos de apresentar as trajetórias de formação dos clubes e a maneira que cada torcida organizada se constitui. Em ambas as torcidas organizadas temos espaços específicos às torcedoras organizadas: espaço criado por elas, mediante a necessidade de ampliação de diálogo entre as próprias torcedoras organizadas e o fortalecimento de suas reivindicações. Apesar da compreensão de que esses espaços são conquistas, entendemos também como a ser pensado: porque é preciso criar espaços destinados apenas as mulheres organizadas dentro das próprias torcidas organizadas? Temos como hipótese que a quantidade de torcedoras organizadas é menor, e talvez a conveniência em se congregarem em setores seja decorrente da busca pelo fortalecimento das torcedoras organizadas justamente para não se deixarem sufocar pela maioria, os torcedores.

Contudo, é possível observar avanços importantes das torcedoras organizadas, como destacamos em vários momentos. As maneiras pelas quais as torcedoras organizadas vêm buscando seus espaços e impondo as suas necessidades e expectativas permitiu-nos compreender que elas estão dispostas a enfrentar as dificuldades para demonstrar o amor pelo seu clube e a paixão por sua torcida organizada. Poderá, a olhos nus parecer, incoerente. Ainda assim, mesmo diante de todas as adversidades apresentadas a torcida organizada configura-se sim enquanto um lugar também delas. Ali, elas se sentem parte de algo maior, algo que as motiva e mobiliza a enfrentar toda e qualquer situação que questione o seu *torcer*. Lembremos que ao serem perguntadas sobre as palavras que mais caracterizavam sua presença na torcida organizada a designação mais frequente foi o “amor” porque então, diante de tanto amor e dedicação, as mulheres ainda assim são questionadas? Para além das questões apresentadas que percorrer as características das questionáveis vangloriações acerca da construção do “País do

futebol” relacionadas aos aspectos de masculinidade, parecemos importante destacar a necessidade que os torcedores expressam de ter um “lugar só deles”, queremos dizer, ao passo que as mulheres compartilham desse espaço poderia apresentar uma sensação de perda. E porque o medo em perder esse espaço? Talvez por ele contribuir para a manutenção de símbolos e significados que os torcedores compartilham, mas as torcedoras, não. Vale lembrar que os torcedores organizados muitas vezes expressam essa distinção com o argumento do “cuidado” para mascarar seu discurso autoritário. O que está em jogo aqui? A escolha. Vejamos: se as mulheres torcedoras organizadas entendem que para demonstrar seu amor pela torcida elas devam carregar e tremular um bandeirão, que se para demonstrar a sua paixão elas escolham estar na bateria, ou se para comprovar o seu torcer ela decida realizar as ações sociais, porque serem julgadas?

Por fim, esperamos, com esse trabalho, contribuir para mitigar tal postura e quiçá para que as torcedoras organizadas fortaleçam sua luta com a expectativa de que elas possam simplesmente *torcer* da maneira que entenderem pertinente, por isso, concluímos que as torcedoras querem torcer.

## REFERÊNCIAS

ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (Org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTÔNIO, Vitor Sá Ramalho; SOUZA, Bruno Jeuken. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. In: **Ponto Urbe [Online]**, São Paulo, v.14. 2014. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/pdf/1445>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.

BANDEIRA, Gustavo Andrade; SEFFNER, Fernando. **Futebol, Gênero, Masculinidade e Homofobia: Um jogo dentro do jogo**. Espaço Plural. Ano XIV. Nº 29. 2º Semestre 2013. p. 246 – 270. ISSN 1981-478X 24. 2013.

\_\_\_\_\_. Do Olímpio à Arena: Elitização, Racismo e Heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio, 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2017.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **Linguagem inclusiva de gênero em trabalho acadêmico**. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/08/linguagem-inclusiva-de-genero-em-trabalho-academico/>>. Acesso em 17 dez. 2017.

BLOS, Wladimir; BILA, Fabio Pessanha (Orgs.). **Diversidades e Desigualdades na Contemporaneidade**. Salvador: EDUFBA, 2013.

BONFIM, Aira; MORAES, Carolina. **Mulher no Futebol: no campo e nas arquibancadas**. In: STEFANO, Daniela; MENDONÇA, Luiza (Orgs.). **Direitos Humanos no Brasil 2016: Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos**. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2016.

BONNETI, Aline; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire. **Gênero Mulheres e Feminismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. (Coleção Baianas, 14).

BOURDIEU, P. **O poder do simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA, Harian Pires. **A Doce Recordação do que vivi: a formação da identidade nacional no futebol (1938-195)**. 2015.184f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Sociedade) – Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Red Revistas científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal. Sociedade e Cultura, vol. 10, núm. 1, janeiro-junho, 2007, pp. 11 a 27 Universidade Federal de Goiânia, Brasil.

BURKE, Peter. **Perfoming History: The Importance Of Occasions, Rethinking History: The Journal of Theory and Practice**, 9:1, 35 a 52, 2013.

BUTLER, Judith; **Problemas de Gênero: Feminismos e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Futebol: a grande Paixão do Povo Brasileiro**. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. Rev. Junguiano, São Paulo, 28 (2): 41-48, 2010.

CAMPOS, Priscila A. F; SILVIO, Ricardo Silva da. **Mulher Torcedora: Apontamentos sócio-históricos da presença feminina nos estádios de futebol em Belo Horizonte–MG**. Trabalho apresentado no II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, Leituras e representações. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2009.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. [manuscrito]. 2010.142f., enc.: il.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CARNEIRO, Raphael. **BAVI: uma paixão sem limites**. Salvador, Bahia: Plus, 2009.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244p. (Col. “Memória e Sociedade”, coord. p/Francisco Belhencourt e Diogo Ramada Curto, v. 1).

COLLING, Leandro; THURLER, Djalma. **Estudos e políticas do CUS – Grupo de pesquisa Cultura e sexualidade**. Coleção CULT, n.15. Salvador: EDUFBA, 2013.

COOPER, Davina. **Power in Struggle Feminism, Sexuality and the State**. Buckingham: Open University Press. 1995.

COSTA, Carlos Eduardo; TOLEDO, Luiz Henrique, Organizadores. **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. (Antropologia Hoje).

COSTA, Leda Maria da. **Marias Chuteiras x Torcedoras “Autênticas”. Identidade Feminina e Futebol**. XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 12, 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2006a. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Leda%20Maria%20da%20Costa.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **O que é uma torcedora?** Notas sobre a representação e auto representação do público feminino do futebol. *Esporte e Sociedade*. v.2, n.4, nov/2006b-fev/2007. Disponível em <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es405.pdf>>. Acesso em: 31 set. 2017.

CRESWELL, John W. **Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2009.

DAMATTA, Roberto. **Futebol: ópio do povo X drama de justiça social**. *Novos estudos*, São Paulo, v. 1, n. 4, nov. 1982. Disponível em: <[http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/34/20080620\\_futebol.pdf](http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/34/20080620_futebol.pdf)>. Acesso em: 31 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. **Esportes na sociedade: futebol como drama social**. *Concilium*, Petrópolis, n. 225. 1989.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema Brasileiro.** Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 1990.

\_\_\_\_\_. **A bola corre mais que os homens.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto (Org.) e outros. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Ah! Eu sou gaúcho!** O nacional e o regional no futebol brasileiro. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, FGV. v. 13, n23, 1999, p.87-117.

\_\_\_\_\_. **O Espetáculo das Identidades e Alteridades.** In: ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (Org.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014.

\_\_\_\_\_. **Das palavras e dos palavrões** – um olhar antropológico sobre formas de sociabilidade e construções narrativas nos estádios de futebol. *Sociabilidade Urbanas* – Revista de Antropologia e Sociologia, v1, n1, p. 81-100, março de 2017. ISSN 2526-4702.

DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **A violência no futebol brasileiro.** Revista brasileira de ciência e momento. Faculdade de Educação Física da Unicamp, 1991.

DUNNING, Eric & Maguirre, Joseph (1997). “**As relações entre os sexos no esporte**”. Revista de Estudos Feministas, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, vol. 5, n.2, pp. 321-348.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1 e 2.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: DIFEL, 1992.

\_\_\_\_\_. **Deporte y Ócio en el Proceso de la Civilizacion.** México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade - O que é ser mulher? O que é ser homem?** Subsídios para uma discussão das relações de gênero. Cadernos Sempre Viva. São Paulo: SOF (Sempre Viva Organização Feminista), 1997.

FERREIRA, Arthur A. L.; MARTINS, André; SEGAL, Robert. **Uma bola no pé e uma ideia na cabeça**: o que o futebol nos faz pensar. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Power / Knowledge**: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1980.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 1988.

\_\_\_\_\_. **Como se exerce o poder?** In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Futebol, sociedade, cultura**: Apontamentos a título de conclusão. In: ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (Org.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014.

\_\_\_\_\_. **Dando tratos à bola ensaios sobre futebol**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Julia Pérez. **Manual para o uso não sexista da linguagem** – o que bem se diz... bem se entende. Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina, 2006.



FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa pra macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.25, n.50, p. 315-3. 11.jan. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882005000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 mai. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREITAS, Maria Ester de. **Organização: um espaço de negociação**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 34, n.5, p. 13-20. 1994.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Global Editora, São Paulo, 51.<sup>a</sup> edição, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GASTALDO, Édison. **O Complô da Torcida: Futebol e Performance Masculina em Bares**, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 107-123, jul./dez. 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GENSON, Judith M. e PEISS, KATHY. **Boundaries, Negotiation, Consciousness: Reconceptualizing Gender Relations**. Social Problems, Vol. 32, No. 4, April 1985.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: Mitos, ídolos e Heróis**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2007.

GIL, Gilson - 1994 - **O drama do "Futebol-Arte": o debate sobre a seleção nos anos 70**. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, no.25. São Paulo: ANPOCS.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria Ltda, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Ver. Bras. Educ. Fís. Esp. São Paulo, v.19 n.2, abr/jun. 2005.

\_\_\_\_\_. **“As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”:** esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do Século XX. *Revista de História do Esporte*, v.1, nº1, 2008.

\_\_\_\_\_. Prefácio. **Memórias olímpicas: a vez e a voz das mulheres.** In: RUBIO, Katia (Org.). *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

GONZALEZ, Débora de Fina. **Entre público, privado e político:** avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 44, n. 151, p. 239-243, mar. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742014000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GREGORY, Beatriz Helena Matté. **Esporte e lazer:** direitos de meninas e mulheres de todas as idades. In.: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero.* Edição especial. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014.

GUEDES, Simoni Lahud. **A Dádiva e os Diálogos Identitários através das Copas do Mundo no Brasil.** In ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (Org.). **Futebol objeto das ciências humanas.** São Paulo: Leya, 2014.

\_\_\_\_\_. **Subúrbio: celeiro de craques.** In: DAMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.* Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

GUSTAVO, Grabia. **La Doce:** A explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo. Contexto, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol:** mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWM, Eric & RANGER Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997 (Coleção pensamento crítico, v.55).

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: O jornalista esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol de Rio de Janeiro (1967-1988)**, 2008. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – PUC-Rio, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILAR, Onésimo Rodríguez. (Org.) **Torcidas organizadas na América Latina: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. (Coleção Visão de Campos)

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João Manuel Casquinha; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola (Org). **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Org). **Hooliganismo e copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

KESSLER, Cláudia Samuel (org.). **Mulheres na Área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. (Sport: História). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Negô! Baêa! A invenção da Torcida Baiana**. Salvador: EDUFBA, 2015.

LEITE, Antônio Eleilson; Landgraf, L. Flavia; Moraes, Carolina Farias. **Guia Cultural de Heliópolis**. 2014. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Guia cultural).

LEVER, Janet. **A Loucura do Futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LISPECTOR, Clarice. **Onde estiveres de Noite**. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 1999.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Construção escolar das diferenças**. In: IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 1997b, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 1997, p.68-76.

MACÊDO, Marcia Santos dos. **Feminismo e Pós-Modernidade como discutir essa relação**. In: **Gênero Mulheres e Feminismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. (Coleção Baianas, 14).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul. /dez. 2009.

MALAIA, João M.C. **Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.):1910-1950** In. A Torcida Brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MÁXIMO, Pimenta Carlos Alberto. **Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003.

\_\_\_\_\_. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo Perspec. [online]. 2000, vol.14, n.2, pp.122-128.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (Org.). **Futebol e Cultura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1982. (Coletânea de Estudos).

MELO, Andrade Vitor de. **Sportsmen: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil**. In. A torcida brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MENEGOTTO, Francine Morim. **Que rosa nada, elas usam é azul!** Um estudo sobre a participação das mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Monografia em Educação Física, UFRG, 2011.

MENEZES, Jessé Santana de. **A Paixão Imbatível: Um estudo sobre a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis**. Salvador: EDUFBA, 2011.

MORAES, Carolina Farias; LEITE, Antonio Eleilson. **Um Graffiti Feminino**. In. **Graffiti Tendências Contemporâneas em SP**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

\_\_\_\_\_. **Negros no Graffiti**. In. **Graffiti Tendências Contemporâneas em SP**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

MORAES, Enny Vieira. **Fazendo gênero e jogando bola: Futebol feminino na Bahia anos 80-90**. Salvador: EDUFBA, 2014.

\_\_\_\_\_. **O gramado como espaço de disputa entre os gêneros: alguns dos aspectos sobre a história do futebol feminino no Brasil**. In. KESSLER, Cláudia Samuel (org). **Mulheres na Área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

MORATO, Márcio Pereira. **A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. Futebol, cultura e sociedade**. DAOLIO, Jocimar (Org.) Campinas: Autores Associados, 2005.

MOSSE, George Lachmann. **The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity**. Nueva York: Oxford University Press, 1996.

MOURA, E. L. O futebol como área reservada masculina. In: DAÓLIO, J. (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

MURAD, Maurício. **Para entender: A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

MUSEU DO FUTEBOL. **I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/museudofutebolspaulo/search?query=encontro+nacional+torcedoras>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. **Na zona do agrião**. Sobre algumas mensagens ideológicas do Futebol. In. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982b.

NOBILIGN, Wilson; GAMBETA, Wilson. **Primeiros Passos: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)**. São Paulo: Biblioteca Mario de Andrade; Ludens, 2014.

NORONHA, Marcelo Pizarro. **Futebol é coisa de mulher**. Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico. 2010. 233p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Escola de Humanidades, São Leopoldo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sou Mulher! Sou Gremista!** Representações da mulher no futebol e as cristalizações de gênero envolvidas neste processo: uma etnografia sobre torcedoras do Grêmio. XII Encontro Estadual de História (ANPUHRS). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

\_\_\_\_\_. **(Des)construindo identidades:** ambiguidades, estereótipos e luta política nas relações mulher-futebol. In. KESSLER, Cláudia Samuel (org). **Mulheres na Área:** gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

OKIN, Susan. **Gênero, o público e o privado**. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto/2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA, Maria do Mar. **Fazendo Gênero no Recreio:** a negociação do gênero em espaço escolar – Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais. 2012.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer:** das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo - USP, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo, 2017.

PISANI, Mariane Silva de. **Poderosas da Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Santa Catarina - UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2012.

\_\_\_\_\_. **Uma análise inicial sobre a profissão de jogadoras de futebol:** trajetórias, dificuldades, histórias de vida e migração de algumas jogadoras do Foz Cataratas Futebol Clube. In. KESSLER, Cláudia Samuel (org.). **Mulheres na Área:** gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

PRUITT, D. G. **Negotiation behavior**. New York: Academic Press, 1981.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Sociedade: As Manifestações da Torcida**. 1998. 164p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1998.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; ESCHER, Thiago Aragão. **Futebol e Sociedade**. 1. ed. Brasília: Liber Livros Editora, 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; SOUZA Jr., Osmar. M. **Discursos hegemônicos e representações sociais do futebol feminino no Brasil**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, 2012, Águas de Lindóia. Anais... Águas de Lindóia: Encontro Anual da ANPOCS, 2012.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; (Org.). **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2014.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBOLDI, Ari. **Cabeça-de-bagre: termos, expressões e gírias do futebol**. Porto Alegre: AGE, 2008.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e futebol**. Petrópolis: Perspectiva, 2007.

RUBIM, Antônio Albino Canelas; RUBIM, Linda. Televisão e políticas culturais no Brasil. São Paulo. **Revista USP**, n. 61, 2004, pag. 16-29. Acesso em: 13 jun. 2015.

RUBIM, Linda; SOUZA, Delmira de; VIEIRA, Mariela. Enecult, dez anos: balanço, trajetórias e resultados. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Enecult 10 anos**. Salvador: EDUFBA, 2014.

RUBIM, Linda & ARGOLLO, Fernanda (org.). **O Golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2018. (Coleção Cult).

SAHLINS, Marshall. **Cultura na Prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SAMPAIO, Aurino Cesar Freire. “**Ba-VI – A paixão Soteropolitano**” História social do futebol na Bahia (1986 – 2010), Salvador. Instituto de Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador, 2011.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume Editora, 2004.

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval. **Pesquisa Participante: Alteridade e Comunidades Interpretativas**. Revista Psicologia USP, 17(2), 11-41, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação & Realidade**, Rio de Janeiro. v.15, n2, jul./dez. 1989. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SEGATO, Rita Laura. **A natureza do gênero na psicanálise e na antropologia**, Brasília. 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, metrópoles e desatinos**. Revista USP: Dossiê Futebol. Número 22, 1994.

\_\_\_\_\_. **Meio ambiente, corpos e comunidades**. In: \_\_\_\_\_. A corrida para o século XXI. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SILVA, Débora da Silva da. **Participação das mulheres na gestão de torcidas organizadas de futebol: um estudo de caso na torcida organizada pavilhão 6 do Clube do Remo, 2017**. (Bacharelado em Administração da Faculdade Integrada Brasil Amazônia – FIBRA), Belém – PA.

SILVA, Elisabeth Murilho da. **A mulher nos estádios: das plumas ao disfarce**. dobra [s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, ISSN 1982-0313, ISSN-e 2358-0003, Vol. 4, Nº. 9, 2010, págs. 50-60.

SILVA, Giovana Capucim e. **Mulheres Impedidas: A proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo**. Editora Multifoco, 2017.

SNYDER, Cara. **The Soccer Tournament as Beauty Pageant: Eugenic Logics in Brazilian Women’s Futebol Feminino**. WSQ: Women’s Studies Quarterly, Volume 46, Numbers 1&2, Spring/Summer 2018, pp. 181-198(Article).



SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Marcos Alves de. **Gênero e Raça: A Nação Construída Pelo Futebol Brasileiro**. Cadernos Pagu, Campinas, n.6-7, pp.109-152, 1996. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51074>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SOUZA Jr., Osmar. M. **O futebol feminino como fenômeno social: interpretações da busca pela legitimidade**. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2013.

SOUZA Jr., Osmar. M.; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol de mulheres: a batalha de todos os campos**. 1. ed. Esporte e Ciências Humanas. Paulínia: Autoresporte, 2018.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero**. In: **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. Ed. 1. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, (Antropologia hoje).

\_\_\_\_\_. **Mulheres em campo: Novas reflexões acerca do feminino no futebol**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet. **Basics of Qualitative Research: Grounded Theory, Procedures and Techniques**. Newbury: SAGE, c1990.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas**. Cidade: Rio de Janeiro, Annablume, 2003.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique. **No país do futebol**. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, SP: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996. (Coleção educação física e esportes).

TRINDADE, Etelvina. **Cidade Moderna e Espaços Femininos**. Proj. História, São Paulo, (13), jun. 1996.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Estilo de Vida Urbano e Modernidade**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº16, p. 227-234.

VIDAL e SOUZA, Candice. **Brasileiros e Brasileiras: O Gênero na Construção da Nacionalidade em Cassiano Ricardo e Alfredo Ellis Jr.** PPGAS/Universidade de Brasília. Brasília. (Trabalho final para a disciplina Antropologia do Gênero), 1993.

WATT, Ian. **Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe**. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

WHYTE, Willian Foote. **Sociedade de esquina**. Street corner society: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. 1. Ed. Cidade: São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: O Futebol e o Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

**ANEXO A – REGISTRO DE JOGOS DIÁRIO DE CAMPO**

Número	Data	Encontro	Jogo	Sigla
1	30/07/2017	Torcedoras da <i>Bamor</i>	Bahia x Sport Recife	DC01
2	12/10/2017	Torcedoras da <i>Bamor</i>	Bahia x Corinthians	DC02
3	12/10/2017	Torcedoras da <i>Os Imbatíveis</i>	Vitória x Sport Recife	DC03
4	22/10/2017	Torcedoras da <i>Bamor</i>	Bahia x Vitória	DC04
5	29/10/2017	Torcedoras da <i>Os Imbatíveis</i>	Vitória x Atlético - GO	DC05
6	08/11/2017	Torcedoras da <i>Os Imbatíveis</i>	Vitória x Palmeiras	DC06
7	12/11/2017	Torcedoras da <i>Bamor</i>	Bahia x Atlético - MG	DC07
8	16/11/2017	Torcedoras da <i>Bamor</i>	Bahia x Santos	DC08
9	03/12/2017	Torcedoras da <i>Os Imbatíveis</i>	Vitória x Flamengo	DC09
10	22/02/2018	Torcedoras da <i>Bamor</i>	Bahia x Náutico	DC10
11	15/03/2018	Torcedoras da <i>Os Imbatíveis</i>	Vitória x Bragantino - SP	DC11
12	06/06/2018	Torcedoras da <i>Os Imbatíveis</i>	Vitória x Chapecoense	DC12

## ANEXO B – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO ÀS TORCEDORAS ORGANIZADAS

Sou Carolina Moraes, aluna do Mestrado no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA, onde tenho como proposta de dissertação pesquisar a participação das mulheres nas torcidas organizadas. Para tanto, venho realizando pesquisa com as principais torcidas entre elas \_\_\_\_\_, para a qual venho pedir a sua colaboração. Cabe observar que é uma pesquisa de natureza acadêmica **que garante o anonimato das entrevistas**. Esperando contar com a sua colaboração agradeço a atenção dispensada.

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_.
- 2.: Entre as opções abaixo qual a que lhe identifica.  
 1.( )Branca    2.( )Parda    3.( )Preta    4.( )Amarela    5.( )Indígena
3. Escolarização: \_\_\_\_\_. Curso  
série/modalidade \_\_\_\_\_.
4. Qual a cidade e bairro de sua moradia?  
\_\_\_\_\_.
5. Tem ocupação profissional?  
( ) Sim ( ) Não Qual: \_\_\_\_\_.
6. Você é sócia do seu clube de Futebol?  
1.( ) Sim    2.( ) Não
7. Você faz parte do programa Sócio/a Torcedor/a que seu o clube mantem?  
1.( ) Sim    2.( ) Não
8. Quem mais te influenciou na escolha do seu time?  
1. ( ) Família – Quem? \_\_\_\_\_.    2. ( ) Amigos e Amigas    3. ( ) Escola ( ) Quem? \_\_\_\_\_.
9. Com quem costuma ir ao estádio? 1. ( ) Só 2. ( ) Família 3. ( ) Amigos/as 4.( ) Amigos/as da Torcida Organizada
10. Há quantos anos você é filiada à sua Torcida Organizada?  
\_\_\_\_\_.
11. Você paga mensalidade para ser sócia da sua Torcida?  
1. ( ) Sim    2. ( ) Não    Quanto? \_\_\_\_\_.
12. Você tem alguma função específica dentro da torcida?  
Se sim, qual? \_\_\_\_\_.  
( ) Não tem atribuição específica.

13. Quantas mulheres aproximadamente frequentam a torcida organizada que você faz parte?

R: \_\_\_\_\_.

14. Você diria que nos últimos anos a presença de mulheres vem crescendo nos estádios?

1. ( ) Sim      2. ( ) Não. Por que?

\_\_\_\_\_.

15. Qual foi o principal motivo que levou você a entrar em uma torcida organizada?

R: \_\_\_\_\_.

16. Se pudesse expressar em uma só palavra o que a sua torcida representa para você, qual a primeira palavra que você usaria?

E a segunda? 1ª) \_\_\_\_\_ 2ª) \_\_\_\_\_.

17. Com que frequência você vai à sede da sua torcida organizada, para encontros, festas, reuniões?

1. ( ) Sempre      2. ( ) Às Vezes      3. ( ) Raramente      4. ( ) Nunca

18. Você costuma viajar com sua torcida para ver jogos fora de sua cidade?

1. ( ) Sempre      2. ( ) Quase sempre      3. ( ) Às Vezes      4. ( ) Raramente      5. ( ) Nunca

19. Você é responsável e/ou já ajudou na organização de alguma campanha dentro de sua torcida? Qual?

Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Arrecadação de alimentos      2. ( ) Doação de sangue

3. ( ) Campanha para arrecadação de roupas (páscoa, dia das crianças etc.)      4. ( ) Datas comemorativas

5. (

) Outros. Quais? \_\_\_\_\_.

20. Nas festas realizadas nas arquibancadas você já foi ou é responsável por alguma atividade específica nos jogos?

Qual? Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Papel picado      2. ( ) Patrimônio do clube (Bandeirões)

3. ( ) Bateria (Instrumentos)      4. ( ) Alimentação

5. ( ) Transporte      6. ( ) Outros. Quais? \_\_\_\_\_.

21. Você diria que sua torcida é de muita violência, pouca violência ou nenhuma violência?

1. ( ) Muita violência      2. ( ) Pouca violência      3. ( ) Nenhuma violência

22. Você já participou de alguma briga?

1. ( ) Sim      2. Não ( )

22.1. Se sua resposta foi SIM. Com qual frequência que você participa de brigas?

1. ( ) Sempre      2. ( ) Às Vezes      3. ( ) Raramente      4. ( ) Não briga

23. Você acredita que a presença das mulheres nas torcidas organizadas pode eventualmente diminuir a violência?

1. ( ) Sim      ou      2. ( ) Não. Por quê? \_\_\_\_\_.

**24.** Abaixo seguem algumas atividades desempenhadas no cotidiano das torcidas organizadas. Identifique abaixo a frequência com que mulheres assumem essas tarefas. Você deverá utilizar uma escala de 1 a 4, em que 4 significa que isso ocorre com muita frequência ou sempre, e 1 que isso muito raramente ou nunca.

- |   |                        |
|---|------------------------|
| 1. ( ) Contribuir na organização do patrimônio (bandeirões) relacionas a aspectos sociais | 2. ( ) Campanhas       |
| 3. ( ) Bateria (Instrumentos)   | 4. ( ) Limpeza da sede |
| 5. ( ) Organização de caravanas   | 6. ( ) Festas na sede  |
| 7. ( ) Roupas específicas para as mulheres das T.O  | 8. ( ) Outros.         |
- Quais? \_\_\_\_\_.

**25.** Quando entrou para sua torcida organizada você sofreu preconceito de pessoas próximas?

1. ( ) Sim.                      2. ( ) Não.

**25.1.** Se sua resposta for SIM, quais seriam eles/as? Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Família      2. ( ) Amigos/as      3. ( ) Emprego      4. ( ) Esposo/a ou Namorado/a  
5. ( ) Outros \_\_\_\_\_.

**26.** Em sua opinião, ter um relacionamento afetivo (namorado(a)/esposo(a)) com alguém de sua torcida facilita ou dificulta sua presença nesse espaço?

1. ( ) Facilita                      2. ( ) Dificulta                      3. ( ) Não influi.

Explique o motivo de sua resposta: \_\_\_\_\_.

**27.** A presença das mulheres na torcida organizada que você participa incomoda os homens dessa mesma torcida?

1. ( ) Sim    ou    2. ( ) Não.                      Por quê? \_\_\_\_\_.

**28.** Existem regras em sua torcida organizada que são direcionadas apenas para as mulheres torcedoras?

1. ( ) Sim    ou    2. ( ) Não. Quais? \_\_\_\_\_.

Se sua resposta foi SIM para a pergunta anterior, responda:

**28.1.** Com que frequência você costuma cumprir essas regras?

1. ( ) Sempre      2. ( ) Às Vezes      3. ( ) Raramente      4. ( ) Nunca

**28.2.** Com que frequência essas regras te incomodam?

1. ( ) Sempre      2. ( ) Às Vezes      3. ( ) Raramente      4. ( ) Nunca

Quais e por quê? \_\_\_\_\_.

**28.3.** Com que frequência você não cumpre as regras?

1. ( ) Sempre      2. ( ) Às Vezes      3. ( ) Raramente      4. ( ) Nunca

Quais e por quê? \_\_\_\_\_.

**29.** Quando você não respeita alguma das regras, quais são as suas estratégias para evitar punições?

R: \_\_\_\_\_.

**30.** Em sua opinião devem existir regras diferentes entre homens e mulheres da mesma torcida?

1. ( ) Sim    ou    2. ( ) Não.

Porquê? \_\_\_\_\_.

**31.** Você acredita que para participar de sua torcida organizada você aceita situações, imposições e/ou regras que possivelmente não aceitaria em outros espaços?

1. ( ) Sim ou 2. ( ) Não.

Por quê? \_\_\_\_\_.

**32.** Se sua resposta foi SIM na pergunta anterior, responda: quais seriam as principais negociações que você acredita fazer para conseguir participar de sua torcida? Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Deixar de usar roupas que gosta

2. ( ) Não participar de jogos que são proibidos para mulheres (jogos indicados como de risco/guerra)

3. ( ) Não se relacionar com integrantes da torcida

4. ( ) Respeitar todas as regras colocadas sem questionar

5. ( ) Não acessar o espaço destinado ao patrimônio da torcida

6. ( ) Outros \_\_\_\_\_.

**ANEXO C – CANTO “SOU TRICOLOR” DA TORCIDA ORGANIZADA BAMOR**

Bamor, Bamor, Bamor, Bamor  
Já sei espancar a raça rubro-negra  
Não deu nem pra começar  
A Young correu  
Lá fora do Maraca a Jovem Fla que se fudeu  
Lá no Mineirão quebrei a máfia cú  
A Tuigay do Vitória que tomou no...  
Não sou de ninguém, eu sou é da Bamor  
E o meu bonde é mais de 100  
Não sou de ninguém, eu sou é da Bamor  
E o meu bonde é mais de 100  
Sou tricolor, eu sou da Bamor  
Sou tricolor, com muito amor  
Sou tricolor, eu sou da Bamor  
Sou tricolor, com muito amor



**ANEXO D – CANTO “VITÓRIA MEU AMOR” DA TORCIDA ORGANIZADA OS  
IMBATÍVEIS**

Não dá pra esconder o que eu sinto por você, Vitória

Não dá, não dá, não dá, não dá

Não dá pra esconder o que eu sinto por você, Vitória

Não dá, não dá, não dá, não dá

Só sei

Que a TUI estremece

A bateria enlouquece

E pelo rubro-negro a gente canta

As bandeiras então se balançam

É o leão que vai jogar

Só sei, que o meu Vitória é bom demais

Êô, êô Vitória meu amor, Vitória meu amor

Êô, êô Vitória meu amor, Vitória meu amor

**ANEXO E – QUESTIONÁRIO ENVIADO PARA AS TORCEDORAS QUE PARTICIPARAM DO 1º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DE ARQUIBANCADA**

**APRESENTAÇÃO:** Olá. Sou Carolina Moraes e realizo uma pesquisa de mestrado na UFBA, no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade com o objetivo de conhecer as torcedoras organizadas que participaram do I **Encontro Nacional de Mulheres de Arqibancada** realizado no Museu do Futebol em 10 de junho de 2017 na cidade de São Paulo. Peço sua colaboração para participar dessa pesquisa acadêmica, que garante o anonimato das entrevistas. Portanto, você pode ficar à vontade para responder.

1. Qual a sua idade?

2. Entre as opções abaixo, com a qual você se identifica?

1. ( ) Branca    2. ( ) Parda    3. ( ) Preta    4. ( ) Amarela    5. ( ) Indígena

3. Qual é o seu nível/grau de estudo?

( ) Fundamental Completo	( ) Ensino Médio Completo	( ) Superior Completo
( ) Fundamental Incompleto	( ) Ensino Médio Incompleto	( ) Superior Incompleto

4. Qual a cidade e bairro de sua moradia?

5. Tem ocupação profissional?

1. ( ) Sim    ou    2. ( ) Não

Qual:

6. De qual torcida organizada você faz parte?

**\*não é obrigatória**

7. Qual sua avaliação do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada (ENMA)?

1. ( ) Muito bom    2. ( ) Bom    3. ( ) Regular    4. ( ) Ruim

8. Como ficou sabendo do I Encontro?

Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Redes Sociais    2. ( ) Integrantes de sua Torcida Organizada    3. ( ) Amigas torcedoras em comum    4. ( ) Outros

Quais:

--

9. Sua torcida apoiou a sua participação no Encontro?

1. ( ) Sim, e disponibilizou recursos para minha viagem e/ou estadia.  
2. ( ) Sim, concordou com minha participação, mas não me ofereceu recursos para isso.  
3. ( ) Não apoiou.

10. Para participar do Encontro você precisou realizar algum tipo de acordo?

1. ( ) Sim    ou    2. ( ) Não

11. Se sua resposta foi SIM na pergunta anterior, responda:

Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Pedir autorização para os membros e/ou dirigentes de sua torcida  
2. ( ) Acordar suas falas e/ou propostas  
3. ( ) Não expor publicamente suas opiniões mais críticas a respeito das dinâmicas internas de sua torcida  
4. ( ) Não estabelecer relações afetuosas com torcedoras de torcidas rivais  
5. ( ) Não falar em nome de sua torcida

6. ( )

Outros

--

12. Você sentiu que seria um problema para dirigentes de sua torcida sua participação nesse Encontro?

1. ( ) Sim    ou    2. ( ) Não

13. Você sofreu alguma represália de membros da sua torcida por participar e/ou expressar suas opiniões no dia do Encontro?

1. ( ) Sim    ou    2. ( ) Não

14. Se sua resposta foi SIM na pergunta anterior, responda: quais você destacaria?

Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Ofensas/xingamentos  
2. ( ) Ameaças  
3. ( ) Punição em caravanas ou jogos  
4. ( ) Expulsão  
5. ( ) Isolamento

6. ( )

Outros

--

**15.** Você considera o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada um marco na articulação das torcedoras?

1. ( ) Sim ou 2. ( ) Não.

Explique:

**16.** O que você achou da participação da Associação Nacional de Torcidas Organizadas (ANATORG) no I Encontro Nacional das Mulheres Torcedoras?

1. ( ) Contribuiu amplamente  
 2. ( ) Contribuiu parcialmente  
 3. ( ) Contribuiu muito pouco  
 4. ( ) Não contribuiu de forma alguma

Explique:

**17.** Em relação ao “*Documento de Proposição do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada*”, você:

Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Teve acesso ao documento  
 2. ( ) Realizou a leitura do documento  
 3. ( ) Utilizou o documento para alguma atividade em sua localidade com as demais torcedoras  
 4. ( ) Não teve acesso ao documento

**18.** O I Encontro contribuiu de alguma maneira em sua articulação local com sua torcida e com as demais torcedoras?

1. ( ) Sim ou 2. ( ) Não

**19.** Se sua resposta foi SIM na pergunta anterior, responda: quais seriam as contribuições que você poderia destacar?

Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Realização de um Encontro Regional  
 2. ( ) Diálogo com dirigentes de sua torcida  
 3. ( ) Articulação com demais torcedoras de outras torcidas  
 4. ( )

Outros

**20.** A partir do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada surgiu um movimento, até o momento inédito em território nacional, chamado “*Movimento de Mulheres de Arquibancada*”. Esse Movimento realizará o II Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada em agosto deste ano. Qual a sua opinião sobre a criação desse Movimento?

1. ( ) Muito bom 2. ( ) Bom 3. ( ) Regular 4. ( ) Ruim

Explique:

--

**21.** Você permanece participando e/ou atuando no Movimento de Mulheres de Arqibancada?

1. ( ) Sim ou 2. ( ) Não

**22.** Quais são as principais ações que o Movimento de Mulheres de Arqibancada desenvolve atualmente?

Marque quantas alternativas forem necessárias.

1. ( ) Troca entre as torcedoras em redes sociais
2. ( ) Realização de novos encontros (regionais e nacionais)
3. ( ) Ações Sociais
4. ( ) Ações em estádios de futebol

## ANEXO F – DOCUMENTO DE PROPOSIÇÕES DO 1º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DE ARQUIBANCADA

São Paulo, 10 de Junho de 2017

### DOCUMENTO DE PROPOSIÇÕES DO 1º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DE ARQUIBANCADA

*Resistência e Empoderamento* foram as bandeiras levantadas durante o **1º Encontro Nacional de Mulheres de Arqibancada** realizado no dia 10 de junho de 2017, das 9h às 18h, no auditório do Museu do Futebol, localizado no estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo.

O evento reuniu aproximadamente 350 mulheres representantes de mais de 50 torcidas e coletivos de futebol, de 12 estados brasileiros (PR, RS, SC, SP, RJ, BA, CE, ES, GO, MG, PA e PE), que em comum apresentaram o desejo de democratizar a participação das mulheres nos espaços das arquibancadas, além de reivindicar a ampliação, aprimoramento e facilitação da presença feminina nos espaços do torcer. A representatividade observada na diversidade de regiões, clubes, torcidas e no número de participantes presentes evidenciam o empenho, necessidade e urgência dos temas abordados no encontro, iniciativa essa sem precedentes nacionais e internacionais.

As proposições abaixo foram reunidas e elaboradas a partir das falas apresentadas pelas torcedoras presentes no evento. Tais sugestões colaboram para a construção de ambientes mais democráticos, equitativos e inclusivos no futebol. Serve também como um instrumento documental relevante no registro da participação das mulheres na história do futebol brasileiro, além de orientar o debate sobre os problemas e desigualdades no âmbito das organizações das torcidas, coletivos, espaços físicos do futebol, autoridades públicas, policiais civis e militares, jornalistas esportivos e representantes da secretaria de esporte do Estado.

Como é sabido, as torcidas organizadas de futebol ocupam um lugar marcante no imaginário social e na opinião pública, de maneira geral. Entende-se que os indicadores apresentados nesse documento podem contribuir para a discussão feita pelos meios de comunicação, bem como para a constituição de políticas públicas adequadas, levando em consideração a contribuição de mulheres que participam há anos e assiduamente de agrupamentos torcedores, assim como daquelas que frequentam individualmente os diferentes ambientes dedicados a esse esporte.

Tópicos	Propostas
1	Realizar novos encontros entre torcedoras: nacionais (proposta de um segundo encontro nacional em 2018), regionais (entre torcedoras do mesmo estado/região) e locais (entre torcidas rivais mesma cidade).
2	Defender a formação e capacitação dos policiais (homens e mulheres) que atuam nos estádios, em especial no trato com as mulheres torcedoras; obrigatoriedade da presença de policiamento feminino em todos os estádios.
3	Propor e cobrar a criação de uma Delegacia da Mulher dentro dos estádios com o intuito de coibir o assédio sexual e moral nas arquibancadas.
4	Aprimorar as estruturas físicas dos estádios mais antigos para atender as demandas de frequentadores mulheres, crianças, idosos, além de contemplar a acessibilidade para pessoas com deficiência e necessidades específicas (banheiros com vaso sanitário, fraldário, corrimão etc.).
5	Criar campanhas unificadas encampadas por diferentes torcidas em território nacional (comunicação de campanhas nas redes sociais com a mesma identidade visual e #).
6	Cobrar a criação de uniformes de clubes oficiais feitos para mulheres (modelos e tamanhos).
7	Defender o direito à liberdade para escolher com que roupa e acessório usar nos

	espaços das arquibancadas.
<b>8</b>	Reivindicar todos os espaços de atuação de torcedores/as: composição em baterias, participação em caravanas, atuação nos departamentos de bandeira/patrimônio e representação nos cargos diretivos das torcidas.
<b>9</b>	Combater o machismo entre homens e mulheres.
<b>10</b>	Reivindicar representação de mulheres na ANATORG (Associação Nacional das Torcidas Organizadas).
<b>11</b>	Cobrar o investimento dos clubes na modalidade do futebol jogado por mulheres e o comparecimento das torcidas no apoio às mulheres dentro de campo.
<b>12</b>	Reivindicar que os direitos do estatuto do torcedor sejam cumpridos por parte dos clubes.
<b>13</b>	Estimular a presença de mulheres nos cargos diretivos de clubes de futebol.
<b>14</b>	Documentar, a partir de fotos e textos, problemas pertinentes aos espaços físicos dos estádios.
<b>15</b>	Reivindicar o auxílio financeiro e moral das torcidas organizadas para a representação de mais torcedoras para os futuros encontros.
<b>16</b>	Defender e estimular a maior participação de homens associados às torcidas e coletivos nos futuros encontros a fim de ouvir as demandas e proposições das mulheres torcedoras.

## ANEXO G – DADOS TABULADOS PESQUISA TORCIDA ORGANIZADA BAMOR

Questões	2. Raça										3. Com quem costuma ir ao estádio?						10. Há quantos anos você é filiada à sua Torcida Organizada?				14. Você diria que nos últimos anos a presença de mulheres vem crescendo nos estádios?				16. Se pudesse expressar em uma só palavra o que a sua torcida representa para você, qual a primeira palavra que você usaria? E a segunda?			
	branca	preta	amarela	indígena	NR	Só	Família	Amigos	Amigos da Torcida Organizada	NR	Libres	NR	SIM	NÃO	POR QUE?	NR	Primeira palavra	Segunda palavra	NR	NR								
1	17				1		1	1			3a	1					orgulho	paixão										
2	19		1					1			1m	1					amor	carinho										
3	21										7a	1					amor	vida										
4	21							1			9a	1					amor	infinito										
5	21		1					1			6a	1					paixão	respeito										
6	22							1			3a	1					amor	carinho										
7	22		1					1			8a	1					amor	admiração										
8	33		1					1			8a	1					somos diferentes	paixão										
9	23		1					1			1a	1					amor	vida										
10	23							1			7a	1					vibração	amor										
11	24		1					1			10a	1					amor	respeito										
12	27		1					1			11a	1					amor	vibração										
13	28		1					1			14a	1					família	amor										
14	24		1					1			10a	1					amor	família										
15	25		1					1			10a	1					amor	sangue										
<b>Total</b>	-	0	9	4	1	0	0	4	4	14	0	15	0	-	-	-	-	-	0	0								



Questões	18. Você costuma vestir com sua torcida para ver jogos fora de sua cidade?										19. Você é responsável por alguma atividade dentro de sua torcida? Qual? Marque quantas alternativas forem necessárias.										20. Nas festas realizadas nas arquibancadas você já teve responsabilidade por alguma atividade específica, nos jogos? Qual? Marque quantas alternativas forem necessárias.										21. Você acredita que a presença das mulheres nas torcidas organizadas pode eventualmente diminuir a violência?									
	Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	NR	Arrendação de alimentos	Doação de sangue	Campanha para arrecadação de recursos	Doações (bolsas, das atividades)	Dados comemorativos (história, das atividades)	Outros, Qual?	NR	Papel picado	Refeições (Brevêtils)	Bateria (Instrumentos)	Alimentação	Transporte	Outros, Qual?	NR	SIM	NÃO	POR-QUE?	NR																
1	1						1						1									1	não listamos essas																	
2					1				1														1	preocupação de ambos impede sq tipo de violência																
3			1										1			1		1						1	a violência não é definida em gênero															
4	1							1	1						1									1	mulhas das vezes as próprias mulheres estão envolvidas em confusão															
5	1										ações sociais em geral da torcida		1											1	mulhas [mulheres]															
6	1							1	1															1	o que tiver de acontecer, acontece															
7	1							1	1						1									1	a presença das mulheres fazem harmonizar o ambiente															
8			1					1	1					1										1	poje não podemos fazer nenhuma das opções no momento															
9					1			1	1															1	não tem interferência															
10			1									1												1	porque algumas mulheres brigam															
11	1							1	1		faço parte do grupo de ações sociais da Baniar													1																
12		1						1	1		estou inserida em quase todas as possíveis													1	infelizmente essa cultura continua (?) acontecendo															
13			1					1	1					1										1	porque eu sou o teros delas															
14		1						1	1															1	existem mulheres que brigam															
15			1								não													1																
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>12</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>11</b>	<b>-</b>	<b>0</b>																

Questões	24. Abaixo seguem algumas atividades desempenhadas no cotidiano das torcidas organizadas. Identifique abaixo a frequência com que mulheres assumem essas tarefas. Você deverá utilizar uma escala de 1 a 4, em que 4 significa que isso ocorre com muita frequência ou sempre, e 1 que isso muito raramente ou nunca.										25. Em sua opinião, ter um relacionamento afetivo (namorado(a) resp(s)oa(s)) com alguém de sua torcida facilita ou dificulta sua presença nesse espaço?				26. A presença das mulheres na torcida organizada que você participa incomoda os homens dessa mesma torcida?				27. Existem regras em sua torcida organizada que são direcionadas apenas para as mulheres torcedoras?			
	Contribuir na criação do patrimônio institucional	Campanhas relacionadas a aspectos sociais	Bateria Instrumentos	Limpeza da sede	Organização de caravanas	Festas na sede	Roucas específicas para as torcedoras	Outros. Quais?	NR	Facilita	Dificulta	Não influ	Explicar o motivo de sua resposta:	NR	sim	não	pq	sim	não (oula para 30)	quais?	NR	
1	1	4	1	2	1	2	4				1				1				1			
2	1	4	3	2	3	2	4			1					1		lugar de mulher é onde ela quiser e tem esse entendimento machismo		1			
3	4	4	1	4	3	4	4			1					1			1				
4	3	4	1	4	2	4	4			1					1				1			
5	1	4	1	2	1	2	4			1					1		a torcida uniu, não tem o porque ter brigas		1			
6	1	3	1	4	1	3	1			1					1		existe muito machismo		1			
7	1	4	3	3	1	3	4			1		os dois curtem juntos			1		ainda existe um pouco de preconceito		1			
8	1	4	1	1	1	1	4			1		quando ambos tem um só propósito objetivo não influ em nada o relacionamento			1		pele contrario, estimula outras a torcerem	1			algumas caravanas não pode ir mulher com torcedor organizado rival	
9				1		1				1		porque não influencia em nada			1						1	
10	1	4	1	2	1	2	4			1		as vezes facilita e dificulta			1		tem caravanas que querem proibir mulheres		1			
11	2	4	1	4	1	3	4		1			porque ambos seriam do mesmo local de convívio			1		porque existe preconceito e machismo		1			
12	1	4	1	2	1	2	4			1		vida pessoal deve ser deixado a parte			1		em alguns quartos, mas vem incomodando bem menos	1			as regras são impostas para todos associados	
13				1			1		1						1				1			
14	1	4	1	4	1	4	4		1			viverem no mesmo local			1		machismo		1			
15	1	2	1	4	1	1	4		1			aumentar os privilégios ou amizades			1			1			não poder ir em algumas viagens	
<b>Total</b>	-	-	-	-	-	-	-	0	4	2	9	-	0	10	5	-	-	4	10	-	1	

Questões	28.3. Como que frequência você <b>participa</b> as regras?					29. Quanto você não <b>aperta</b> a alguma estratégia para evitar punições?					30. Em sua opinião <b>devem</b> existir regras diferentes entre homens e mulheres da mesma torcida?					31. Você <b>aperta</b> que para participar de sua torcida as mulheres <b>precisam</b> fazer mais coisas diferentes das necessárias?					32. Se sua resposta for SIM na pergunta anterior, responda, quais seriam as <b>principais</b> razões que você acredita fazer para a conseguir participar de sua torcida? <b>Marque</b> duas alternativas <b>essenciais</b> .				
	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Quais e por que?	NR	Linhas	NR	SIM	NÃO	POP-OUT?	NR	SIM (responda a 32)	NÃO	Usar de usar fora do espaço de festa	Não participar de jogos que são proibidos para mulheres	Não se relacionar com integrantes da torcida	Respeitar todas as regras cobradas sem exceções	Não usar o espaço destinado ao feminino	Outros	NR				
1									1	regras tem que ser iguais				1											
2									1	tem que haver igualdade entre ambos os gêneros				1											
3	1				não participo das atividades da torcida manter a ideologia				1					1							1				
4									1	direitos iguais															
5									1	somos iguais															
6					apanhar				1	regras iguais como todos os lugares							1				não se relacionar com a torcida				
7									1	porque hoje temos os mesmos direitos, os mesmos objetivos na torcida															
8				1	nunca passei por isso				1	direitos iguais															
9					explicar por qual motivo não cumpri				1																
10					por conta do meu trabalho				1	a regra que tem que ser para um tem que ser para todos															
11					punição da torcida e do meu bonde				1	porque somos iguais															
12					nenhuma				1	porque todos são associados e tem direitos iguais nesse contexto											todas as opções acima, nos membros temos acesso, as regras destinadas são referentes a outra situação				
13					mandando tomar no cu				1	porque melhor poder fazer tudo que quiser															
14					punição do bonde, ter bom convívio com todos, unida				1	direitos iguais															
15		1			regra que foi proibido sem associar a torcida				1																
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>		<b>0</b>		<b>0</b>	<b>15</b>		<b>0</b>	<b>7</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>-</b>	<b>2</b>					



Questões		18. Você costuma viajar com sua família para ver jogos fora de sua cidade? Você é responsável em ou já ajudou na organização de alguma campanha dentro de sua torcida? ou? Marque quantas alternativas forem necessárias.										20. Nas festas realizadas nas arquibancadas você já foi ou é responsável por alguma atividade esportiva nos jogos? ou? Marque quantas alternativas forem necessárias.								
Torcedoras	Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	NR	Acreditação de alimentos	Doação de sangue	Compartilha para Acreditação de roupas	Datas comemorativas (gáscoa, dia das crianças)	Outros: Qual?	NR	Papel pichado	Patrimônio de C/je (Bandeiras)	Bateria Instrumentos	Alimentação	Transporte	Outros: Qual?	NR	
1					1		1													1
2				1			1						1							
3			1				1	1	1				1							
4	1						1	1	1	1			1	1	1					
5			1				1	1	1				1	1	1			foto		
6					1		1	1					1							
7	1						1	1	1				1	1						
8	1							1												1
9							1													1
10		1					1	1	1				1							1
11			1				1	1	1				1			1				1
12																				
13			1				1	1	1					1	1					
14			1				1	1	1											
15							1	1	1											1
<b>total</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>13</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>-</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>-</b>	<b>5</b>	

Questões		2. Você acredita que a presença dos homens nas torcidas organizadas pode prejudicar as mulheres envolvidas?										3. Abaixo apresentamos algumas situações que ocorrem nas torcidas organizadas. Leia e marque com que frequência ocorre em sua torcida ou em sua equipe. Marque com 1 a 4, em que 4 significa que isso ocorre com muita frequência ou no seu espaço.										4. Abaixo apresentamos algumas situações que ocorrem nas torcidas organizadas. Leia e marque com que frequência ocorre em sua torcida ou em sua equipe. Marque com 1 a 4, em que 4 significa que isso ocorre com muita frequência ou no seu espaço.									
Incidências	Sim	Não	NR	Por quê?	NR	Contribui para a violência por meio de: (marque com 1 a 4)	Comentários sobre a situação	NR	Por quê?	NR	Faixa	Dificuldade	Motivos	Exemplos citados de sua torcida	NR																
1	1					1					1																				
2	1					39					1			é sempre presentes no mesmo lugar																	
3	1					4					1			é torcida me deu um mando																	
4	1					4					1																				
5	1					4	porque são velhos da sociedade				1			os caras resistem mais																	
6	1					4	com a presença na organização das festas e torçamos o ambiente harmonioso				1			com ele eu sem beber vinho																	
7	1					99																									
8	1																														
9	1										1			porque vamos ao jogo juntos																	
10						4								porque independe de relação eu sou torcedora																	
11	1					1	primeiro porque é preciso delimitar o que violência se está falando. Violência entre torcedores? Violência policial? Violência institucional? A violência é um fenômeno multifatorial e nenhuma pessoa é reduzida pela "presença feminina" apenas. A presença da mulher na sociedade, longe da linha do "Azul", reduz a violência existente? E não, a resposta dessa pergunta serve para o enunciado. Segundo, que essa se trata de uma compreensão essencialmente machista que associa a mulher ao papel de belicista, a fragilidade, que precisa ser protegida.								é difícil ou difícil depende muito da relação de quem é esse outro. Um fato é que após os fatos meninas terem atestado determinados espaços em virtude de terem se relacionado com diretores e membros dos materiais e bater a mão significa que todos os materiais com quem esses mesmos sujeitos se relacionaram tiveram o mesmo reconhecimento e valorização na T.O. As vezes o oposto acontece, e a menina passa a ser desvalorizada, numa perspectiva de gênero em geral, por se relacionar com um diretor. Então, não existe uma resposta correta para essa questão. Tudo depende muito do contexto, do momento do jogo, da relação, etc.																
12						4	porque normalmente as brigas acontecem por conta dos homens				1				facilita porque existe um caminho muito longo a ser percorrido até encontrar seu espaço dentro da torcida e quando se tem um relacionamento na torcida, acaba encurtando esse caminho.																
13	1					2	independente se é mulher ou não, todos tratados igual a todos, então acredito que não tenha diferença								temo harmonico que faz parte também, mas independente de quem os meus ídolos e faço minha caminhada na torcida																
14	1					4	porque normalmente as brigas acontecem por conta dos homens				1				facilita as vezes tem jogo fora e por participar a quem da torcida não existe aquela discussão de que voce não joga e tal																
15	1					2	não existe a violência ser causada por uma torcida rival, e não em um certo respeito porque tem alguma mulher por parte				1				é de se a ele regular os eventos da torcida, ir ao estádio, participarem de algo e saber que brigantes acabam nos levando																
<b>total</b>	<b>5</b>	<b>9</b>				<b>1</b>					<b>8</b>	<b>0</b>	<b>7</b>		<b>0</b>																

Questões	27. A presença das mulheres na Torcida organizada que vive e participa incomoda os homens dessa mesma torcida?			28. Existem regras, em sua torcida organizada que são direcionadas apenas para as mulheres, torcedoras?			29. A. Com que frequência você não cumpre as regras?			30. Quando você não respeita alguma das regras, quais são as suas estratégias para evitar punições?			31. Em sua opinião devem existir regras diferentes entre homens e mulheres da mesma torcida?							
	sim	não	ou	sim	não (para pra sb)	quais?	NR	Sempre	As vezes	Raramente	Nunca	Quais e por que?	NR	Livre	NR	SIM	RAZO	PORQUE?	NR	
Torcedoras																				
1	1	1		1						1				ter ideologia	1		1	somos humanos porque o que valer pra um tem que valer pra outro também.		
2	1	1		1										conversa e comprometimento		1	1	podemos fazer as mesmas coisas e acar com as consequencias com as consequencias		
3	1	1		1					1					não tem punição nenhuma, as vezes converso		1	1	direitos iguais		
4	1	1		1					1					porque acho errado		1	1	todas as regras devem ser iguais		
5	1	1		1													1			
6	1	1		1													1			
7	1	1		1													1			
8	1	1		1													1			
9	1	1		1													1			
10	1	1		1													1			
11	1	1		1													1			
12	1	1		1													1			
13	1	1		1													1			
14	1	1		1													1			
15	1	1		1													1			
total	4	11	-	6	9	-	0	2	3	0	1		0	-	-	1	14	-	-	0

31. Vezes acredita que para participar de sua torcida organizada você aceita, possivelmente não aceitar em outros espaços?		32. Se sua resposta foi SIM na pergunta anterior, responda: quais seriam as dificuldades/condições que você acredita fazer para conseguir participar de sua torcida? Marque quantas alternativas forem necessárias.									
Questões	SIM (resposta a 32)	NÃO	Deixar de usar roupas que são proibidas para mulheres	Não participar de jogos que são proibidos para mulheres	Não se relacionar com integrantes da torcida	Respeitar todos as cobertas sem exceções	Não usar o espaço destinado ao patrimônio da torcida	Curtos	NR		
Torcedoras											
1	1			1							
2	1			1							
3		1									
4		1									
5	1			1							
6	1			1							
7		1		1		1					
8	1					1					
9		1									
10		1									
11	1									so o debate da homofobia mesmo, de resto há espaço pra tudo	
12	1			1		1				preferir uso de substâncias ilícitas na arquibancada	
13	1										1
14	1			1		1				preferir uso de substâncias ilícitas na arquibancada	
15	1			1							
<b>total</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>1</b>



## ANEXO I – DADOS TABULADOS PESQUISA I ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DE ARQUIBANCADA

Questões	2. Cor										7. Qual sua avaliação do Encontro Nacional de Mulheres de Arribancada (ENMA)?										10. Para participar do Encontro você precisou realizar algum tipo de acordo?										11. Se sua resposta foi SIM na pergunta anterior, responda: Marque quantas alternativas forem necessárias.									
	1. Livre	Etnica	parda	preta	amarela	indígena	NR	MUITO BOM	BOM	REGULAR	RUIM	NR	SIM	NAO	NR	Se você autorizar para os membros a/su/donadora de	Acordar suas ideias/ou propostas	Se você publicamente suas opiniões mais críticas a assembleia de	Se você estabelecer relações com afiliadas com	Se você estabelecer relações com afiliadas com	Não falar em nome de sua torcida	Outros	NR																	
1	30	1						1							1																									
2	24		1				1						1																											
3	30		1				1						1																											
4	23	1					1						1																											
5	27		1				1						1			1																								
6	28	1					1						1																											
7	35	1						1					1																											
8	30		1				1						1																											
9	29	1						1					1																											
10	37																																							
11	26			1			1						1																											
12	28	1					1						1																											
13	32	1					1						1																											
14	28	1					1						1																											
15	24	1					1						1																											
16	26			1			1						1																											
17	23	1					1						1																											
18	29		1				1						1																											
Total	-	10	6	2	0	0	0	13	5	0	0	6	11	1	4	0	0	0	1	1	1	-	0	0																

Questões		16. O Encontro contribuiu de alguma maneira em sua articulação? Marquem as contribuições que você poderia destacar? Marque quantas alternativas forem necessárias.											19. Se sua resposta for SIM na pergunta anterior, responda: quais alternativas foram necessárias?										
15. Você considera o Encontro Nacional de Mulheres de Arqueubancada um marco na articulação das torcedoras?		17. Em relação ao "Documento de Proteção do Encontro Nacional de Mulheres de Arqueubancada", você marcou quantas alternativas foram necessárias?											18. O Encontro contribuiu de alguma maneira em sua articulação local com sua torcida e com as demais torcedoras?										
Torcedoras	SIM	NÃO	EXPLIQUE	NR	Tive acesso ao documento	Realiza a leitura do documento	Utiliza o documento para alguma atividade em sua	Mais vive acesso ao documento	NR	SIM (responda a 19)	NÃO	NR	Realizações de um encontro Regional	Diálogo com dirigentes da torcida	Atuação com demais torcedoras de outras torcidas	Outros	NR						
1	1		É a primeira situação em que mulheres torcedoras dividem o mesmo ambiente para discutir seus problemas comuns e dentro o ambiente de jogabilidade como grande força geradora.		1							1											
2	1		Sim, é importante ver que a rivalidade é apenas dentro de campo, fora como juntas pra correr atrás de um futebol melhor.							1			1										
3				1																			
4	1		Foi uma forma de mostrar que nós mulheres temos força nesse mundo de torcida		1	1				1													
5	1		Primeira vez na história do futebol que se reúne tantas mulheres torcedoras de diferentes clubes e torcidas, apesar de que a mulher sempre fez parte, somente em 2017 houve esse encontro. A mulherada deu aula de futebol, torcida e principalmente RESPEITO!		1	1	1			1			1										
6	1				1	1	1			1													
7	1		Foi inédito e reuniu mais de 300 torcedoras. A maioria não entendeu o verdadeiro intuito. Mas as que entenderam, colaboraram na luta.		1	1	1			1													
8	1		Conseguimos mostrar que a mulher tem muita força nas arquibancadas, além de conseguir criar em um único espaço várias torcedoras de diferentes clubes e organizadas			1				1													
9	1		ACREDITO QUE O ENCONTRO DE TODAS AS TORCIDAS EM ARQUEUBANCADEIRA NOS AJUDOU A CHEGAR EM UM PRAZO CURTO PARA O PACA. FOI UM MARCO MUITO MAIS SIGNIFICATIVO							1													
10	1					1																	
11	1		Não só considero importante como acho fundamentais as articulações que foram tiradas ao passado e a extensão do movimento que o considero como um braço aliado das lutas contra todas as formas de violência contra a mulher.		1	1				1						Pensamos em possibilidades de encontros locais para debates desta temática bem como propostas dentro do nosso Clube e torcida							
12	1				1	1	1			1													
13	1		Com certeza é, mas como disse lá, isso ocorre naturalmente decorrente à participação direta e frequente na torcida, sabendo respeitar a hierarquia. SE DANDO AO RESPEITO, e fazendo o que se deve fazer dentro da torcida, apoiar e incentivar sempre							1													
14	1		Pois foi o primeiro encontro nesse sentido de reunir as Torcedoras organizadas em sua categoria							1													
15	1		Foi tão demais. Muita mulher junta, batalhando por algo que acontece e para homens. Torcidas rivais todas lutando por isso lugar nas arquibancadas							1							Sim claramente. Minha torcida nunca teve oficialmente um contatado feminino e hoje 12/06/2018 fizemos 1 ano de oficialização						
16	1				1	1																	
17	1		Foi maravilhoso compartilhar das mesmas coisas com aquele bando de mulher de arqueubancada. Eu nunca vou me esquecer daquele dia. Dada, Naby, e tantas outras, são maravilhosas. O terem nos proporcionado isso							1				1									
18	1		Sou um documento		1	1																	
Total	16	1	-	1	11	11	4	4	1	10	6	2	1	5	6	0	0						

**ANEXO J – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO 1**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Instituto Multidisciplinar em Saúde  
Campus Anísio Teixeira  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

*Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade*

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**



Eu Adla Cristina Ganam Ferreira, RG. 10317774, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de uso do depoimento através do presente termo, a pesquisadora (Carolina Farias Moraes) do projeto de pesquisa intitulado "As torcedoras querem (poder) torcer" a utilizar as entrevistas e/ou depoimentos que se faça necessário. Ao mesmo tempo, libero a utilização dos depoimentos, em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Salvador- BA, 25 de 11 de 2017.

*Adla Cristina Ganam Ferreira*

Participante da pesquisa

**ANEXO K – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM 1**

 <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA Instituto Multidisciplinar em Saúde Campus Anísio Teixeira COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA</p> <p><i>Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade</i></p> <p><b>TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS</b></p> <p>Eu Juliana Souza dos Santos, RG. 1340199629, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem, através do presente termo, a pesquisadora (Carolina Farias Moraes) do projeto de pesquisa intitulado "As torcedoras querem (poder) torcer" a realizar as fotos que se façam necessárias. Ao mesmo tempo, libero a utilização desta foto, em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).</p> <p>Salvador- BA, <u>10</u> de <u>07</u> de <u>2018</u>.</p> <p> _____ Participante da pesquisa</p>
--

**ANEXO L – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM 2**

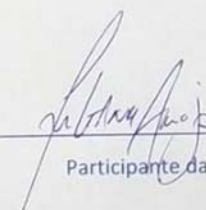
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Instituto Multidisciplinar em Saúde  
Campus Anísio Teixeira  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

*Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade*

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Juliana Coelho de Araújo, RG. 1586230530, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem, através do presente termo, a pesquisadora (Carolina Farias Moraes) do projeto de pesquisa intitulado "As torcedoras querem (poder) torcer" a realizar as fotos que se façam necessárias. Ao mesmo tempo, libero a utilização desta foto, em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Salvador- BA, 04 de 07 de 2019.

  
\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa